

REVISTA DA SEMANA

13-1-45

N. 2





Dr. Carlos Buarque de Macedo, introdutor diplomatico do Itamarati, Mme. Vitor Lay, dr. Flavio Brant e Condessa Krasicki.



Baronesa Reininghaus, dr. Plinio Uchôa, sr. Aguirre, encarregado dos negocios da Argent'na, princesa Caroline Cratoryka, S. M. rei Carol e a embaixatriz do Equador.

REAL VISITA AO "ATLÂNTICO"

Fotos de HALFELD

Crônica de ELZA

Foi naquela terça-feira chuvosa, que marcou o segundo dia de 1945, que a sociedade carioca se reuniu no Cassino Atlântico para homenagear S. M. o rei Carol de Rumania. E, enquanto a orquestra tocava um "blue" melódico ou um samba bem brasileiro, a conversa transcorria animada entre os convidados.

Pouco a pouco o "grill" atlântico foi adquirindo logo aqúella nobreza palaciana que só lhe poderia comunicar a presença de tão destacadas personalidades.

Podia-se notar, entre outros, a princesa Czartoryska, arquiduquesa da Austria e pertencente à ilustre família dos Habsburgos, e a sempre bela madame Lupescu, numa elegante "toilette" negra.

Realmente encantadora, dançava a princesa Carolina num "soirée" branco com rendas negras com o sr. Rolando Aguirre, secretário da Embaixada Argentina, enquanto a palestra prosseguia animada entre o príncipe Constantin Czartoryski, o anfitrião, e a insinuante srá. Nenete de Castro.

Estavam presentes também à deliciosa e principessa reunião a srá. Flavio Brant, em renda negra; a srá. Beatriz Cerquinho, "tout en bleu"; srá. Vitor Lage, sempre encantadora; a condessa de Gontaut Biron, num elegante "imprimé"; sr. ministro da Suíça e senhora; a condessa Krasicki; srá. Zelia Lage; sr. embaixador do Equador e senhora; sr. ministro Urdarianu e senhora; barão e baronesa de Reininghaus; príncipe Sanguszko; sr. Almeida dos Reis; sr. Plinio Uchôa; sr. Vitor Lage; sr. Borges; sr. Renault Lage e sr. Flavio Brant.

No início do "show" foram executadas, em homenagem a S. M., melodias populares da Rumania, num gesto fidalgo da direção artística.

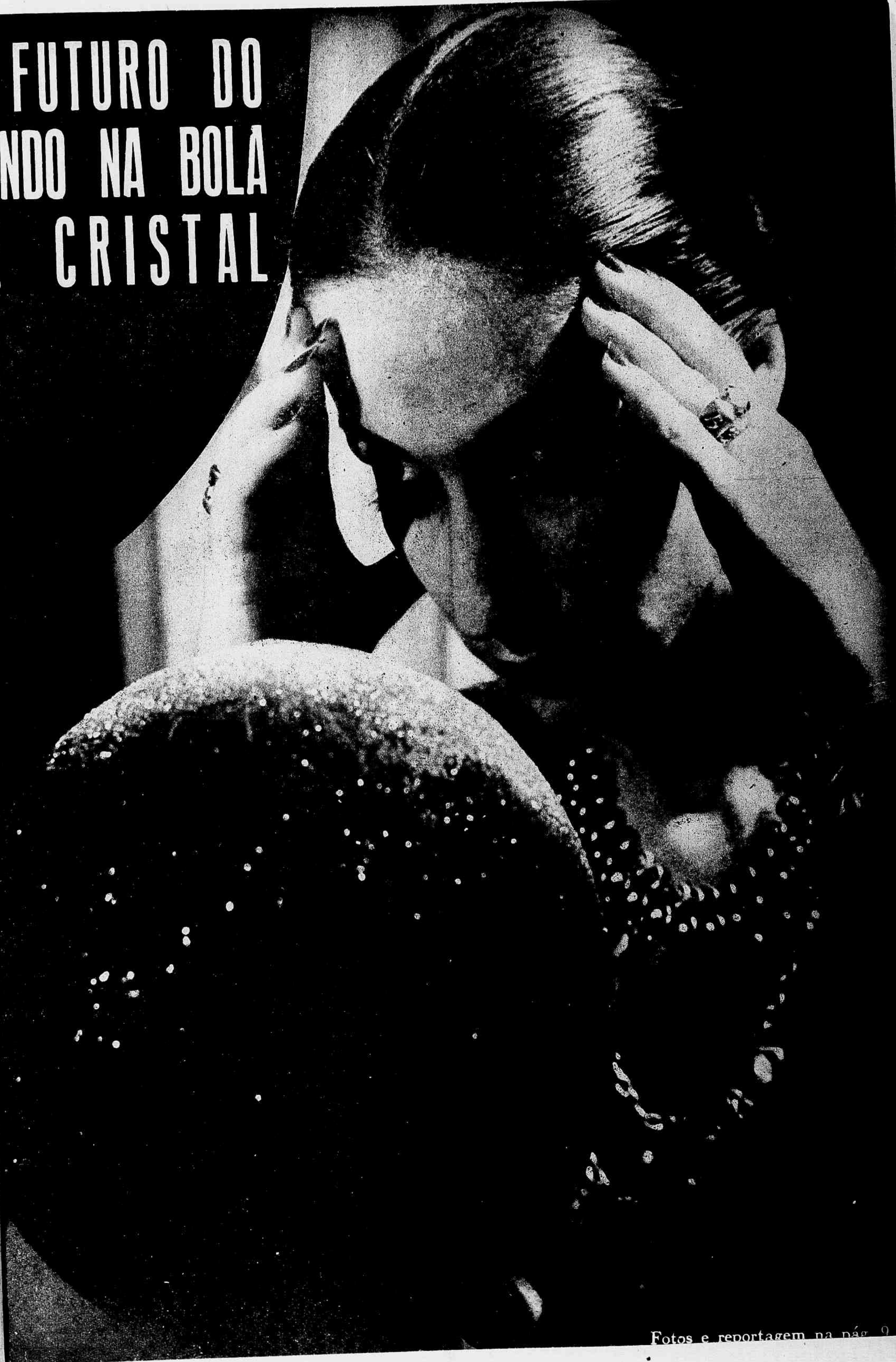
Ao deixar o ambiente simpático e acolhedor da "boite" atlântica, cujo "hall" se transformou subitamente numa ante-câmara real, levou S. M. uma grande impressão manifestada juntamente com os seus agradecimentos ao príncipe Czartoryski.

S. M. rei Carol, ao lado da embaixatriz do Equador.



FUTURO DO MUNDO NA BOLA E CRISTAL

em
can-
uiça
ora;
zko;
e e
lares
rans-
stada



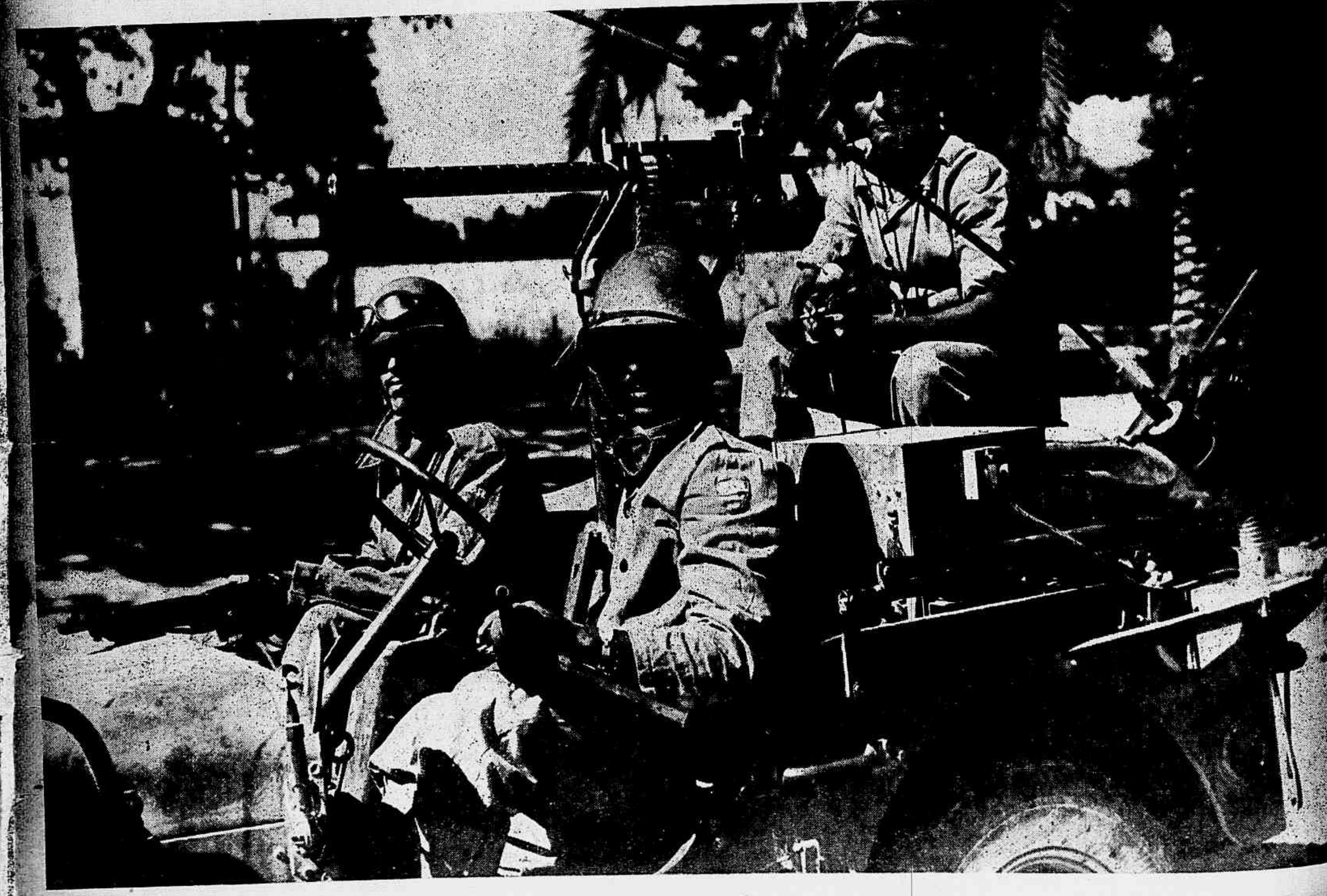


4

A GUERRA EM MARCHA

A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA ITÁLIA. — Soldados de uma unidade de engenharia da F. E. B. aqui vistos construindo uma ponte sobre um canal, nas proximidades de Pisa. A estrutura de concreto, parcialmente destruída pelo fogo dos canhões, foi utilizada para a construção da ponte. E esta é colocada em pleno funcionamento num reduzido espaço de tempo, facilitando a passagem de nossas tropas.

NOSSOS PATRÍCIOS NA VANGUARDA. — Fotografia de soldados brasileiros, em baixo, dos que faziam parte da vanguarda que penetrou na primeira cidade a ser libertada pela F. E. B. Da esquerda para a direita vemos: sargento Plínio Gonçalves de Lima, de São Paulo; soldado José Marques Neto, e, atrás, mais ao alto, Herbert Gonçalves, cumpriram a promessa de levar o pavilhão brasileiro ao território inimigo.



NO RIGOR DA LUTA. — Este é um flagrante precioso e mesmo histórico, apanhado quando soldados brasileiros, embrenhados na floresta, atiram contra o inimigo nazista, expondo as próprias vidas. Nele aparece o general Euclides Zenobio da Costa, comandante da nossa infantaria, quando fazia inspeção de uma posição avançada de suas tropas. Confundindo-se com as "praças", o bravo militar orienta os soldados sobre o rumo exato da pontaria. (Fotografias do Serviço de Informações do Hemisfério).



Iniciou-se com grande brilhantismo o vasto programa turfístico organizado pelo Jockey Club Brasileiro para 1945.
Na tarde do domingo último o Hipódromo da Gávea apresentava um aspecto festivo e ale-

JOCKEY CLUB MUNDANO

gre, enfeitado, como sempre, pelo encanto e graciosidade das elegantes "turfwomen".
Aqui reproduzimos alguns aspectos do grande acontecimento social e esportivo que foi essa notável tarde turfística.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLVI -- 13-1-945 -- N. 2

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Enderço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia.
Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal
434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.
Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Sumário

LITERATURA

O Sol (Maurice Lavel).....	19
Semana Diplomática (Eseragnolle Doria).....	22
O Caso da Dama em Apuros (Agatha Christie).....	23
Livros Novos (J. L.).....	24/25
A Conquista (Silveira Junior).....	30/31

REPORTAGENS:

O futuro do mundo na bola de cristal (Celius Aulicus).....	3 e 9/14
Jockey Club.....	6
Figuras e Fatos.....	21
Arte Brasileira em Londres.....	26
Pernambuco na administração Agamenon Magalhães.....	35/42

CURIOSIDADES:

Eles saltam assim.....	15/17
Nas planícies da Grã-Bretanha.....	32/33

SEÇÕES:

A Guerra em Marcha.....	4/5
De Rádio (Djalma Maciel).....	18
De Música (Roberto Lyra Filho).....	20
Coisas do Brasil.....	34

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	27
-------------------------------	----

BOAS-FESTAS

Agradecemos e retribuímos os votos de Feliz Ano novo que por cartas, cartões e telegramas recebemos, ainda esta semana, de: Bibi Ferreira e sua Companhia de Comédias, Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro, Solange Neto de Ouro Preto, Barcellos, Pertaso & Cia., Empresa de Propaganda Poyares Ltd., Brito Oliveira & Cia., Colégio Pan-Americano, S. A. Magalhães, Comércio e Indústria, Revista "Universal", Sociedade de Auxílios e Beneficências Estrela, Carvalhal, de Caravelas, Bahia, Federação Atlética de Estudantes e Alfredo Souza, de Salvador, Bahia.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ansias e vontade de vomitar, biliosidade, arrêtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

...

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

...

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

Modelos para 1945.....	28/29
Para obter plastica perfeita.....	50
Outros modelos.....	52/54

CARICATURAS:

Charge de Raul.....	56
---------------------	----

Nossa Capa

É de Rita Hayworth, a encantadora "estrela" da Columbia, cuja apresentação de tão renarcado sucesso se fez no filme "Modelos", a fotografia da nossa capa no presente número. Comediante e bailarina de esplendidos recursos, ela soube impôr-se ao nosso público sendo, agora, uma de suas favoritas, prestigiada por um trabalho de real destaque como o que nos ofereceu na mencionada película.

Pelas muitas páginas desta edição, encontrará o leitor, além das seções habituais, leitura farta e variada. A destacar, a palpitante reportagem obtida com a pitonisa grã Mme. Stenius que nos faz prevêr o desenrolar de alguns agradáveis acontecimentos, no transcurso do ano agora no início. Nosso departamento feminino proporciona às leitoras da REVISTA, alguns sugestivos figurinos para 1945 e outras informações de grande interesse para as senhoras e mocinhas que nos lêem. São vários os contos e novelas incluídos ainda nesta edição, onde sobressaem uma ampla reportagem feita em Pernambuco sobre as atividades da administração Agamenon Magalhães e uma interessante documentação foto-

REVISTA DA SEMANA



gráfica sobre a técnica dos paraquedistas norte-americanos.

Por absoluta falta de espaço vamos nos privados de dar, hoje, outro capítulo da novela de Berliet Junior "Covardia", podendo anunciar aos leitores que dentro de uma ou duas semanas teremos concluído essa publicação.

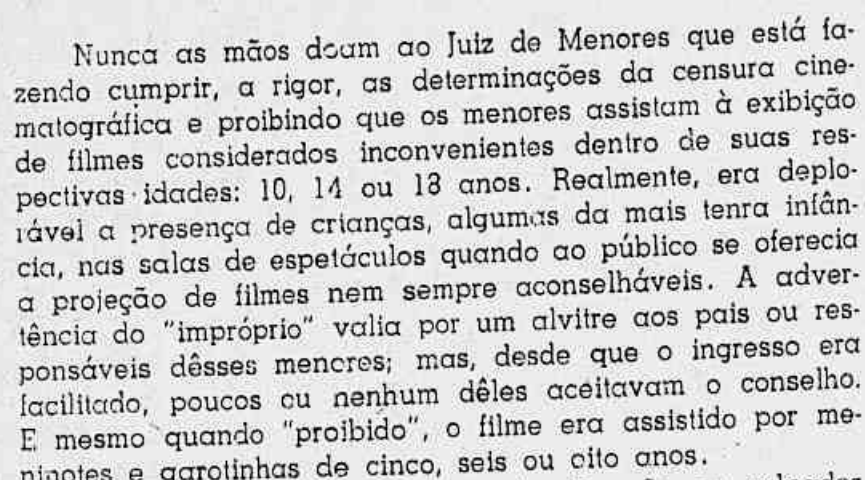
Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

OS MENORES EM ORDEM DO DIA



O simples fato de proibir o ingresso das mesmas nos cinemas, depois das vinte e duas horas, ou quando não tenham completado cinco anos de idade mesmo ao se exibirem filmes não impróprios nem proibidos, não será o suficiente para defendermos nossos filhos das inconveniências e dos exemplos nocivos à sua formação espiritual. Será mister que se faça muito mais, e, quem sabe se o Juizado de Menores não estará disposto a levar mais adiante a sua função! Vamos, então, pôr um cêbro ao deprimente espetáculo das crianças abandonadas, esfomeadas e maltrapilhas, que batem de porta em porta mendigando restos de comida e privando com os meninos que tem pai e mãe e não vão ao cinema para não aprenderem coisas feias, que podem, todavia, ser ensinadas pelos desamparados soltos na rua. Vamos acabar com os pares de namorados que se penduram nos portões, aos olhos inocentes das crianças impedidas de ir ao cinema, sobrando-lhes tempo para assistir a êsses outros espetáculos não menos nocivos. Namorados "dretetidos", entregando-se a edificantes idílios, principalmente nas ruas onde o arvoredo favorece suas arremetidas "sentimentais". Vamos, também, dentro dos cinemas, terminar de vez com os "maiores" insolentes e mal-educados que ali praticam cenas rebarbativas, sós ou acompanhados de tristes moças que, essas sim, não tem responsáveis em casa pela sua formação espiritual. As sessões cinematográficas em certos cinemas de bairro atingem proporções de verdadeiro escândalo, principalmente depois das vinte e duas horas. Talvez por isso mesmo proíba-se que os menores ali permaneçam... Mas aos adultos, de espírito bem formado, não devemos impor a obrigação de assistir a dois espetáculos — o da tela e o outro, muitas vezes mais inconveniente, na platéia.

Eis por que, repetindo a frase com que iniciamos êste comentário, afirmamos: Nunca damos as mãos ao Juiz de Menores, fazendo cumprir, a rigor, as determinações da censura cinematográfica e proibindo o ingresso de menores quando se exibem filmes inconvenientes. Mas isso não é tudo. Poupeemos a essas mesmas crianças, fora dos cinemas, espetáculos não menos reprováveis. E lembremo-nos: todos nós já fomos crianças...

Parece que a Exposição Roncador-Xingú vai voltar sem ter atingido o seu objetivo essencial, que era o de penetrar no território dos índios Chavantes. As notícias são desconcertadas e pouco esclarecedoras ainda, quando redigimos este tópico, mas é o que fazem prever. Telegrama de Goiânia, procedente de Barra das Garças, disse-nos existirem indícios seguros de que os perigosos selvícolas teriam entrado em choque com os brancos da referida expedição, aguardando-se detalhes. Os despachos alegam que nas margens do rio das Mortes, "os índios Chavantes estavam rondando os acampamentos dos civilizados". Ora, em que pese a nossa admiração pelos bravos rapazes da expedição, não deixa de ser estranho o termo "civilizado" no caso em apêço. Viviam

os indígenas tranquilos em suas regiões quando os "civilizados" se lembraram de lhe penetrar os domínios. Claro que subsiste, aí, o legítimo direito de defesa, e se a expedição à zona do Roncador-Zingú não agir com muita prudência, mas fizer correr sangue, a chacina será tremenda e aquela iniciativa resultará menos feliz. Nasceram os Chavantes naquelas glebas, ali mantêm tradições dentro da sua maneira de viver. Já quando se esboçaram os primeiros trabalhos dêsse empreendimento, foi Cândido Rondon quem se apressou, devidamente autorizado, a recomendar toda a prudência, ou do contrário seria o primeiro a condenar essa expedição. São também brasileiros os habitantes daquela zona, e não há por que nos considerarmos "civilizados" só porque desejamos convencê-los de serem preferíveis os nossos hábitos. Vá lá que sejam. Mas não vamos repetir as tristes façanhas dos desbravadores de outrora, a quem devemos tantos bons serviços, é verdade, mas também outros tantos desserviços. A perseguição a qualquer povo, a qualquer raça, está fora dos princípios por que nos batemos na guerra. O problema dos Chavantes não é tão fácil de resolver quanto o julgam alguns mais levianos. Fazemos trazer para o nosso convívio os bravos selvícolas, mas, se realmente somos civilizados, usando de processos racionais e não com o recurso esmagador da metralhadora. Acosar os Chavantes à mão armada, tirando-os de suas tocas só porque desejamos tomar-lhes o território, seria desumano e estaria muito longe de justificar o termo "civilizados". As tabas dos indígenas representam para eles um modo de viver também racional. Suas crendices e superstições não podem eliminar-se a tiro de metralhadora. Eles têm suas tradições, seus antepassados, seus dogmas que precisamos respeitar. E não foi com outros intuitos que se articularam os trabalhos da notável expedição ao Roncador-Xingú. Esperemos, portanto, que o choque não tenha se consumado. E se os expedicionários voltarem das imediações do rio das Mortes sem terem atingido seu objetivo, terá sido muito preferível a registrarmos, de um instante para outro, qualquer chacina que não envergonharia apenas aos selvícolas ditos "não civilizados".



Em má hora o genial cômico cinematográfico se lembrou de interromper suas atividades profissionais, porque, desde então, cumprindo uma lei imutável do destino, seu nome continuou em cartaz, mas agora nas mais deploráveis circunstâncias: herói de outras dolorosas farsas, estas ocorridas na vida real. Se em seus filmes Charles Chaplin invariavelmente acaba mal, pagando pelo que não fez, "comendo" cadelas ou esquecido da moça bonita a quem cortejou no transcorrer da história, nas aventuras sentimentais onde é protagonista e ocorridas não na ficção do cinema, porém na realidade do seu dia-a-dia, as coisas não se passam de modo muito melhor. Um dia, a "estrêla" Joan Barry lembrou-se de acusá-lo da paternidade de uma garotinha que havia dado à luz, e, nesse tempo, ambos — Carlitos e "miss"

do mundo meses antes, só porque, em outros tempos, ambos — Carlos e Miss Barry — haviam se divertido um bocado. Talvez não fôsse mais que um "test" para o papel que a pequena devia desempenhar no próximo filme do herói de "Tempos Modernos", mas tanto bastou para que a mesma lhe atribuisse aquela inoportuna paternidade. E, desde aí, o pobre Carlito tem sofrido seus maus bocados, compadreando à barra dos tribunais sob a acusação mais infame que se pode fazer a um cidadão de sua categoria social e da sua idade, lá dêle. Enfim, a primeira fase do processo terminou melhor do que se podia esperar: com o arquivamento da petição inicial, provado e comprovado que Chaplin não seria, de modo nenhum, o pai da criança. Mas o caso não ficou por aí, porque outros telegramas vieram esta semana, anunciando ter o advogado de Joan Barry voltado à carga, exigindo a revisão do processo e batendo na mesma tecla, com uma pequena diferença: em lugar de lhe atribuir a paternidade de uma menina de 14 meses, o advogado o acusa de ser pai de uma menina de 15 meses... Claro que a criança é a mesma, e seria muita violência admitir que já fôsse outra. Apenas a filhinha de Joan Barry envelheceu um mês. Daqui a trinta dias Carlito estará sendo vítima da mesma acusação, mas envolvendo uma criança de 16 meses, e assim sucessivamente. A idade, no caso, importa muito pouco. O essencial é que a acusação subsiste, e não foi ainda desta vez que o intérprete famoso dela se libertou. Ora, sem pretender o julgamento do processo por nossa conta, limitamo-nos a estranhar que um cavalheiro cuja certidão de idade foi extraída há mais de meio século, ande às voltas com assuntos escabrosos dessa natureza. Fôsse Carlito um João-ninguém, como aparenta em seus filmes, andasse pelas ruas — e não apenas na tela — de calças remendadas e sapatos sem salto, não tivesse conta bancária nem outras manifestações de riqueza, e apostamos em como o deixariam na mais completa paz do Senhor. Também, fôsse Carlito o "pronto" que nós habituamos a ver no cinema, e nenhuma Joan Barry lhe daria confiança...

Assim devem meditar, intimamente satisfeitos, os Carlitos da vida real, os Carlitos de verdade, sem recursos para garantir a subsistência das "estrelas" e de suas filhinhas cujos pais resultam incógnitos...

Estamos distanciados a menos de um mês do sábado gordo e continuamos discutindo se deve ou não haver Carnaval este ano. Seria melhor afirmar que a discussão abrange, simplesmente, a possibilidade de ser ou não comemorada a chamada "festa máxima do povo", pois Carnaval, propriamente dito, haverá de qualquer maneira, por força do calendário. As opiniões estão divididas. Os que tem interesse de indústria, de qualquer modo associados às conveniências de ser realizado o Carnaval, defendem esse ponto de vista com unhas e dentes. Ainda um destes dias ouvíamos, pelo rádio, uma série de improperios violentos, embora ditos em ar de troça, contra os jornalistas que, pelas colunas da Imprensa, tem feito lembrar, com muito acêrto, o fato de esta-

rem alguns milhares de nossos patriotas lutando com a adversidade de um inimigo feroz e enfrentando ainda, de contrapêso, o mais terrível inverno que os rapazes brasileiros ora na Itália com certeza já conheceram. Se estamos em guerra, há consequentemente mortos e feridos entre os nossos amigos e parentes; há ainda pais, esposas e irmãos cobertos de luto, não em qualquer país distante, mas aqui mesmo, na capital da República. Desejaríamos saber qual terá sido a reação manifestada no espírito e nos nervos de quantos tem pessoa de família no "front", lendo ou ouvindo a defesa dos carnavalescos inveterados. Pelos modos, tudo faz crer que as autoridades não estão dispostas a baixar qualquer impedimento oficial. Não haverá, pois, proibição declarada, mas prefere o governo, talvez acertadamente, deixar que nós próprios nos manifestemos. Enquanto isso, por iniciativa do Tijuca Tennis Clube, reúnem-se os diretores de várias entidades sociais, para discutir o caso. Deve ou não haver Carnaval na sede desses clubes? Teremos ou não os imponentes bailes dos quatro noites de folia? E os dias passam, não há visivelmente entusiasmo nem coisa parecida. Apenas surge o repertório carnavalesco em gravações e programas radiofônicos, quando os jornais se abstêm de oferecer suas páginas, como acontecia em tempo de paz, para a divulgação do noticiário folião por excelência. As casas de artigos carnavalescos não se atrevem a expor suas mercadorias desse gênero, certamente porque não estão dispostas a sofrer prejuízos adquirindo tais artigos que poucos ou nenhuns irão comprar. De nossa parte, limitamo-nos a fazer o registro das ocorrências reais em relação ao Carnaval, e assim, até agora, menos de trinta dias distantes do período de Momo, vemos a cidade às voltas com os seus problemas naturais de tempo de guerra, as fisionomias pouco inclinadas a uma adaptação súbita ao "ambiente da farra" para essa diversão. Chegam-nos telegramas da Europa anunciando que os soldados brasileiros se aprestam para participar das batalhas decisivas que os levarão às portas de Berlim, enquanto o inimigo, que se julgava aparentemente derrotado, está ainda com algumas, embora derradeiras, parcelas de energia na resistência. Haverá mais mortos e mais feridos até conseguirmos atingir a vitória que anda cantada e decantada nos versinhos de nossos ingênuos sambistas. Um Carnaval da Vitória será festejado espontaneamente no dia em que esta surgir, seja em que mês for, mas não acreditamos que esteja tão próximo.

Em face dessa realidade intrínseca, também nós perguntamos: há ou não há? Falem os interessados. Mas não será apenas porque o defendem aqueles que de algum modo ameaçam seus cruzeiros com a "festa máxima do povo", que ela irá realizar-se. Outros motivos mais fortes e ponderáveis falam mais alto. E antes não existissem esses motivos...

O ASSASSINATO DE HITLER PREVISTO POR UMA GRANDE PITONISA — Mme. STENIUS, ADIVINHA GREGA, FAZ PREVISÕES PARA 1945 — A MISSÃO DAS AMÉRICAS NO APÓS GUERRA — UM DRAGÃO AMEAÇA A RÚSSIA

Escreveu CELIUS AULICUS

Fotografou ARNALDO VIEIRA

A marcha do tempo, trazendo as evoluções científicas e as descobertas arrojadas dos conhecimentos humanos, rasgando o véu dos mistérios que anteriormente sempre pareceram insondáveis à humanidade infante, tirou aos homens muitas ilusões e derrubou a coluna mestra de credências e superstições milenares.

Assim pereceram as lendas medievais de tanto encanto e de tanto romantismo místico, mortas pela força das leis científicas; e as velhas bruxas e quiromantes, que as fogueiras inquisitoriais não conseguiram exterminar, foram morrendo uma a uma, pela força da bússola, da máquina a vapor, do termômetro e dos motores à explosão.

E hoje, quando alguém diz que viu e ouviu um adivinho, todos os olhares se voltam incrédulos ou irônicos para ele e mucochos de descrença se ouvem em torno.

Queremos, entretanto, agora, revelar a existência e as profecias da última das adivinhas existentes no mundo, uma perfeita discípula de Nostradamus e Gagliostro, que encontramos no Rio, num aparta-

mento de luxo em Copacabana, vivendo como qualquer grã-fina praiana.

A sua originalidade só se notava nos objetos que compõem sua incrível bagagem, herança de seus maiores, também adivinhos notáveis, de ambos os lados de sua árvore genealógica antiquíssima.

Esta notável quiromante vamos agora apresentá-la ao público, embora muitos não crêem que uma simples bola de cristal possa fazer a um ser humano revelações do futuro, o que é realmente inacreditável neste século louco do avião e da penicilina.

Mas a marcha do tempo, através do caminho tortuoso dos séculos e dos milênios, vem marcando, dia após dia, tragédias e revoluções que escapam à compreensão humana, trancada dentro da sua pequenez ínfima, humilhada diante da sequência incomensurável dos minutos, que nos põe sempre diante dos olhos a grande escuridão do futuro, a ampla incógnita do destino.

E a nossa incapacidade em deslumbrar um raio de luz no labirinto sinuoso do desconhecido, nos aperta o coração e

nos atormenta a alma, cada vez que necessitamos tomar uma atitude, cada vez que tentamos prever as consequências de qualquer de nossos atos.

Existem entretanto seres extraordinários, homens ou mulheres dotados de um dom divino ou diabólico, que à simples visão de uma bola de cristal ou de um pacote de cartas de baralho, se comunicam com o sobrenatural, tomando-se de uma força estranha que os faz capazes de vislumbrar os dias passados e futuros com a nitidez de uma cena cinematográfica.

Um destes estranhos adivinhos, perseguido na Idade Média pela ira de um senhor feudal, viu-se obrigado a refugiar-se nas montanhas sérvias, para escapar à fogueira.

Ali casou-se e legou a sua arte e a sua ciência ao filho, que se transportou, logo após a morte do pai, para as planícies da Grécia.

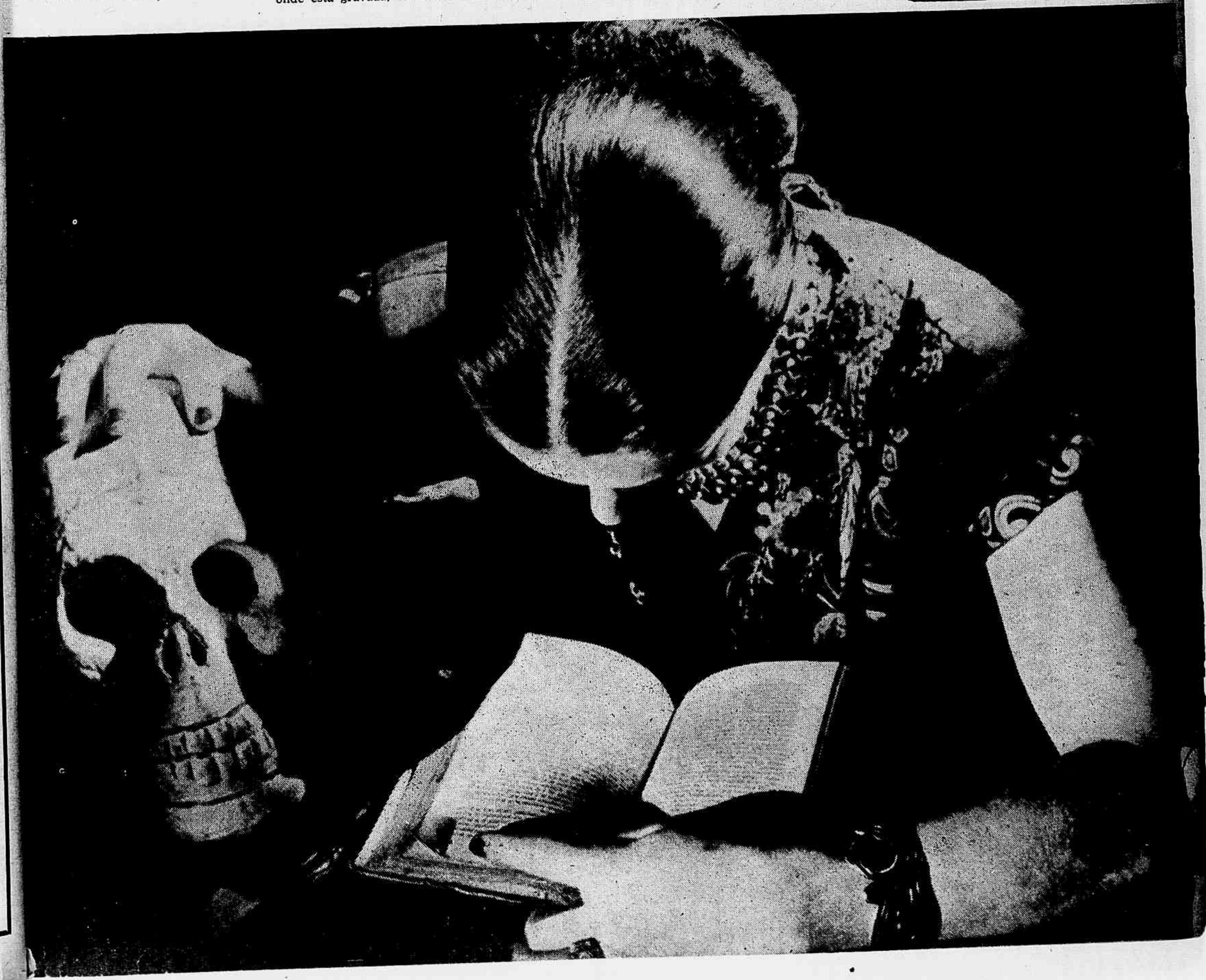
Ali tornou-se logo um adivinho famoso, mestre da quiromancia, procurado por todos os que necessitavam de um bálsamo para os seus males, ou de uma bússola para a sua vida.

O FUTURO DO MUNDO NA BOLA DE CRISTAL

Este célebre quiromante, conhecido pelo nome Stenius, foi perseguido pelos sábios e pelos grandes de Constantinopla, quando se tornou pública a sua profecia sobre a queda do Império do Oriente. Cinquenta anos mais tarde Bisâncio era tomada e Stenius se viu processado pelos tribunais, acabando devorado pela fogueira, numa tarde de sol, sendo enterrado no local onde morrera. Sobre as suas cinzas foi plantada uma oliveira, para que o seu espírito se prendesse à terra e não pudesse mais voltar ao mundo dos vivos, sob qualquer forma.

O mago tinha deixado dois filhos — um rapaz e uma menina, de quem já eram conhecidos todos os mistérios intrincados da arte da quiromancia. Perseguidos também, recolheram-se à casa de um amigo, que gozava da amizade de todos, conquis-

Mme. Stenius, cabisbaixa, concentrada, enquanto afaga com a dextra o crânio humano que sempre a acompanha em seus trabalhos, folheia com a sinistra um livro misterioso, onde está gravada, em letras góticas sobre o pergaminho velho, a ciência de seus antepassados.



"Vejo em sua vida uma linda morena". Assim falou-nos Mme. Stenius. Mas sem enderêgo, sem bússola, após uma noite de tormentosa insônia, procurámos em vão a mulher de nosso destino. A pitonisa se foi sem deixar vestígios. E a linda morena que ela nos prometera perdeu-se dentro da bola de cristal.

A ÚLTIMA DOS STENIUS

O ramo egípcio da família Stenius proliferou e prosperou, ganhando fama e riqueza. Nunca, porém, era por qualquer dêles esquecida a quiromância, cujos mistérios eram sempre legados ao filho ou filha mais velho, para que essa herança tradicional ficasse sempre na família, através das idades.

Assim aconteceu até que os segredos da arte de desvendar o futuro fôssem confiados por seu pai ao jovem Fuad Stenius que, nesta altura, em 1900, contava 16 anos de idade. Morto o seu pai, Fuad leu tudo o que se relacionava à sua genealogia, terminando por deduzir que existia na Grécia um ramo de sua família. Levado então por uma força superior, o jovem empreendeu, em 1910, uma viagem às terras helênicas, a fim de encontrar-se com seus parentes gregos, se acaso alguns dêles ainda existissem.

Peregrinou cinco anos por Corinto e pela Trácia, atravessou em todos os sentidos a Beócia, sem resultados satisfatórios.

Um dia, estando em Atenas, pronto a empreender a viagem de regresso ao Egito, Fuad depara com uma tenda de quiromante. Na porta um letreiro em grego antigo: "Tahis Stenius — Desvenda o futuro".

ladores e vencidos. A moça acabou casando com um turco e o jovem, feito mar-

rinheiro, desembarcou em Alexandria, viajou pelo deserto e, tendo-se casado com

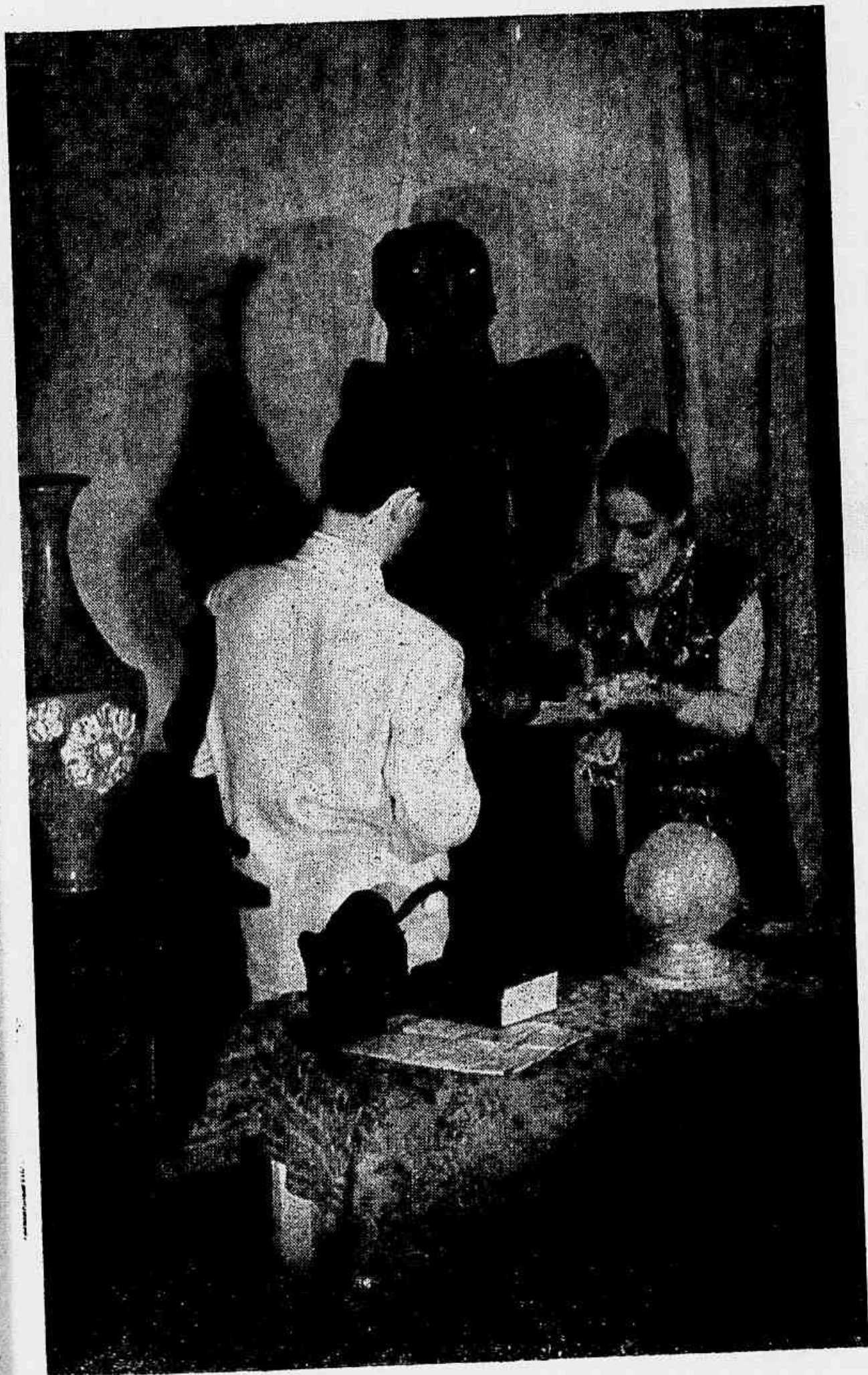
uma egípcia, passou a residir junto às margens do Nilo.

Os belos olhos rasgados da pitonisa estão fitos na bola de cristal, que vai lhe revelando através de símbolos misteriosos, o futuro dos homens e das nacionalidades. E ela fala mansamente, com seu sotaque adorável, em revoluções e catástrofes.





Os olhos de Mme. Stenius... Que olhos... Há dentro deste olhar hipnótico todos os encantos da viração das planícies alagadas do Nilo e toda a doçura da brisa de Maratona. O mistério mora nestas pupilas...



O rapaz entrou na barraca e parou diante de uma linda mulher, que olhava fixamente a bola de cristal.

A jovem foi logo dizendo:

— O senhor vem de longe, atravessou o mar e cruzou as savanas para me encontrar.

Outro romance surgiu então. Fuad casou pouco depois com Thais Stenius e ambos se dedicaram à quiromancia, até que lhes nasceu uma filhinha, a que deram o nome Tibilis.

Esta, desde muito jovem, revelou os seus pendores acentuados para a arte da magia, fazendo prever a revelação de uma grande quiromante. E hoje, Tibilis Stenius é talvez a maior adivinha viva que se encontra no mundo.

Foi essa mulher que nos contou toda a história que acima relatamos, em uma visita que fizemos ao seu luxuoso apartamento de Copacabana, onde ela descansa agora de uma vida atribulada e cheia de passagens sensacionais.

Mme. Stenius se prontificou a receber o reporter e contar um pouco de sua vida passada e um pouco do futuro dos outros, contanto que o seu enderêgo, após a publicação destas notas, continuasse ignorado por todos, pois ela pretende apenas repousar um pouco no Rio de Janeiro, esquecendo as agruras que o destino lhe tem reservado nestes últimos anos.

Recebeu-nos a quiromante diante da bola de cristal, saudando-nos amavelmente, com um sotaque adorável:

— Bom dia, jovem. Pode começar o seu interrogatório. O que estiver ao alcance de minha modesta ciência, eu revelarei aos leitores da REVISTA DA SEMANA.

— Queremos saber em primeiro lugar,

Mme. Stenius, se a senhora pretende exercer a quiromancia aqui.

— "Non", diz Mme. Stenius. Absolutamente.

E com o seu sotaque delicioso explicamos que aqui está apenas em viagem de repouso, pois a guerra, a que assistiu de perto, e outras contingências de sua vida, a obrigaram a um regime de descanso, até que os seus nervos e a sua saúde facultem de novo o exercício das atividades de adivinha.

— Mas não pensa então em abandonar definitivamente a ciência que lhe foi transmitida por seus pais?

— Não digo sim, nem digo não. Às vezes aqui mesmo tenho dado consultas a algumas amigas que já tenho no Brasil. Tudo, porém, debaixo de segredo, pois não sou quiromante profissional. Tenho, graças a Alah (Mme. Stenius apesar de grega é maometana), uma pequena fortuna, que me permite viver sem trabalhar. Dedico-me entretanto à quiromancia e não escondo o que sei a ninguém. Se a alguém poderei ser útil, aqui estou para servi-lo.

DENTRO DA BOLA DE CRISTAL

Queríamos saber quais as previsões de Mme. Stenius sobre a guerra da Europa. E perguntamos-lhe de chofre quais os seus prognósticos sobre o fim da conflagração.

A pitonisa colocou as duas mãos sobre a bola de cristal, fixou na esfera transparente o seu olhar ardente e começou a falar:

— Vejo uma enorme fogueira. Os homens estão lutando para apagar a chama. Outro, entretanto, tenta alimentar a fogueira à custa da vida de outros homens. É Adolf Hitler. Surge, porém, um punhal que o atravessa. Este é o fim.

Tudo se apaga em torno. O mundo real se perdeu lá fora, no borbórinho da cidade agitada. Aqui, um manto de mistério envolve todas as coisas; o ambiente nos lembra o laboratório de um velho alquimista. E enquanto Mme. Stenius conversa conosco, só temos ouvidos para as suas frases proféticas, só temos olhos para a sua figura esquisita de deusa oriental.



A pitonisa levanta a vista e continua a falar:

— Há uma data. No dia 25 do quinto mês, a partir do aniversário do fuehrer, surgirá da Noruega um homem que assassinará Hitler, mal ele pronuncie a quinquagésima palavra do discurso que estará fazendo. Este homem será morto pelas balas da Gestapo, mas o seu nome ficará na história. Uma grande fogueira varrerá então a Alemanha. A grande revolução, que irromperá como um cataclismo terrível, começará aqui.

E Mme. Stenius indica um ponto no mapa: Baviera. O povo enfurecido percorrerá as ruas de Berlim, enforcando os antigos líderes. A fome invadirá a Alemanha. Goebels será enforcado e Goering se suicidará com uma injeção de morfina. Himmler tentará fugir para a Suíça disfarçado em guarda-floresta. Um tirolês, porém, o descobrirá e o matará pelas costas com um tiro de espingarda.

Mal desapareçam estes homens, a alegria e a paz voltarão a cobrir o mundo. Haverá uma paz justa, baseada nos termos de um acordo que se firmará na conferência de paz reunida em Paris.

UM DRAGÃO AMEAÇA A RÚSSIA

A pitonisa volta a olhar a bola de cristal:

— Agora — continua — vejo um grande dragão que quer engulir a Rússia. Vem do Oriente, tem sete cabeças e sete caudas. De sua boca saem aos milhares escaravinhos de ferro que avançam sobre a Sibéria. Vejo, porém, um homem de capacete, montado num cavalo branco. Investe contra o dragão.

— São Jorge?

— Não. Timoschenko. Será ele quem estrangulará o dragão.

— Mas afinal, Mme. Tibilis, quem é esse bicho danado?

— Não sei. A quiromancia, como a psicanálise e como qualquer outra ciência, tem, às vezes, destas coisas. A verdade se apresenta de vez em quando fantasiada de símbolos, coberta com o "manto diáfano da fantasia", como diria o seu patriótico Eça de Queiroz.

— Perdão, madame, eu nasci no Brasil.

— Ah, não faz mal. Eu confundi por causa da língua.

— Mas continuemos a profecia.

— Sim. O dragão investirá contra os soldados da Rússia. A sua força está nas sete caudas. Do Oriente virá então, por trás da terra, um grande cardume de peixes de aço. As caudas do monstro estarão estendidas sobre os mares da China. Os peixes roerão pacientemente as suas caudas. E quando rolarem ao solo as suas sete cabeças, ferido mortalmente, o dragão tentará escapar pelo oceano. Mas a sua força reside nas sete caudas. E então é que o monstro perceberá que não há mais salvação. E lutará ainda contra os peixes de aço. Surgirão então, de todos os pontos cardiais, sete mil pássaros de alumínio, que incendiarão a caverna da fera. E o monstro perecerá e os seus restos repousarão no seio do Oceano. Será esse o fim do Apocalipse.

Da original e exótica bagagem de Tibilis Stenius fazem parte objetos incríveis: gatos embalsamados dos tempos dos faraós, caveiras e adagas assírias. Mas de todos estes símbolos misteriosos e fúnebres, o maior amigo da pitonisa é esta coruja de madeira, trabalho de talha de um artesão egípcio, talvez o mesmo que fabricou o sarcófago de Ramsés II.

"AQUI IRROMPERA O VULCAO QUE
VAI INCENDIAR A ALEMANHA". E
DIZENDO ESSAS PROFÉTICAS PALA-
VRAS MME. STENIUS POE A EXTRE-
MIDADE DE SEU PUNHAL BALCANICO
SOBRE UM PONTO DA BAVIERA.

inua
ulinto
hrer,
ssas-
quin-
stará
s ba-
icará
rrerá
ução,
terri-

o no
per-
do os
Ale-
Goe-
o de
ra a
Um
atará
arda.
a ale-
undo.
s tén-
a con-

SIA

e cris-

gran-
ússia.
e sele
thares
sobre
m de
co. In-

quem

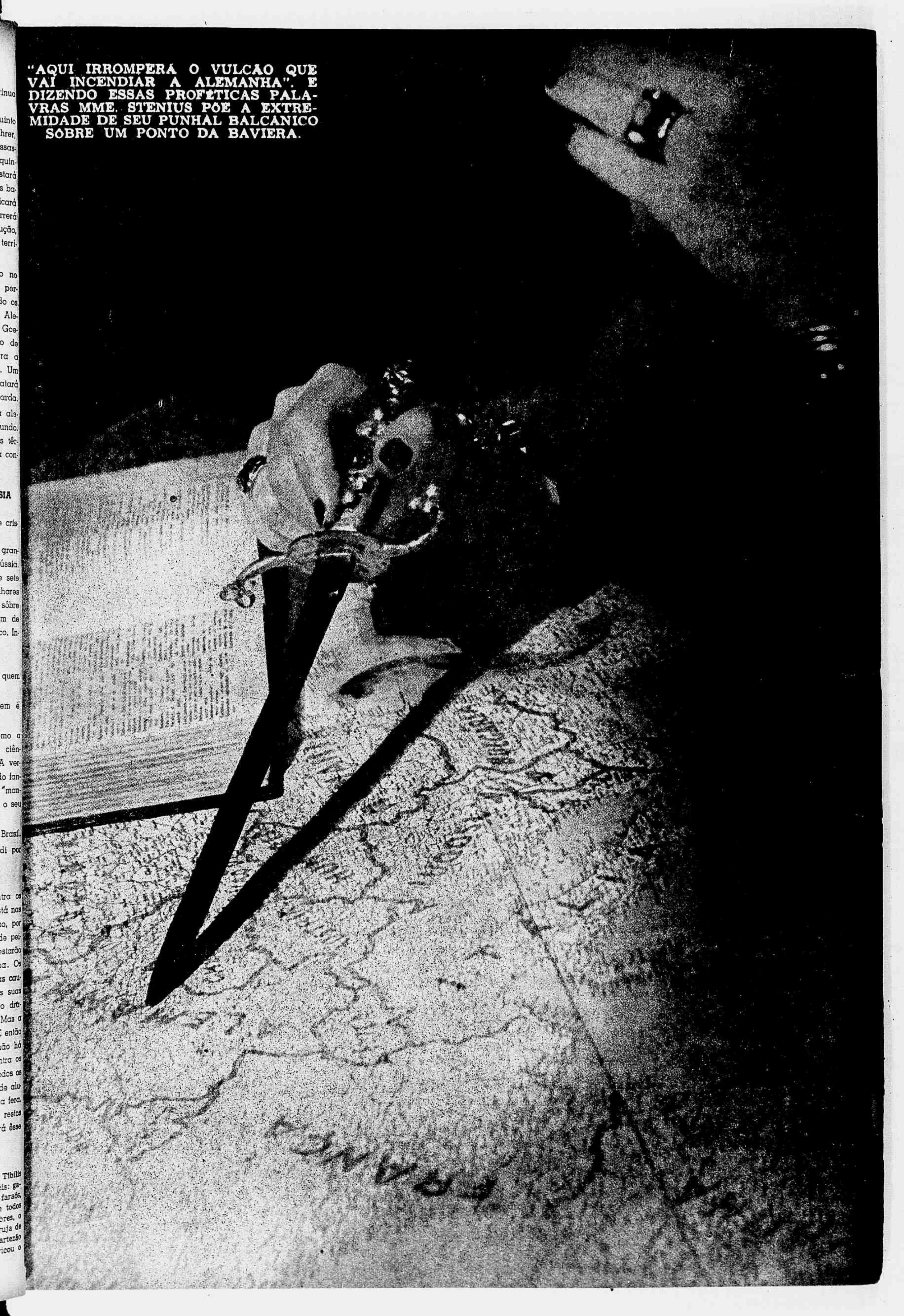
em é

mo a
ciên-
A ver-
lo fan-
"man-
o seu

Brasil
di por

tra os
tá nas
to, por
de pel
estirão
a. Os
is cau-
s suas
o drá-
Mas a
então
ão há
ntra os
dos os
de alu-
a fera.
restos
á esse

Tibill
is: ga-
faraós.
e todos
ores, o
uja de
arterção
icou o





Este símbolo sinistro é o companheiro inseparável da vida plácida. Ele representa todo o mistério insidioso da morte, a transitoriedade da vida e a incógnita indecifrável do futuro. Na mesa de adorno da sala, sempre presente, como um lembrete sinistro: "Memento Homo!"

A MISSÃO DAS AMÉRICAS

Mme. Stenius continua a falar:

— As Américas serão o centro do estudo de humanidade moderna. Um grande homem do Oriente abandonará o seu país e virá para o Brasil. Lá morrerá nos braços meus para resuscitar sua antiga civilização.

Nos Estados Unidos surgirá um século que será o século de uma das mais belas realizações que a ciência e a humanidade.

No Brasil será descoberto um século quaternário de vida nunca pensada. Gostei a ele a modernidade poderá então iluminar o mundo.

As Américas serão o centro de milhares de realizações. A humanidade terá um novo espírito.

O meu trabalho continuará quando partir de seu país.

Depois disso, no Brasil e no Oriente, surgirá a humanidade moderna.

Nos Estados Unidos, um século novo

o século que continuará a política ex-
terna do futuro.

Não haverá mais mistérios. Todas as coisas serão em perfeita harmonia e concordância.

São descobertos os segredos da natureza e da vida. A humanidade será iluminada e a ciência será a base de tudo.

Depois disso, um século que continuará a política externa do futuro.

Depois disso, um século que continuará a política externa do futuro.

Depois disso, um século que continuará a política externa do futuro.

DEPOIS DISSO, A MODERNA

Depois disso, um século que continuará a política externa do futuro.

grande obra de madeira, perfeito trabalho de talha esculpida, lançava sobre nós uma grande sombra negra. Sobre a mesa um crânio humano simbolizava a eternidade da ciência e a transitoriedade da vida terrena. Mme. Stenius, de pé, apontando o seu dedo delicado e diz:

— Pode contar aos seus leitores tudo o que acabo de dizer. A por volta do século o mundo, a verdade será evidente. A modernidade dos tempos será vencida mais uma vez. Isso volta a provar que nada é tão grande quanto a verdade. Nem as liberdades da ciência e da moral nem as liberdades da moral e da ciência. A modernidade dos tempos será vencida mais uma vez. Isso volta a provar que nada é tão grande quanto a verdade. Nem as liberdades da ciência e da moral nem as liberdades da moral e da ciência.

Depois disso, um século que continuará a política externa do futuro.

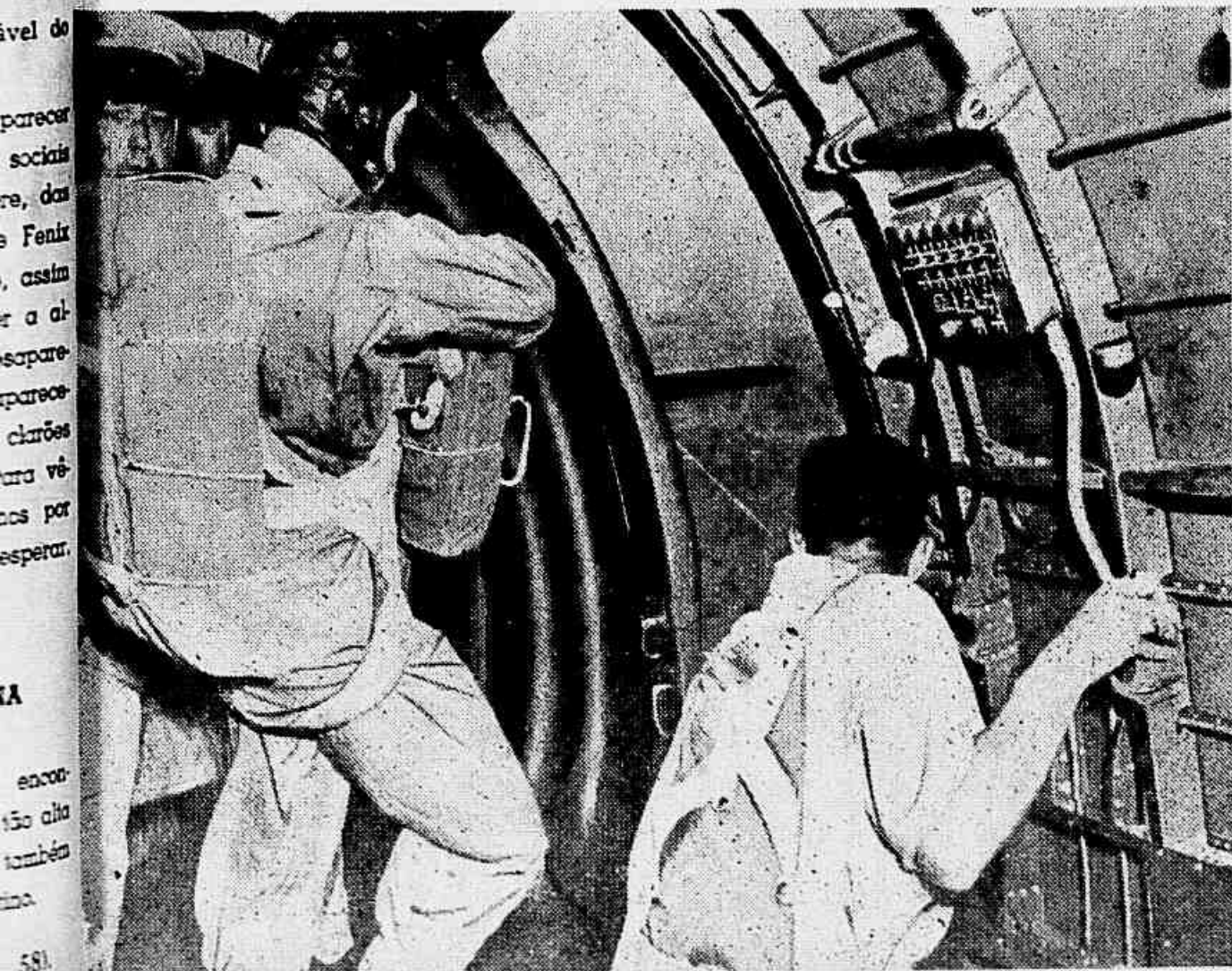
— A verdade dos tempos pode parecer agonizante em meio às convulsões sociais e políticas. Mas ressurgirá sempre, das próprias cinzas, como o corpo de Fenix. Assim foi na Antiguidade, assim será sempre. Agora pode parecer a alguns que a justiça e a verdade desapareçam para sempre. Mas elas reaparecerão virgens e belas, nos primeiros clarões da alvorada que se aproxima. Para vê-las de novo basta que esperemos por esse momento. Não nos custa esperar. O tempo marcha...

PROCURA-SE UMA MORENA

Como qualquer mortal que se encontre nesse mundo de uma duração de 150 anos e mais, sinto também, sinto também a necessidade de saber o meu destino.



ELES SALTAM ASSIM



No dia em que se fizer realmente a história da guerra atual, um capítulo de grande importância será destinado ao paraquedista. São inúmeras as surpresas que estes cinco anos de labor bélico tem revelado, desde os prelúdios da "blitzkrieg" germânica convertida, mais tarde, num irremediável malôgro, até o aparecimento das bombas voadoras com seus vários prefixos. A ciência, a serviço da suprema causa destruidora, deu ao mundo de amanhã uma série inestimável de inovações, muitas das quais estão ainda na parte suplementar de seu aproveitamento, sabido que tantas coisas imaginadas para a guerra, não de tornar-se, em tempos de paz, sumamente proveitosas. De igual modo que os inventos dos tempos normais — o aeroplano, principalmente — acabaram desservindo a finalidade para a qual foram trabalhados e decepcionaram seus próprios e engenhosos inventores, também o fruto de imaginação dos homens de guerra pode metamorfosear-se em atributos de objetividade construtiva. E' o que, parece, vai suceder com o paraquedismo, pois já agora podemos registrar, nos anais da guerra, o aproveitamento desses destemidos soldados para fins de caridade. Há paraquedistas da Cruz Vermelha, saltando em regiões inhóspitas com o propósito de salvar mulheres e crianças desalojadas pelos canhoneiros e dar tratamento aos feridos, na retaguarda. Mas o que vale encarecer, antes de tudo, é o desprendimento pela vida, o gesto de arrojo maior revelado pelos soldados do ar. Nos Estados Unidos o curso de paraquedista está, hoje, reduzido a cinco semanas, durante as quais os jovens, de estado físico cem por cento perfeito, passam por toda a sorte de treinamento. Aqui estão, nas gravuras destas páginas, as fases principais que se observam, ainda no interior do aparelho, quando os soldados, devidamente equipados, dão impulso ao corpo e se despejam no espaço. Tudo é metodicamente levado a efeito, saltando cada homem de per si, com um espaço de tempo matematicamente calculado e sem qualquer delonga. Primeiramente o comandante dos paraquedistas faz a chamada, por ordem numérica, pois nesse momento já os soldados perderam a personalidade. Passam a ser números. Seu equipamento pesa em média vinte e cinco quilos, divididos pelas diversas partes do corpo, sobre os ombros, nas costas e na parte inferior, que é de onde vai desprender-se o paraquedas de seda, que mãos femininas, anteriormente, dobraram com o necessário cuidado. O salto, enfim, é dado no espaço, com um ligeiro impulso do corpo dobrado sobre si mesmo. De acordo com a altitude do avião, assim também é feito o mergulho, contando mentalmente o soldado até dez, quando, com uma das mãos, dá o puxão de praxe no laço que faz soltar todo o aparelhamento. Contam os paraquedistas que a emoção do primeiro salto se renova, tantas vezes eles repetem a proeza, pois em cada uma delas há sempre o mesmo risco. E o espaço, à frente



em bai
e abre e
ais suav
Mas
ndo ain
soldado
ara os o
a manel
Uma
provelta
e um de
aband
mas e
m água
o enfer
elcados
, sem
onvencio
orque o
lmitigos.
Quas
nde vai
oncentra
E as
ua açã
ram o
oldado



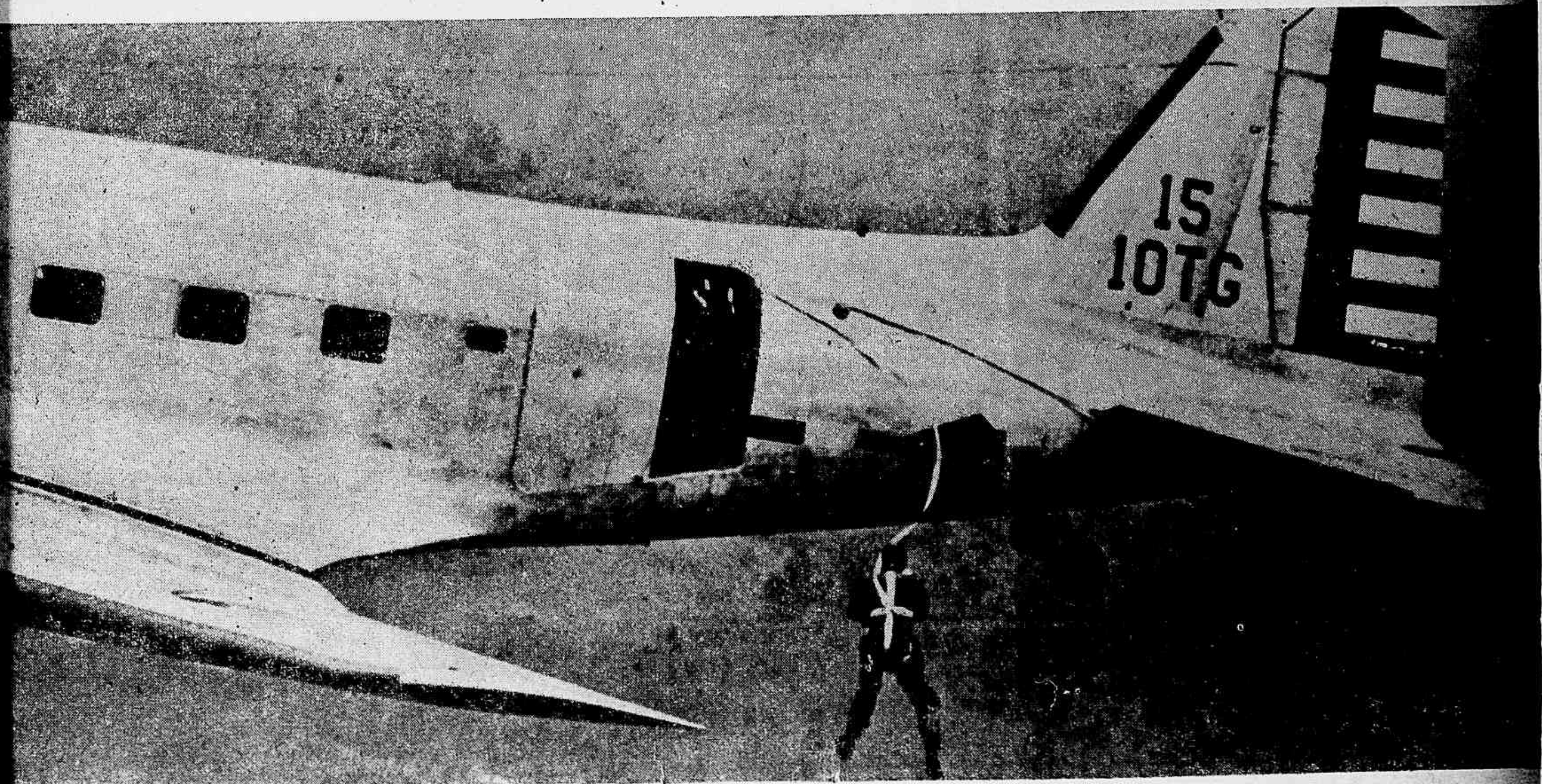
em baixo, há de fatalmente abalar-lhes os nervos. Quando, afinal, o lençol de seda abre e a queda perde o impulso inicial mais violento, continuando com outro ritmo, mais suave, é que o coração dos rapazes também passa a pulsar com seu ritmo normal.

Mas o paraquedista não tem, nesse momento, resolvido todo o seu problema, carecendo ainda de saber entrar em contacto com o solo, para evitar contusões. Desde que o soldado se despençou no espaço, tem a obrigação de cuidar de si mesmo, sem olhar para os companheiros, porque cada um deles fará o mesmo. A unidade de ação está na maneira por que, individualmente, cada homem souber acautelar-se.

Uma vez em terra, quando as condições estratégicas o permitem, aconselha-se o aproveitamento do paraquedas, embrulhando-o no mais curto espaço de tempo e dando-lhe um destino certo. Mas se o salto é feito em região perigosa, sob o fogo inimigo, tudo se abandona, menos o equipamento bélico de que é portador o soldado. Munido de armas e munições, que não pode abandonar em nenhuma hipótese, leva ainda o bernal com água e a pequena "farmácia ambulante", onde são acondicionados os apetrechos e enfermarias mais urgentes. O resto depende da situação de emergência. Em casos delicados, saltam os paraquedistas já de fuzil em punho, enfrentando o inimigo e juntando, sem demora, aos companheiros, um deles, escalado para dirigir a turma, dá sinais convencionados por meio de silvos e apitos. E' preciso, entretanto, distinguir esses sinais, porque outros parecidos, dados para estabelecer confusão, são emitidos pelos soldados inimigos.

Quase sempre um pelotão de paraquedistas salta conhecendo exatamente o lugar onde vai cair, e tendo previamente combinado com os companheiros um lugar certo para concentração, tantos minutos mais tarde.

E assim, os bravos soldados do espaço, caindo milagrosamente em territórios onde sua ação mais urgentemente se faz sentir, levam de vencida a sua tarefa. Quando não erram o salto e são imediatamente ceifados por uma bala traiçoeira mandada por um soldado das linhas contrárias...



DE RADIO

LIMPEZA DE CONSCIENCIA

DI JALMA MACIEL

Muito expressivas, ou para melhor dizer, definitivas no assunto, são as declarações de Orestes Barbosa sobre o samba, publicadas, há dias, em reportagem do vespertino "Folha Carioca". Efetivamente, ninguém melhor do que ele, autor que nunca foi retirado do cartaz da publicidade apesar de inativo há longos anos, para dizer sem perigo de contradição que nossa música popular está com cheiro de defunto. Não vou insultar o talento festejadíssimo de Orestes tentando alinhar, aqui, embora em resumo muito ligeiro, os títulos e os méritos de sua obra. Se todos a conhecem. Mas é necessário que se saiba, para melhor aquilatar o extraordinário valor de sua opinião, que não sendo o autor de "Chão de estrelas" um profissional dos ritmos populares é, no entanto, o mais acatado dentre eles.

O Orestes Barbosa, sambista, que respondeu à "enquete" de "Folha Carioca", está longe de ser um improvisado rimador de versos coxos, aventureiro à cata de profissão, de glórias e de dinheiro. Se o fôsse, afirmaria justamente o contrário do que asseverou, porque para o bestalhão, compositor de sandices, o samba encontra-se na mesma situação do artigo comercial em relação ao comerciante: sempre bom; sempre novo; o de hoje invariavelmente melhor do que o de ontem... Realizasse o aludido vespertino um inquérito sobre o assunto no meio dos sambiquaras encalhados às mesas da Casa Nice e, por certo, não colheria senão palavras de otimismo. Porém o samba entrou, mesmo, em período de decadência,

transitória ou definitiva, e quem diz não é maestro de "Caixa-de-fósforo": é o Orestes Barbosa, poeta de sensibilidade admirável, enamorado da alma popular, cujos anseios, cujos sofrimentos traduziu em belíssimos versos musicados. E' o Orestes, cardial, que, além de autor famoso, valeu-se, muita vez, de sua profissão de jornalista e escritor para defender do snobismo fascistoide de certos cretinos e cretinas aquela expressão sonora da vida das ruas! Também lhe causa náuseas a estupidez das rimas caxingós. O panegirista-polemista de "Samba!" não gosta do lixo musical dos cavadores de direitos autorais; dos arrotos ritmados de alguns compradores de melodias nos morros da cidade; dos sambistas-parturientes do "letras" arrancadas em cesarianas mentais!

Não sei por mais como os pobres "maestros" da Casa Nice receberam as declarações do cintilante cronista que eles consideram, ingenuamente, um "colega"... Natural que não entendessem a malícia. Eu, palavra de honra, gostei muito. Orestes, velho companheiro de jornal, cuja autoridade na matéria reconheço pelas razões apontadas, veio ao meu encontro, naquela reportagem, tirar de minha consciência a desconfiança de uma inconsequência. Arrazendo, sistematicamente, os maus sambistas, não me coloquei, então, em atitude anti-popular, anti-democrática, aliando-me, sem querer, ao grupelho dos que combatem o povo menosprezando suas manifestações artísticas, singelas mas sinceras. Tenho feito o mesmo que agora fez o Orestes Barbosa; a mesmíssima coisa que por sinal já vira fazer, em outra oportunidade, o sr. Jorge Vidal Faraj, também sambista de recursos. Apenas o juízo deste não me tranquilizou os escrúpulos, porque do seu estro tanto pode sair um poema de amor como um tratado de Escatologia. E, na ocasião em que me disse aquilo, com certeza não saíra o poema...

Alô... Alô...

Zezé Fonseca, Tina Vita, Tereza Costa, Hulda de Rezende, Lucia Delor, Aurora Barros, Jesy Barbosa e Graziela Ramalho formam o cast feminino de rádio-teatro da Rádio Globo, enquanto Delorges Caminha, Sadi Cabral, Amaral Gurgel, Carlos Navarro, Altivo Diniz e Luiz de Carvalho constituem o elemento masculino do mesmo.

Brandão Reis, speaker-chefe da Rádio Inconfidência, de Belo Horizonte, e seu diretor rádio-teatral, acaba de formar-se em Direito naquela cidade mineira. Brandão, aproveitando umas férias, o ano transato, esteve no Rio e aqui atuou na programação de Olavo de Barros, ligeiramente mas com absoluto sucesso. O curso da Faculdade obrigou-o a voltar a Belo Horizonte. Quem sabe se virá, agora, em caráter definitivo?

Continua a Rádio Nacional a transmitir, às segundas-feiras, o excelente Concerto Sinfônico Semanal. E' uma audição de pleno agrado, mesmo para os não habitués da música erudita.

Stela Gil, ao microfone da P. R. A-9, continua a ser uma das grandes atrações de nossas ondas longas.

Virginia Lane é, sem a menor dúvida, um elemento de valor por seu material de voz, repertório e correta interpretação.



O SOL

Conto do escritor francês
MAURICE LAVEL

ENCONTRARAM-NO, por uma noite de inverno, junto ao portão duma granja; e como, na sua língua de trapos, não pôde dizer — que os outros entendessem — quem era nem como se chamava, puseram-lhe o apelido “A toa”.

Até aos doze anos tinha estado no asilo. Um dia conseguiu fugir. E passou a andar pelas estradas ao Deus dará, à toa. Instintivamente procurava evitar que desconfiassem dele, se quisessem meter com a sua vida. E pelo mesmo sentimento de receio, para evitar perseguições, quaisquer hostilidades, nunca se demorava num lugar.

Fez-se homem. Como vivera todo aquele tempo? Como vivem os vagabundos. Há sempre — ou quase sempre — para esses desgraçados alguma intervenção do Destino que os não deixa morrer à fome nem ao abandono. Onde quer que se encontrem, algum pedaço de pão lhes vem cair nas mãos, algum alpendre os agasalha de aguaceiros e temporais... E assim ele ia de terra em terra, caminhando sempre... Até que um dia os gendarmes o agarraram como indivíduo sem ofício, sem ocupação na vida. E como estava na idade de fazer o serviço militar, levaram-no para um quartel.

Alguém então lhe disse:

— Tiveste sorte em ser apanhado pelos gendarmes. Daqui a mais uma semana serias declarado desertor.

Naquele ano o inverno foi dos mais cruéis. Às vezes, contemplando as árvores nuas, os campos cobertos de neve, o homem dizia consigo:

— Ao menos aqui durmo numa cama. Dentro destas paredes nunca faz frio de mais. Para sair visto um capote. Não tenho razão de queixa. Outros, muitos outros serão mais infelizes do que eu.

Mas o inverno foi passando e, pela chegada da primavera, o homem começou a andar triste, impaciente, irrequieto. Ele mesmo não sabia bem o que tinha. Mas, de dia para dia, lhe aumentava aquele estranho sofrimento e ele se sentia mais desgraçado. Depois do rancho, e se não tinha serviço de plantão, saía a dar o seu passeio. Dirigia-se para o lado dos campos, numa ânsia de respirar mais larga, mais livremente. Mas o seu mal-estar não tinha alívio. E debalde ele queria sentir algum prazer na beleza dos horizontes ou na música dos pássaros dentro dos arvoredos.

Chegou o dia de não mais poder resistir à tentação da fuga. Partiu como se fosse passear e não voltou ao quartel.

Pouco tempo, coitado, gozou da liberdade que resolvera recuperar a todo transe... Agarraram-no de novo; foi julgado e sumariamente condenado a cinco anos de prisão. Só compreendeu bem o horror desse castigo depois de entrar no cárcere. Ainda tentou dar-se alguma coragem, alguma esperança, dizendo consigo:

— Não estou completamente perdido, uma vez que ainda vejo o céu. Enquanto a gente vir o céu e o sol, não deve desanimar.

No segundo dia, porém, já sofria horrivelmente. Afinal, o quartel era quase a liberdade. Podia sair a certas horas e encaminhar-se para o campo, o seu ideal, a sua paixão. Agora, passava os dias na oficina do cárcere, continuamente vigiado.

Tornou-se soturno e rebelde. Reconhecendo a sua incapacidade para qualquer reação, resistia tanto quanto possível pela inércia. Ao cabo dalgum tempo, como não acabasse a sua tarefa dentro das horas marcadas, agravaram-lhe o castigo, passando-o para o calabouço. E o ruído da fechadura, quando o deixaram lá dentro às escuras e sozinho, anunciou-lhe ao coração o início duma existência de miséria suprema e sem remédio. Tinham-lhe, com efeito, infligido o pior, dizia ele consigo. Atirarem-no para as trevas, a ele, para quem a luz constituía o único bem da vida, era a própria vida... Pouco a pouco lhe haviam roubado o sol: primeiramente, no quartel; depois, na oficina... Agora, tiravam-lhe-o de todo!

A força de espreitar, procurar, reparou que, por uma frincha, ao alto da porta, penetrava uma nesga do esplendor do dia. Parecia que vinha do fundo do corredor.

“Se a luz chega até cá dentro — pensou, na sua rude inteligência, o priso — é que daqui perto se deve ver o céu. Eu, porém, pobre de mim, como o poderei ver? Ver o céu. Ainda que fôsse um pedacinho só... Quase nada... Só para dizer que era o céu!”

Metendo as mãos nos bolsos, encontrou num deles uma coisa delgada e lisa... Era um fragmento de espelho que, dias antes, encontrara na oficina. Deu-lhe voltas e mais voltas entre os dedos, distraidamente primeiro, depois como aqueles a quem acode uma idéia e que a vão estudando, discutindo consigo mesmos. Nisto deu um grito. Um raio luminoso se projetava no pedacinho de cristal. Na sua mão uma migalha de céu se refletia, tão azul, tão brilhante como uma estrela no fundo dum poço.

Ficou tão contente... Ficou outro homem. Podia pensar, rir ou como lhe aprouvesse. Aquêlo mínimo de sol lhe bastava para sonhar. Todas as manhãs, ao erguer-se da enxerga, se apressava a consultar o “seu espelho”:

— Hoje está bom tempo... murmurava. Ou então: — Os ares amanheceram enevoados. Vai chover...

Gozava assim uma vida intensa e profunda. E se, por acaso, surpreendia alguma coisa voando, era como se visse todos os pássaros dum bosque agitando as ramarias e ouvisse o seu canto enchendo os ares.

Certa manhã, estando ele absorto naquela contemplação, chegou o guarda e o pobre rapaz não teve tempo de esconder o espelho.

— Que é isso que estás metendo no bolso?

— Nada! Nada!

O guarda segurou-lhe a mão que ainda não largara o caco de vidro e não teve remédio senão mostrá-lo.

— Que quer isto dizer?

— É o meu sol.

— Dá cá.

O priso cerrou energicamente os dedos, defendendo o seu tesouro. Mas o guarda deu-lhe um golpe, à maneira de cutelo, no pulso e o cristal fez-se em pedaços no chão.

Uma onda de sangue perturbou os olhos do priso que, sem proferir uma palavra, deitou as mãos ao pescoço do guarda. E dali a pouco, deixava-o cair, inerte. Inclinou-se então para o cadáver, gritando:

— Roubaste-me o sol! Roubaste-me o sol! Roubaste-me o sol!

Depois ajoelhou, começou a apanhar os fragmentos de espelho... E desatou a chorar como uma criança.



DE Música

A MUSICA E O POVO

O prefeito Henrique Dodsworth, numa iniciativa louvável, ofereceu ao povo um concerto de música erudita que deve ser o primeiro de uma série, à maneira das existentes nos Estados Unidos e na Inglaterra, onde os melhores intérpretes tiram um dia para levar a sua arte ao povo. Seria interessante que o senhor prefeito sugerisse

ao orientador desses espetáculos a inclusão, no programa, de alguns números de música moderna, de maneira sistemática, de modo a pôr em prática uma outra idéia que já obteve, no estrangeiro, sucesso igual à que agora Sua Excelência põe em prática.

A educação do ouvido para facilitar a compreensão da música dos nossos tempos é um método eficaz. Já apareceu uma sociedade, aqui e em S. Paulo,

com o propósito de divulgar os compositores contemporâneos por meio de concertos e conferências nas quais se tratará das obras desses mesmos autores que serão analisadas e interpretadas.

Esses jovens da sociedade "Música Viva" não ficaram nos projetos. Tivemos, não faz muito tempo, a primeira parte de suas realizações, com um concerto de música moderna no qual houve algum joio e bastante trigo.

Ora, esses que assim tomam a si um trabalho árduo e que requer tempo, dinheiro e muitas outras facilidades ao alcance do sr. prefeito bem poderiam ser chamados a colaborar na educação musical do povo.

Já repeti que a compreensão da música moderna é uma questão de ouvido. E lembro aqui o que recentemente o jovem caricaturista Augusto Rodrigues dizia da pintura e que pôde muito bem ser aplicado à música.

"Ninguém é obrigado a gostar de Picasso, mas deve ser capaz de discutir

a obra dele, conhecendo-a e compreendendo-a". De acordo. Não vamos obrigá-los a gostar de Stravinski ou de Hindemith, mas pedimos a esses que calmamente, condenam a sua obra que estudem um pouquinho primeiro, para depois então, após haver compreendido refutarem.

Sendo assim, nada mais benéfico do que acostumar o povo aos compositores modernos. Aqueles que ainda não formaram o gosto nem habituaram o ouvido a uma espécie de música terá mais facilidade de apreender a beleza que há na música de agora.

Aqui fica essa sugestão, junto com as minhas congratulações tanto ao sr. prefeito como aos diretores de "Música Viva", pelo que, na medida da suas possibilidades, realizaram.

QUAL SEU COMPOSITOR PREFERIDO?

Prosseguindo a nossa "enquete" sobre o compositor preferido dos músicos damos a palavra hoje ao maestro Mignone, que afirma:

— Meu compositor preferido é Camargo Guarnieri.

— E a obra?

— A primeira Sinfonia.

Já contamos, portanto, logo de início, com um brasileiro entre os escolhidos. E a indicação é tanto mais valiosa quanto parte de um outro compo-



MAESTRO FRANCISCO MIGNONE

sitor insuspeito para falar, cujo talento é conhecido de todos e sobre cuja obra já se pronunciaram, decisivamente, nossos maiores críticos musicais.

NOTICIÁRIO

Encerrando sua temporada de concertos, a Orquestra Sinfônica Brasileira ofereceu, no dia 3º aos seus sócios, a Nona sinfonia de Beethoven com a participação de vários cantores entre os quais figurava Alice Ribeiro, uma das nossas melhores cantoras de camera, que, este ano, triunfou na opera-

Plácido de Oliveira organizou um interessante concerto com músicas de Natal, concerto este que, em vista do seu sucesso, teve que ser repetido, pois muitas pessoas que não tinham podido assistir-lhe da primeira vez o solicitaram.

O quarteto Iacovino executou, recentemente, no Instituto Brasil-Estados Unidos, o Sexto Quarteto de Villa Lobos.

No Metropolitan Opera House de Nova Iorque foram instaladas cadeiras especiais para os estudantes de música e para os críticos musicais, com uma iluminação que lhes permite acompanhar a ópera com a partitura.

Vila Lobos continua sua viagem pelos Estados Unidos com grande sucesso. Faz pouco tempo, Rubinstein gravou a "Prole do Bebê".

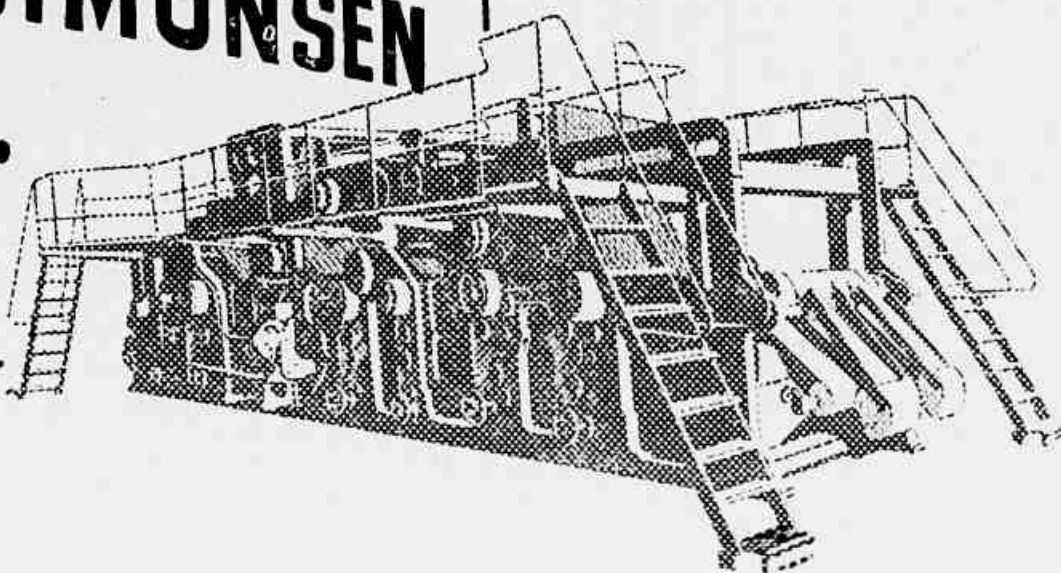
ROBERTO LYRA FILHO

PRICE BROTHERS SALES CORPORATION QUEBEC-CANADA



FABRICAM
PAPEL DE IMPRENSA
PARA O BRASIL

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
**MURRAY, SIMONSEN
& CIA. LTDA.**
EDIFICIO CITY
Av. RIO BRANCO, 85
15º AND.



CRITICOS MUSICAIS SE REUNEM

Após a irradiação do programa especial de Natal das "ONDAS MUSICAIS", organizado por seis dos mais notáveis críticos musicais do Rio como uma homenagem ao seu patrocinador, eles se reuniram no terraço da Associação Brasileira de Imprensa, num "cock-tail", para trocarem impressões sobre o futuro da boa música na radiofonia. Na foto ao lado, um aspecto dessa reunião, estão, da esquerda para a direita, os srs. Oscar A. Silva e Aymoré Lilas, da Publicidade da Light; Luiz Heitor, professor da Escola Nacional de Música; Andrade Muricy, crítico musical do "Jornal do Comércio"; Octavio Bevilacqua, crítico musical de "O Globo"; F. C. Scoville, diretor de Publicidade da Light e Companhias Associadas; J. W. Campos, organizador dos programas "Ondas Musicais"; Eurico Nogueira França, crítico musical do "Correio da Manhã"; Brasílio Itiberê, professor do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico; Garcia de Miranda Netto, crítico musical de "A Noite", e Celso Guimarães, locutor da Rádio Nacional e do programa "Ondas Musicais".



FIGURAS E FATOS



Com a presença de numerosos jornalistas e figuras de relevo na administração pública, realizou-se, no dia 22 de Dezembro último, no restaurante da Associação Brasileira de Imprensa, o tradicional Almoço de Confraternização Jornalística, promovido anualmente pelo Touring Club do Brasil, em homenagem aos seus amigos da Imprensa e do Broadcasting nacionais. Fizeram uso da palavra durante o ágape o escritor Berilo Neves, oferecendo a festa em nome do Touring Club; o dr. Herbert Moses, agradecendo em nome da A. B. I. e dos jornalistas em geral; o dr. Porto da Silveira, pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais; e o dr. Juvenal Mur-tinho Nobre, presidente do Touring Club, levantando o brinde de honra ao sr. Presidente Getulio Vargas.



Nomeado em recente ato do sr. Presidente da República para o alto cargo de presidente do Departamento Nacional do Café, o sr. Ovidio Xavier de Abreu, que já demonstrara o seu raro senso administrativo como titular das pastas das Finanças e do Interior do Estado de Minas Gerais, empossou-se no dia 30 de Dezembro último no posto de que foi investido. A foto acima fixa um flagrante da tomada de posse do sr. Ovidio de Abreu na presidência do D. N. C., quando s. excia. assinava o livro de atas.



EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS PERNAMBUCANOS — Aspecto parcial da Exposição de Produtos Industriais do Estado de Pernambuco, que está funcionando no Recife, e na qual pode ser apreciado o grau de desenvolvimento industrial daquele Estado nordestino.

NATAL NA SOCIEDADE SUPERMENTALISTA — O Natal dos menos favorecidos, tradicional iniciativa dessa sociedade, transcorreu num ambiente de ordem, alegria e disciplina. No cliché aspectos da farta distribuição de víveres, roupas, brinquedos, etc. aos adultos e crianças que compareceram à sede dessa benemérita instituição.



ESCRAGNOLLE DORIA

SEMANA DIPLOMATICA

SEGUNDO TRATADO DE TSIEN-TSIN

(Segunda Feira 3 de Dezembro de 1881)

A China foi dantes, terrestremente, Celeste Imperio, seu imperador Filho do Céu. Dantes também a Turquia foi, até na bandeira, o Imperio do Crescente, tendo por governo a Sublime Porta e por sultão o Comendador dos Crentes.

Com a Turquia datam de pouco nossas relações diplomaticas. Com a China assinalaram-se em 1879, ao fazer-se entre nós apologia da imigração chinesa, ao tempo do Principe Regente utilizados chins para plantação de chá no Jardim Botânico.

Em 1880 foram á China, em missão especial, Silveira da Motta, homem de mar, e Eduardo Cañado, homem de diplomacia. Completavam missão um secretário de legação, Henrique Lisboa, um adido naval, Saldanha da Gama, um ajudante de ordens, Alexandrino de Alencar. Todos embarcados até Hong Kong na corveta *Vital de Oliveira* ao mando do capitão de fragata Julio Cesar de Noronha, cujo centenario natalicio transcorre com honra em Janeiro de 1945.

Em Tsien-Tsin os ministros brasileiros, negociaram: dous tratados de comercio, arizade e navegação o primeiro, de 1880, inaceito pelo Brasil, vigente o segundo após negociações com Li Hung Chang, mandaram forrado de diplomata, traquejado em acordos internacionais celebres, observante dos usos de China ultra formalista, ultra protocolar. Não estava esquecido de tudo isto o Celeste Imperio ao qual D. João V mandara embaixada ao imperador Ram Ki. Ia agradecer e retribuir ao Filho do Céu grandes presentes enviados a Lisboa. Daqueles presentes, saiba-se hoje, a parte principal ficou no Rio de Janeiro, queimada, por incendio a bordo de nau transportadora para Portugal onde D. João V só recebeu meia dadia.

ESTATUA DO BARÃO DO RIO BRANCO -
NA PRAÇA RIO BRANCO, RECIFE

CASAMENTO DE D. TERESA CRISTINA

(Terça-Feira 30 de Maio de 1843)

Remontado em seculos de historia, o reino de Napoles ou das Duas Sicilias desapareceria em 1860 no englobamento progressivo da unificação italiana. De 1815 a 1860 manteve o Brasil com aquele reino relações diplomaticas, até para o reconhecimento, em 1826, da Independencia de 1822.

Ajustado o casamento de D. Pedro II com a princesa D. Teresa Cristina, do ramo Bourbon de Napoles, uma divisão naval, ao mando do almirante Teodoro de Beaufort, foi a Napoles buscar a nova imperatriz.

A 30 de Maio de 1843 celebrava-se o casamento, o noivo representado por procurador revestido do carater de embaixador extraordinario em missão especial. Era ele José Alexandra Carneiro Leão, em visconde de São Salvador de Campos, pessoa de estirpe e de pratica em usos palacianos.

Cortando mares de longo, garbosamente veleiras quando o oceano e o vento o consentiam, duas divisões, uma nossa, a outra napolitana, a 3 de Setembro de 1843 entravam no porto do Rio de Janeiro. Ia aos olhos da viajante imperial o panorama de uma bahia deslumbrante quando a recém-chegada tinha vistas de saudade para o golfo tão celebrado de Napoles. Só mais de dous decenios depois D. Teresa Cristina reveria terra natal com emoção facil de conceber.

Na comitiva da viagem a Napoles figuravam duas pessoas já distintas pelo futuro notabilizadas, Freire Allemão servindo de medico, D. Manoel da Silveira, capelão em 1843, arcebispo primaz da Bahia em 1861. Cada um deles, no seu officio, participou de viagem termo de muita regociação matrimonial. E' defeso aos reis casar á capucha e sem manejos diplomaticos.

EXPEDIÇÃO DE PASSAPORTES

(Quarta-Feira 12 de Agosto de 1853)

Desde 1852 estava em Assunção, como encarregado de negocios nosso, um antigo official de marinha, Felipe José Ferreira Leal. Caber-lhe-ia a incumbencia de tratar de interesses patrios, sobretudo relativos á livre navegação no curso fluvial do Paraguai.

Conversas diplomaticas e consequentes negociações não eram facéis, entre o nosso representante e o ditador Carlos Antonio Lopez, este em inveterados habitos de onipotencia previsoramente acostumado seu filho Francisco Solano Lopez ao posso, quero e mando.

Negociando em linha reta, Leal não desmentia seu ultimo apelido. Do mesmo parecer não era Carlos Antonio negociando de curva. Compreendiam-se os dous homens e suas relações.

Tão tensas chegaram a ser que Carlos Antonio só achou um meio de vencer a residencia de Leal, expedir-lhe passaportes, forçado o Brasil á pedir satisfação pelo insulto irrogado ao seu representante.

Para tanto, apoiado por força naval, foi ao Paraguai o chefe de esquadra Pedro Ferreira de Oliveira, em missão diplomatica com aparato militar, contudo sem os resultados que dela se esperavam. Contra a má fé oposta a Leal lutou Ferreira de Oliveira, malograda a sua incumbencia. Sobre ela os arquivos do Itamarati e da Marinha ainda têm que dizer para exato julgamento historico.

Quanto a Pereira Leal já se sabe que os Lopez, pai e filho, não podendo torcel-o tiveram de quebrar-lhe missão para evidencia e honra de um carater.

PROTESTO VARNHAGEN

(Quinta Feira 7 de Março de 1867)

A guerra do Paraguai provocou divergencia de opiniões na Europa, sobretudo em França, e maiormente na America no corpo da antiga America Espanhola fragmentada em nações, cinco contra a guerra movida pela Triplice Aliança, colocando esta ao lado do Brasil armas da Argentina e do Uruguai.

No bloco condenador da guerra ficavam o Perú, o Chile, a Colombia, a Bolivia e o Equador, a lembrar no caso a ação junto a Solano Lopez dos ministros norte-americanos Washburn e Mac Mahon, este a repetir o nome do general francês ao qual Magenta deu ducado.

No protesto contra a Triplice Aliança excedeu-se no Perú o ditador Pardo, proclamando a justiça da causa do Paraguai em mensagem a Congresso Constituinte, mensagem lida por Pardo em presença do corpo diplomatico no qual se achava o ministro do Brasil.

Chamava-se Francisco Adolfo de Varnhagen. Tinha de responder, a bem de punidor nacional e do proprio.

Lançou mão da pena, protestou em notas veementes a ultima das quais a 7 de Março de 1867. Fechou incidente pedindo passaportes, embora declarasse o governo peruano "não ter tido o intuito de ofender a dignidade do Brasil, nem molestar o Sr. Varnhagen".

Interromperam-se as relações diplomaticas entre Brasil e Perú até 1869, não havendo nas Falas do Trono da época referencias ao incidente de Lima, na Fala de 1867 agradecimentos do Brasil e seus aliados á "graciosa mediação" do Perú, Chile, Bolivia e Equador para restabelecimento da paz com o Paraguai.

"Não puderam, contudo, ser aceitos tais oferecimentos", dizia a Fala do Trono dando o porque da recusa: "não o consentir o punidor nacional".

ENTREGA DE REVOCATORIA

(Sexta Feira 5 de Julho de 1901)

As questões de limites internacionais, por sua natureza, pelo intrincado dos argumentos pró e contra, pela solercia de negociadores, pela copia ou mingua de documentos, são questões de nó gordio muitas vezes desatado pelo processo de Alexandre, a diplomacia procurando desatar o nó sem corte de espada.

Entre as nossas questões de nó esteve a chamada Questão do Amapá, por ultimo sujeita de vez ao arbi-

tramento da Suíça, nação que toma a peito belo programa de vida, o de viver em paz interna e externa sem desuido de defesa.

Em Novembro de 1898 era nomeado o advogado defensor de nossos direitos em Berna, onde foram chegando as memorias e as replicas das partes litigantes.

Representava-nos o Barão do Rio Branco, era figura da França o embaixador Pierre Bihourd, o primeiro senhor da questão, alem de trazer no Coração e na memoria a historia e a geografia patrias; o segundo especialista de emergencia assistido de informantes mais de bibliotecas, arquivos, mapas e documentos manuscritos ou não.

A 1.º de Dezembro de 1900, Rio Branco e Bihourd recebiam em separado um laudo favoravel ao Brasil, o laudo de Berna ajuntado ao laudo de Lacken da Questão Christie e ao laudo de Washington da Questão das Missões.

Na sexta-feira 5 de Julho de 1901, Rio Branco entregava carta, revocatoria, ele pouco depois, de 1901, chanceler morador do Palacio Itamarati; gesto da pasta que o braço paterno não pouco carregara.

REUNIÃO DO CONSELHO DE ESTADO

(Sabado 25 de Outubro de 1884)

Paredes de meação, em predios urbanos, suscitam questões não raro de ferro e fogo forense. Nas zonas suburbanas e sobretudo no interior a delimitação de solos têm levado muita gente ao banco dos réus. Com tendas de limites, por sua vez, conduzem nações á guerra.

Sem recorrer a armas, o Brasil procurou resolver as suas não poucas questões de limites, já de familia já de vizinhança internacional.

Entre nós e o Prata, na sua porção de Argentina envelheceu a questão do Territorio das Missões, mantida a controvérsia entre periodos de calma e agitação. No litigio mormente dois rios, o Santo Antonio e o Periquassú, fizeram correr tinta e mais tinta até a decisão arbitral Cleveland dar-nos razão em 1895. Isto não sem vir a cena historica o tratado de 1750 entre Espanha e Portugal, e trabalhos de comissão demarcadora de 1759 e 1760.

Deixado o Brasil de ser Portugal, continuamos de acordos nas Missões com os herdeiros politicos da Espanha, tais os platinos. O litigio das Missões processou-se ora mais lento, ora mais ativado, e perseguiria o Imperio, ocupando e preocupando seus ministros dos Estrangeiros e seus diplomatas.

Nas vespuras da queda do Imperio um daqueles ministros, o ultimo do regimen, o Conselheiro Diana em data memoravel, a 7 de Setembro de 1889, sabi assinado em Buenos Aires um tratado de arbitramento para a pronta solução do litigio das Missões, em Novembro de 89 trocadas ratificações do tratado auspicioso.

A titulo de curiosidade, e também de justiça ao passado, convem mostrar o Conselho de Estado reunido no paço de São Cristóvão, sob a presidencia do Imperador, a 25 de Outubro de 1884.

Era sabado, dia em geral com geito de feriado principalmente se emendando com domingo.

Assunto do convocar do Conselho, a necessidade de ouvir o sobre a questão das Missões. Presentes o Conde d'Eu, membro extraordinario da corporação, e nove membros efetivos da mesma, Paulino de Sousa, La'ayette, Sinimbu, Affonso Celso, Andrade Pinto, Vieira da Silva, Martim Francisco, Cunha Figueiredo, Paranaquá. Ausente, licenciado, Teixeira Junior.

Impedidos, por motivo de saude, o visconde de Bon Retiro e o visconde de Muritiba. Entretanto a reunião recebeu-lhes votos por escrito, meio de tornar presença a ausencia, na demonstração de trabalho. Os nomes de presentes e ausentes diziam em cada um alguém. Nada de perguntar-se quem é?

A reunião ligava-se interesse governamental. Da explicar-se o comparecer de ministerio, Dantas presidente do conselho, ministros os senadores Franco de Sá e De Lamare, e os deputados Sodré Pereira, Matti Machado, Candido de Oliveira e Carneiro da Rocha.

A reunião principiou ás onze horas da manhã e provavelmente com breve interrupção de repouso, necessário a pessoas já alem do primeiro quartel da vida prolongaram-se trabalhos até tres e meia da tarde de um sabado, ora no qual se busca mais cedo um pouco de folga em negocios publicos e particulares.

GUERRA Á FRANÇA

(Domingo 1.º de Maio de 1808)

Forças incoercíveis, o destino e as circunstancias arrastam nações ou individuos a atitudes e resoluções em desacordo com a sua indole e seus desejos.

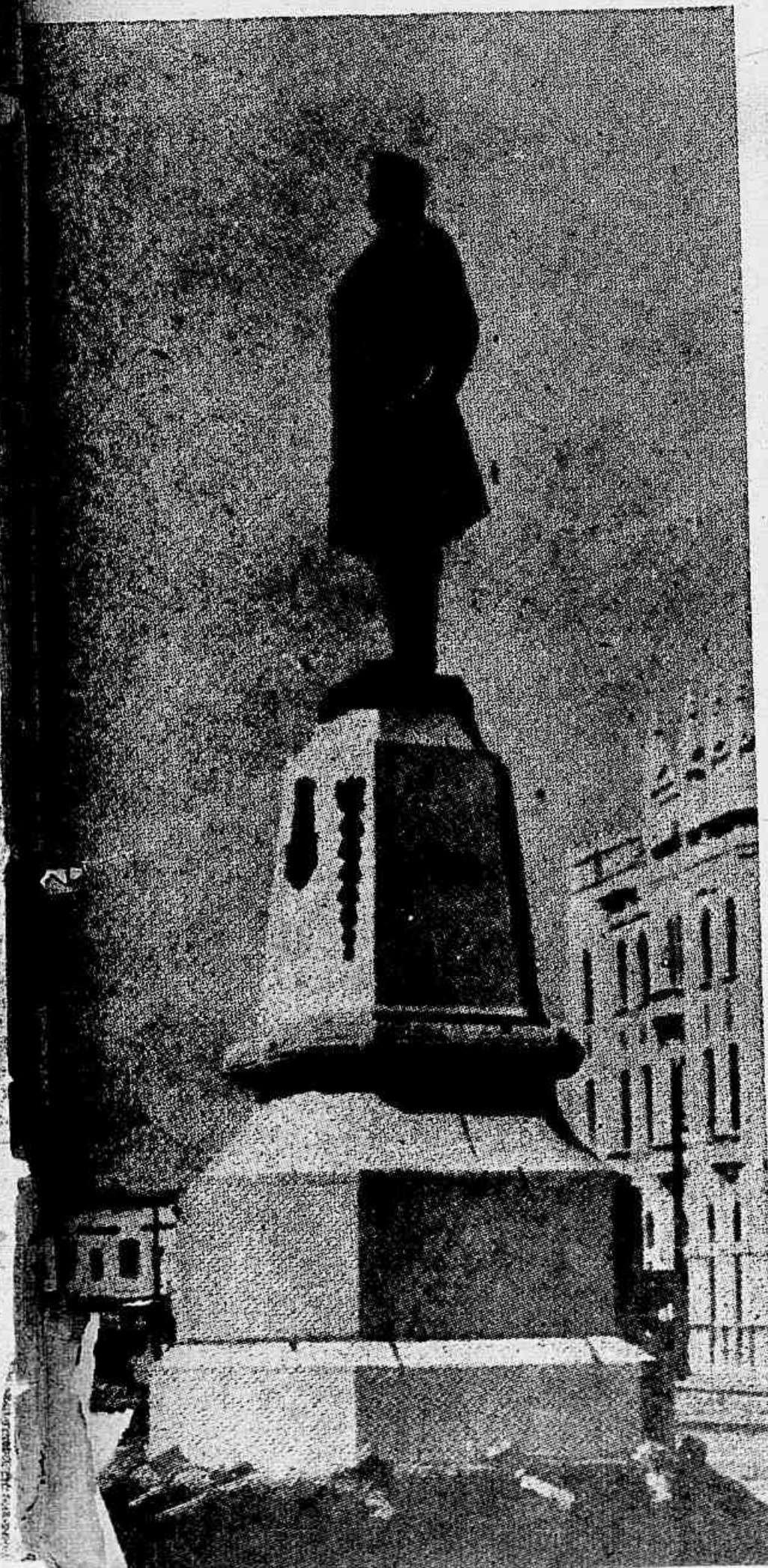
Sirva de exemplo individual o Principe Regente D. João. Quereria ele ser rei? Não. O destino entre-gou-lhe manto, cetro e corôa. Era ele belicoso? Não. As circunstancias o levaram a declarar guerra quando amigo da Paz.

Invadido Portugal por ordem de Napoleão, cum pria revidar e respondeu-se ao ainda arbitro da Europa invadido um pedaço de França na America do Sul a Guiana.

De 1.º de Maio de 1808 e do Rio de Janeiro datou o Principe Regente declaração de guerra á França.

A ação militar na Guiana, consequencia do manifesto, visava sobretudo Caiena. Para entrar na Guiana saíram forças do Pará. Apoiou-as divisão naval portuguesa á qual se incorporou corveta britânica.

A Guiana capitulou com o seu governador. Victor Hugues cujo nome só um pouco á Victor Hugo. Ficou administrando um brasileiro, nomeado por governo português, Maciel da Costa, o futuro marquês de Queluz. E bem regu ele a terra anexada tanto que, depois, vózes francêças insuspeitas louvaram Maciel da Costa quando a Guiana não mais Brasil de fato tornou-se de novo França de direito.



O CASO DA DAMA EM APUROS

ADAPTAÇÃO DE UMA NOVELA DE
AGATHA CHRISTIE

FOI um caso interessante, novo, original. Nunca Parker Pyne poderia prever o rumo que tomaram os acontecimentos, depois de um certo ponto. E o final, então, foi surpreendente, ainda mais surpreendente do que a confissão inicial e o pedido espantoso. Sempre ouvi dizer que para escrever uma história policial, segundo a maneira tradicional de centenas de escritores, deveria começar com um mistério impenetrável e acabar com uma solução iluminante. Entretanto, no caso que passo a contar, a princípio, não havia enigma: havia uma dificuldade, facilmente remediada com a ajuda de Parker Pyne, e, já perto do seu desfêcho, uma circunstância inesperada veio complicar o caso com um mistério, porém um mistério original que, pela sua própria existência, indicava a solução. Isso, dito assim, parece tirar do conto todo o interesse; mas, muito pelo contrário, acrescenta-lhe um sabor de novidade que o leitor há de apreciar. E, desde já, convidando-o a tentar descobrir, às primeiras frases, o fim sensacional. Creio que não o conseguirá. Não pense, porém, que isso seja uma prova de falta de perspicácia, pois Parker Pyne também não descobriu, e o leitor certamente conhece Parker Pyne e sabe que ele é um dos cérebros mais ágeis que já deixaram a polícia para trabalhar por conta própria. Deveria dar por certo que o leitor conhece bem Parker Pyne e não precisa ser apresentado a ele, porém — quem sabe? — talvez more muito longe de Londres ou, caso mais improvável, seja um estrangeiro. Terei leitores no estrangeiro? Em todo o caso, contarei como, depois de abandonar a polícia, que não via com bons olhos os seus métodos ilegais de fazer respeitar a lei, Parker Pyne resolveu abrir um negócio muito original. Ajudado por sua secretária, miss Lemon, ele organizou uma instituição que tinha por fim fazer a felicidade alheia. Nada mais meritório. Parker não podia, é certo, fazer todos felizes; mas publicava um anúncio nos jornais, e quantos tinham suficiente coragem para confiar nele viam, num abrir e fechar de olhos, desaparecerem as preocupações e os temores. A dama em apuros foi o terceiro caso e, certamente, o mais interessante.

Estava Parker em seu escritório, certa manhã; quando miss Lemon veio anunciar uma cliente.

— Moça?

— Sim.

— Que aspecto?

— Moça rica!

— Ótimo! As ricas são as que, em geral, se envolvem nas complicações mais intrincadas. Quando não é por outro motivo é por falta de ocupação.

— Mando-a entrar?

— Certamente. Mande-a entrar para aqui. Ah! mais uma coisa: ela parece preocupada?

— Preocupada? Se o senhor não andar depressa ela arrebenta o fêcho da bolsa de tanto abrir e fechar...

— Ótimo! Temos, então, um caso que deve ser interessante. Faça uma ficha: "O Caso da Dama em Apuros". Depois dou-lhe o nome e um resumo do caso.

— Sim, senhor.

— Bem, pode mandar entrar.

Se ele previsse, naquele momento, o desenlace da história que estava principiando, sua recepção não teria sido tão indiferente. Por outro lado, Parker Pyne aprendera que as confidências em geral são recusadas àqueles que se mostram muito ansiosos por obtê-las e despertam, assim, desconfiança. Achava que, parecendo indiferente, os clientes contariam tanto mais depressa e com todos os detalhes aquilo que os afligia.

A moça era de uma beleza extraordinária. Tão linda que Parker Pyne, que não achava de bom gosto demonstrar admiração pelos dotes físicos das clientes, não pôde deixar de abrir bem os olhos para ver melhor os encantos.

— Sr. Parker Pyne?

— Ele mesmo.

— Sr. Pyne, eu...

— Senhorita, não se...

— Senhora, por favor.

— Madame, nesse caso. Não se incomode. Não há pressa. Parker Pyne é sinônimo de discrição e eficiência. Pode falar.

Ela hesitou. Evidentemente estava pensando prós e contras. Olhando para aquele homem ela tinha, de certo modo, a convicção de que poderia confiar nele. E no entanto era muito confidencial o que ia dizer-lhe. Se o marido soubesse... Era preciso confiar em alguém ou em ninguém e suportar, depois, as consequências.

— Sr. Parker Pyne, a minha história é um pouco longa e um tanto ou quanto difícil de contar. Trata-se de uma joia...

Sim, uma joia. Para ser mais preciso, um anel. Vira-o brilhar na mão da dona tantas vezes! Quando Jack, o marido, levava-a para conhecer um amigo, John Brompton, e a senhora deste fora apresentada a ela. Daphne notara o anel no seu dedo. Uma surpresa: a senhora do amigo do marido era uma ex-colega de colégio.

— Daphne!

— Marília! Quanto tempo!

— É verdade. Desde os tempos de colégio!

E, mais tarde, enquanto os maridos conversavam sobre negócios, as duas recordavam os tempos de colégio. Daphne, falando, porém, não tirava os olhos do anel. Disse por fim:

— Linda joia. Marília...

— Acha? Foi meu marido quem me deu.

— Um lindo presente.

— Juro, sr. Parker Pyne, que naquele momento eu não pensava em roubar a joia. Admirava somente. Mais tarde, porém...

— Madame Daphne?

— Ela mesma.

— Aqui fala Robert Charleroi...

— Charleroi?

— O diretor do casino...

— Roubei — confessou a dama em apuros.

— Roubou o que? — perguntou, imperturbável, Parker Pyne.

Ah... sr. Charleroi. Prometi que amanhã mesmo saldaria...

— E' isso, exatamente, que eu queria lembrar. Amanhã, ao meio dia, expira o prazo que eu lhe concedi para saldar sua dívida. Se não for paga serei forçado a mandar chamar seu marido e tomar outras providências...

— Estava em apuros, sr. Parker Pyne. Jogara todo o dinheiro que tinha disponível no casino, uma noite, e fizera depois uma série de vales. Quando parei de jogar devia uma soma elevadíssima. Que fazer?

Parker Pyne perguntou:

(Continua na pagina 53)



**GRIPE
RESFRIADOS
NEURALGIAS**



**DÔRES
de
CABEÇA**

TRANSPIROL

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

**O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos**

**REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA**



**INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Courn Cabeludo**

Livros

BRÁS, BEXIGA E PARRA FUNDA O LARANJA DA CHINA, contos e fantasias de Antônio de Alcântara Machado — Livraria Martins, editora — São Paulo, 1944.

Brás, Bexiga e Barra-Funda

O Laranja da China



pela extravagância. Não usava de artifício algum nem executava um plano, um cálculo especial. Não simulava, não se constrangia absolutamente. Era assim. E quando se é "assim" e se triunfa integralmente, "equilíbrio" se deve chamar originalidade.

Para se ver como o autor de *Pathé-Baby*, o seu livro de estréia, foi o criador dum tipo, um padrão literário, basta considerar sumariamente nesta dupla circunstância: ter ele aparecido escrevendo como ninguém e logo surgirem numerosos moços, além de uns tantos já meio velhos, tentando, quer na audácia e fulgor dos conceitos, quer na vibração e impeto do estilo, fazer coisa semelhante. O seu vigor e a sua alegria; o seu tom agudamente irônico; a nota de verdade observada e transmitida sob uma forma inédita; a naturalidade dos diálogos mil vezes, textualmente, ouvidos, mas só agora lidos — tudo isso despertou a cobiça de novelistas e cronistas comparáveis ao poeta da velha anedota, que não sabia a quem imitar para ser original. Mas, enquanto aqueles *pasteurs* estacionavam se logo não recuavam para o desaparecimento, ia a obra de A. de Alcântara Machado ganhando em vigor, lustro, prestígio. E as edições que se sucedem bem demonstram como tal obra ficou.

Brás, Bexiga e Barra-Funda foi o segundo livro do escritor de quem tanto havia esperar. Ali está, numa época de São Paulo, uma gente italo-paulista ou, mais propriamente, italo-paulistana. É uma casta de população que evolui, atravessa uma fase supremamente pitoresca, antes de se impor ou se adaptar. Não vem nestas páginas estudada nos fenômenos da sua comunicação ou da sua luta com o novo meio, o clima novo, o ambiente e o torrão. Aparece-nos nos episódios duma vida coletiva, observada com ânimo risonho mas nunca desdenhoso, ironicamente mas com simpatia. E momentos há — como na história de Gaetaninho, já arvorada em peça de antologia — em que a narrativa, na sua singeleza extrema, assume o mais intenso poder emocionante.

Em *Laranja da China*, os temas são o que possa haver de mais nacional ou tradicional. Quer, porém, a linha descritiva quer a índole do comentário continuam a acentuar a vivacidade e a destreza dum espírito que não precisava de observar mudamente nem de se entregar a extensas cogitações para tudo apreender e de tudo fazer um juízo exato, luminoso... e seu.

Se Antônio de Alcântara Machado não criou imediatamente uma escola, porque os discípulos não o puderam seguir, deixou uma obra para ser cada vez mais preciosamente guardada e recordada com mais admiração.

DEUS LHE PAGUE... O BURRO, O SÁBIO, comédias de Joracy Camargo — Livraria Zilio Valverde, editora — Rio de Janeiro, 1944.



Desde as suas primeiras obras, desde talvez a sua estréia, o Sr. Joracy Camargo faz valer a sua orientação de comediógrafo, que visa o êxito quantitativo, o êxito do grande público e sem fazer questão dos meios de o alcançar.

Não são muitos mas sempre existem autores intransigentes dentro dos seus princípios, os seus gostos, os seus sentimentos. Nem conselhos práticos de amigos nem instâncias severas de directores teatrais os induzem a modificar seja um detalhe de situação seja uma passagem de diálogo. Ligam-se às suas criações por um amor próprio superior a todas as conveniências, todas as injunções, uma espécie de orgulho absoluto. E a fazer a menor concessão em tal sentido, preferem ver as suas peças jazendo na gaveta ou, conforme a tecnologia dos palcos, enfiando-se pelo buraco do ponto. O Sr. Joracy Camargo pensa e faz justamente o contrário disso. Tomado o assunto, que sempre escolhe de feição a lisonjejar a maioria presumível de espectadores, trata de lhe dar o desenvolvimento na aparência ou temporariamente, mais impressionante, mais sensacional. Coloca-se ou coloca a sua tese do lado dos medíocres que se arrogam uma superioridade hostilizada ou mal compreendida; dos pobretões laboriosos que declaram não prosperar porque rivais de pouco esculpido ou sorte excessiva lhes tomam a dianteira, barrando-lhes o caminho; dos sapientes e ativos que atribuem o seu infortúnio aos ineptos e sabujos; de todos os heróis altruístas que se dizem sacrificados pela cupidiz e as covardias da época. Mas o personagem que representa essa legião imensa de esbulhados, revoltados... e espectadores, desmascara a hipocrisia social; confunde o cinismo dos prepotentes, dos exploradores; acaba vencendo em toda a linha; e o seu triunfo assegura o da peça.

Assim se pode constatar o enredo, a linguagem e as intenções da peça *Deus lhe Pague* que é talvez com a classificação de comédia, a mais vitoriosa, mais popularizada do teatro brasileiro e cujo êxito de livreria vai na oitava edição. Nela não fez o Sr. Joracy Camargo o menor caso da verossimilhança, nem da coerência, nem de condição alguma se não a do número de representações. Bastará dizer que um ex-trabalhador cheio de inteligência, de honradez, de lealdade e traidor nos seus ideais como nos seus amores, é agora mendigo dos deuses estendida à porta duma igreja; só pela maneira, o tom de pedra, apanha dos transeuntes moedas de dois, notas de cinco mil réis; — noite despida os andrajes e envergado um smoking — de albatroz colado no dorso destas opulentas, e requintadamente mundanas... Semelhante tipo nunca existiu, jamais de certo existirá no Rio de Janeiro. Nem por isso as platéias deixam de acreditar nele, de o torrar riosamente a sério. A ponto de ser dada ao repertório deste autor, e não só nos cartazes, mais ou menos por toda a parte, a classificação de teatro social. O próprio comediógrafo patenteou quão pouco se prendia as questões de sensatas conceituosas ou de

Novos

técnica teatral, cantando a um jornal como escrevia as suas obras: na mesa dos contrarregistas, nas camarins amigos, no escritório dos gerentes, nos bilhetários... Quasi diriam os bilhetários principiantes. Nada disto, porém, significa deslém ou menos-prêço da nossa parte. O autor de *Deus lhe pague*, como de *O burro e o sábio*, também de excelente fortuna em cent e que igualmente acabamos de receber, fez o teatro que entem e eu pôde fazer; e, inabitavelmente, os resultados até agora obtidos só o incentivam a continuar. E' um escritor com a intuição, o conlão, uma visão privilegiada do chamado "sucesso". E ainda nos resta declarar que, assistindo às suas peças, nunca deixamos de juntar os nossos aplausos aos das platéias mais ou menos eletrizadas.

A TEMPESTADE E A VIDA, autobiografia de Antenor Santos de Oliveira — Rodrigues & Velasco Ltda., editores — Rio de Janeiro, 1944.

ANTENOR SANTOS DE OLIVEIRA

A Tempestade e a Vida

Inúmeras são as pessoas cuja vida, no seu próprio entender, daria um romance. O Sr. Antenor Santos de Oliveira, reflectindo sobre a sua, concluiu que merecia, pelo menos, uma autobiografia. Eis a razão das cento e cinquenta páginas do presente volume.

Começa o autor por nos contar quem eram seus avós. Pessoas das mais dignas, mais respeitáveis. E seus pais, criaturas de amor e bondade modelares. Tudo, portanto indicava um descendente probo, inteligente, afeitoso, laborioso, apaixonado pelas coisas do saber. E assim, com efeito, se verificou. Depois de encontrar, na vida prática, algumas dificuldades, entrou o Sr. Santos de Oliveira pelo caminho do bom êxito. Foi professor num colégio alheio primeiramente e depois no que ele próprio fundou em São Paulo. Por essa altura da sua história, sofreu ainda um ligeiro revés a que espiritualmente se refere, dizendo: *Fundei o meu ginásio em São Paulo, afundei-me e vim para o Rio. E aqui, sem fundos, o meu temor era profundo*

Mas esse e outros contratempos, quer anteriores quer posteriores, ele os venceu com a sua capacidade mental e a sua energia lutadora. E, atualmente, quer dizer: á data da publicação deste livro, conforme nos conta a pag. 103, "tem um contrato bilateral com o governo da União, como classificador e avaliador de cristal de rocha."

Forçado, em certa época, a residir no Rio, tendo a família em São Paulo, o autor, sempre que lhe era possível, ia visitá-la. Foi numa dessas viagens que se deu o caso seguinte:

"Quando chego á capital paulista é meu costume convidar minha mulher a ficar comigo no hotel, durante o tempo que lá permanecê. Minha filha quiz ir.

A' noite, por causa do clima do Rio, durante o verão, habituei-me a dormir nu. Mas deante de minha filhinha tinha que estar de cuecas. Ela olha e me diz: Papai, o Sr. não tem pijamas? Tenho, minha filha, mas gosto de dormir assim. Ah! eu acho que o Sr. está é bêbado!"

Por aí se podem bem avaliar a espontaneidade e o chiste que, em geral, predominam na obra.

HISTORIA DE CARLITOS, por Henrique Pongetti — Ilustrações do "Studio E'poca" — Rio de Janeiro, 1944.

HISTORIA DE CARLITOS



HENRIQUE PONGETTI

Por estas noventa páginas de amplo formato e com desenhos que deveras as valorizam, desenvolve o Sr. Henrique Pongetti uma história que não é a do artista, cineasta, director e empresário de filmes Charles Chaplin mas do estranho e adorável personagem por ele criado, celebrado e — pelo menos enquanto se cultivar ou se recordar o cinema — immortalizado.

O autor chamou a si essa ficção gloriosa e emprestou-lhe uma série de aventuras mais ou menos sugeridas pelas que, no *teran*, já vêm fazendo rir, sofrer também e até relectir os espectadores de tres decênios. A narrativa principia dolorosa — e com um erro de gramática: "Naquela noite Carlitos estava muito aborrecido da vida. Tudo lhe corria mal durante o dia. O azar grudara como um carrapicho no seu fraque ruço". E nos primeiros capítulos as desventuras de Carlitos se agravam, bem como, naturalmente, as do seu companheiro inseparável, Rintintim. Homem e cão padecem os tormentos da fome a cavar-lhes o ventre, da neve a cair-lhes no lombo, da hostilidade bestial dos freguezes e do patrão duma taberna lóbrega. Depois, dos freguezes e do patrão duma taberna lóbrega. Depois, dos freguezes e do patrão duma taberna lóbrega. Depois, dos freguezes e do patrão duma taberna lóbrega.

Rintintim é levado na carrocinha. Depois... Não furtemos, porém, a algum pirralho que porventura nos leia a sensação de acompanhar, ignorando-lhe o desfecho, este enredo ligeiro.

E' um livro para crianças. Solicitado a enriquecê-lo com um prefácio, uma nota liminar, o eminente crítico Tristão de Athayde — cremos não cometer maior indiscrição dizendo que se trata do Sr. Alceu Amoroso Lima — usou dum processo, não muito aristarquiano nem por isso menos eficaz. Passou-o ás mãos de seus filhinhos. E declara "Numa tarde o leram; esqueceram-se das travessuras, acompanhando ávidamente as de Carlitos e Rintintim. E acabaram perguntando-me se não havia mais. Estava dada a sentença. Só me restava rubricá-la, como aqui o faço".

Tem a palavra as outras crianças.

J. L.

BRITISH BOOK NEWS. E' uma seleção mensal de livros recentemente publicados na Inglaterra, impressa em folhetos pelo London National Book Council. Recebemos os números referentes a Janeiro, Fevereiro e Março de 1944, respectivamente sob os números 44, 45 e 46.

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continúa sendo Cr. \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

Prof. ARNALDO DE MORAES

3.ª EDIÇÃO

PREÇO: Cr\$ 15,00

Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO



A mostra de pintura brasileira levada a efeito, recentemente, na capital inglesa, constituiu um êxito

artístico e mundano sem precedentes. Não somos nós que o afirmamos, mas as notícias mais

autorizadas que nos veem de Londres e de que nos dão um testemunho eloquente as duas ilustrações

reunidas nesta página. Vemos, ao lado, a duquesa de Kent visitando o Burlington House, onde teve lugar aquela exposição. A seu lado o sr. Souza Leão, alto funcionário da nossa Embaixada em Londres, acompanha a ilustre dama, dando-lhe os necessários esclarecimentos sobre os trabalhos expostos e seus autores. Na ilustração abaixo, flagrante tomado por ocasião da abertura da exposição de Arte Brasileira, quando Sir Malcolm Robertson usava da palavra, estendendo-se em considerações sobre coisas e homens da nossa terra. Quadros dos mais modernos e aplaudidos pintores patrícios, inclusive Portinari, Pancetti, Augusto Rodrigues, Lasar Segall, Da Costa e muitos outros, mereceram entusiásticos aplausos e as mais lisongeiros referências por parte da crítica e dos conhecedores avulsos. Uma série de interessantes palestras ilustravam periodicamente a exposição, permitindo que seus frequentadores conhecessem mais acuradamente, embora à distância, um pouco do Brasil, levado a Londres através de um auspicioso empreendimento artístico de tão larga repercussão.

ARTE BRASILEIRA EM LONDRES





NOS BASTIDORES FEMININOS

ANGELA GREEN, DA WARNER

O verão aí está. Um sol bastante carrega denuncia a força do calor que aí vem... Mas as nossas lindas patricias sabem tirar excelente partido da estação quente, apresentando-se sempre graciosas e de aparência agradável. Neste verão a moda inclina-se para a simplicidade, mas uma simplicidade mais feminina do que a do ano passado.

Já se vêem suaves drapeados modelando o corpo, e adornos originais dando uma nota diferente e alegre às "toilettes".

As mangas em geral são bastante curtas, tendo ainda grande aceitação as mangas estilo japonesa.

Também a cintura sofrerá ligeira modificação, pois será um pouco mais baixa do que a usada nas estações anteriores.

Os enfeites brancos, as deliciosas golas de organdi, piqué ou gros-grain voltam a dar um toque bem feminino aos vestidos da nova estação. Assim, serão vistos à noite vestidos pretos ou marinho com golas, punhos ou "jabot" em organdi, piqué ou gros-grain, com delicadas incrustações de valencianas.

Podemos dizer que as "toilettes" deste verão serão enriquecidas pelos detalhes; e estes constituirão o segredo de elegância das nossas lindas amigas. Entre eles há a escolher uma grande variedade de bordados, babados, incrustações, "rouloutés", pespontos, soutaches e "pailletes". Compete, no entanto, a cada uma das nossas elegantes escolher o ornamento mais apropriado não só ao seu vestido como à sua própria personalidade.

Kitty.



Modelos
para
1945

Ao alto:
Elegantíssimo vestido de seda preta, apresentado por Janis Carter. Manga japonesa terminando com larga renda preta. A mesma renda acompanha o interessante movimento da saia. Esse vestido de Janis Carter depende apenas de um corte impecável.

Vestido para a tarde, em duas cores. Pode ser feito em marrom e rosa, marrom e bege ou ainda azul marinho e azul claro. A saia é ajustada ao corpo e a jaqueta tem uma aba ligeiramente "gole" e mais comprida para trás. Botões de grande efeito decorativo.

Em baixo:
Modelo de grande originalidade apresentado ainda por Janis Carter. O vestido é de pesada seda preta, com manguinhas curtas, decote alto. A saia tem acentuada franzido na frente. Uma blusa de listras pretas e brancas, da qual só se vêem as mangas, dá uma nota de originalidade a este modelo.

Ao lado:
Vestido para jantar em "peau d'ange" branco. Mangas raglan, ajustadas do cotovelo para baixo. A cintura é repuxada dando maior realce às linhas do corpo. Decote em longo V e botões da mesma fazenda, que vão do decote à cintura.

(Fotos Columbia)

eta, apr
japone
preta.
eressam
de Jam
n corte

as côre
a, marro
o e azu
o e a jo
te "gote
lotões de
o.

apresen
vestido
anguinha
acentuada
de listra
vêm a
inalidade

d'ange
as do co
repuxada
do corpo
a mesm
cintura

(lumbia)



Conto de
SILVEIRA JUNIOR

A CQUISTA

Ilustração de
JOSE' ANTONIO

JOSÉ MALHEIRO era um caboclo desempenado. Fama de valente tinha era ele mesmo. Baile acabado, pimenta no salão, tudo, e dele que se lembravam: foi aquele ruaceiro, era o que diziam. E vêzes não era. O que José Malheiro gostava, isso sim, era de histórias centes. Contava vantagens de brigas passadas, de encontros com lobos e cavalos sem cabeça. Contudo, a sua história predileta era outra que considerava como um atestado irrefutável da sua valentia. Por isso toda do caboclo descambava para a farda, até que alguém perguntasse:

— Por que te ponham o apelido de Subrimisso?

Era disso que José Malheiro gostava. Pedia uma pinga e lá v explicação:

Estava com uma roça se perdendo quando veio a reculuta. Não sentou. Veio uma escolta buscá-lo e ele resistiu e até hoje ninguém mais coragem de levá-lo para o exército. De tudo isso só lhe ficou o apelido Subrimisso, apelido que é um nome para todos os efeitos.

Mas não fica só nisso a impáfia de José Malheiros. Ele diz à boca que namorada com ele não conversa muito. Negócio de bater tramela os trouxas. Com ele tem que render. Não frequenta uma casa mais de semanas sem resultado.

— Falar nisso, começa o Subrimisso, só tive mesmo uma rapar couro sêco. Era a Nica. Ôta mulherzinha danada! Despachada como No primeiro dia de namôro foi logo dizendo que, com ela, era tudo no Muito respeito. Atrevimento era mão na cara.

Subrimisso tina o palheiro de trás da orelha, acende-o, puxa uma funda e conclui:

— Mas assim mesmo ela caiu aqui com o dega...

Pausa. Todos sabem que aquilo é o começo de uma das suas aventuras. E José Malheiro não se faz de rogado:

— Não vê que foi assim: eu gostava da Nica há uma porção de e nada... Era só conversa. Já andava banzando uma sistema de p zinha, mas não havia um meio. Lembro-me que, uma vez, na volta do peguei no dedo minguinho dela. Também aquilo foi obra de um in. Só deu tempo de ela bolear a direita por cima da minha testa. Fiquei ag...

— E tu apanhaste? indagou o filho do Chico da Natália.

— És besta... Logo não vês?! Quando os dedos dela me esquer as fussas, eu já estava longe. Foi só o susto...

— E daí?

— Daí... A mioleira velha continuou trabalhando. Não dava n dia mas dava noutro. Afinal, a Nica era uma mulher que valia a pena de corpo, muito corada e aquele dentinho de ouro a brilhar.

Subrimisso sentia-se importante. Todo mundo o escutava em res silêncio. Só os estalidos das placas de guspe é que quebravam a ton uniformidade da conversa.

— Mas um homem pensando para o mal faz coisa, minha gente. nem que o diabo, que Deus me perdoe, tendo Nosso Senhor contra um mundo quase do tamanho deste. E mais quente ainda. Pois o co da Nica me fazia a bola trabalhar. Não achava um jeito de sair d lero-lero. Qualquer má palavra minha ela aparava no ar. Quando eu d bava para uma conversa mais sem vergonha ela fazia menção de sair.

— Tu nunca prestaste mesmo, gracejou o negro Florindo.

— Pois olha, as pequenas não pensam que nem tu, da côr...

— O que eu queria saber é se deste jeito na moça, insisti Florindo.

— Si dei... Nem se fala. Vocês vão ver a sabedoria aqui do Subr

Foi tudo estudado numa noite de vespra de entrudo. Eu sabia que de sábado, no Salvador, ia estar daqui. E eu estava convidado e a Nica bém. Nessa noite passei como estou aqui. Não preguei olhos, cismando meio de entrar no coração da zinha.

— Ela gostava muito de tu, indagou o da côr.

— Gostar ela gostava, mas era uma coisa assim meio não sei coe. Só queria conversa e eu não estava p'ra essas coisas. Como ia contando

noite pensei num meio de vencer a frieza da Nica. Lembrei-me de uma pega p'ela. E fiz. No dia do baile fui cedo. Quando a gaita ch primeira roda eu já estava virando. Logo depois chegou a Nica. Olho

mim, deu um jeito de rir e o dentinho de ouro brilhou que nem boitã. de dançar e pedi uma concertada e mandei p'ela. A Nica bebeu. Ela

dela também. Com tudo isso, ainda não tinha falado com a pequena tava as três rodas do lenço comigo se eu contasse até o fim. Depois de ela ter cumprido a palavra eu então fiz esta proposta:

— Só se você deixa eu ir até à sua casa. Aí então sim. Eu le conto no caminho.

Ela aceitou: que sim.

A gaita roncou até madrugada.

No caminho p'ra casa a Nica saiu na frente da velha e eu embirrei: tava

resolvido a não contar o resto. A mãe dela podia ouvir e era desconveniente.

Só se fôssemos de atrás. Aceitou. Então eu peguei a falar:

— Pois eu bejei a sua canguta, no sonho, na hora que o céu abaixou...

Nisto, minha gente, eu já tinha pegado o dedo minguinho dela, mas de

verdade. E continuei:

— Tás é doido. Cruze!

— Doido nada... Eu sonhei...

— Mas então que sonho foi esse?

— Pois aí é que tá, Nica. Não posso te contar o sonho porque tem uns pedaços meio desconforme, com perdão da palavra. E é pena, porque era tão bonito...

— Conta, conta...

— Não dá. Tu ficas braba comigo e eu não quero.

— Pois faz assim: vai contando e pula os pedaços ruins.

— Então, não. Prefiro não contar nada. No sonho eu não pulei...

— Pois então conta, praga, conta. Conta como quiseres...

Nisto a gaita parou. Fomos cada um pro seu lado. Eu notava a curiosidade no modo com que ela me seguia com os olhos, mas ficava firme. Não queria dar de mostrar que tava com vontade de contar o sonho. Queria, isso sim, que ela fôsse me arrancando a história em pedacinhos, de jeito que eu pudesse ir apimentando a meu gôsto.

— E o vira, que tal? Tava bom? pergunta o botequineiro, intervindo na conversa.

— Si tava... O Noca foi; pergunta p'ele. Na outra roda eu não continuei logo, não. Esperei que ela pedisse e deu certo:

— E depois?

— Depois o que?

— O sonho...

— Ahn!... Não me alembra mais.

— Conta, conta.

— Não vê que nós dois estávamos assim lum lugar descampado. Num pasto que não tinha mais fim de grande. Tu tavas com esse vestido; eu não sei com que roupa estava. Com qualquer cangalho, decerto.

Ela riu. Eu continuei:

— Quem faz a roupa bonita é o que vai dentro dela.

— E então? perguntou curiosa a Nica.

— Ainda não topei um jeito de principiar a contar o sonho. Eu peguei no teu dedo...

— Então larga!

— Mas foi no sonho. Não querias que eu contasse? Apertei o teu dedo... Acabou-se a marca. Mandeí correr outra roda de concertada. Quis dançar outra vez com ela, mas não ficava bem. Era preciso variar. Dancei com Lipordina do Roque, um chute que não se acabava mais. A Nica também pegou outro. Quando os nossos olhos se cruzaram eu vi no modo dela o seu horrorrecimento. Passei pelo gaiteiro, que era meu conhecido, e fiz um sinal para acabar logo com aquele mortório. Foi tiro e queda. Dei depois uma

pinga p'ra ele e pedi que tocasse uma moda bem comprida. De longe dei de

o filho p'ra Nica. Quando a gaita abriu o povo avançou. Eu então deixei acabar o paredão e fui buscar a moça que já tava tirada. Só de pirraça fiquei um tem

po enorme de pé levantado esperando o repinicado da gaita. Quando pegámos a dançar ela já fez o pedido:

— Então, não vaz acabar de contar o sonho?

— Onde foi mesmo que eu fiquei?

— No apêrto do dedo...

— Pois é, como eu já disse, você gostou. Eu então apertei o seu braço,

piniquei bem e depois... bom, não falo mais...

— Agora quem já está agoniado sou eu, atalhou o da côr.

— Mas isso era só p'ela ficar caída. Esperei e a moça insistiu de novo:

— Conta, conta...

— Eu então entrei com o jôgo:

— Ponhei o seu braço na minha boca...

— Pára! Tá bom, conta...

— Ela gostava muito de tu? indagou o da côr.

— Ela agora abaixando, abaixando, de jeito que a gente podia bater com a cabeça

nele. Eu então fui me encolhendo e dei com o queixo aqui no seu ombro. Dei

outro beijo.

— Zeca, Zeca... Tás pegando com coisa.

— Bem, não conto mais nem um tiquinho do sonho, mesmo porque o

pedaço bom vem agora.

Pois minha gente, eu empaquei neste pedaço e passei o resto do baile sem

tocar mais no assunto. A moça queria estourar de curiosa. Prometeu que dan

çava as três rodas do lenço comigo se eu contasse até o fim. Depois de ela

ter cumprido a palavra eu então fiz esta proposta:

— Só se você deixa eu ir até à sua casa. Aí então sim. Eu le conto

no caminho.

Ela aceitou: que sim.

A gaita roncou até madrugada.

No caminho p'ra casa a Nica saiu na frente da velha e eu embirrei: tava

resolvido a não contar o resto. A mãe dela podia ouvir e era desconveniente.

Só se fôssemos de atrás. Aceitou. Então eu peguei a falar:

— Pois eu bejei a sua canguta, no sonho, na hora que o céu abaixou...

Nisto, minha gente, eu já tinha pegado o dedo minguinho dela, mas de

verdade. E continuei:

(Continua na página 55)







Na página à esquerda: uma rua de Cromer, um dos mais concorridos pontos de veraneio de East Anglia. Ao alto: os chalés de East Anglia. Na gravura inferior: um campo de tulipas. Há mil anos as melhores fazendas da Grã Bretanha eram estabelecias nessa região, berço da próspera indústria de tecidos daquele país.

NAS PLANÍCIES DA GRÃ-BRETANHA

De **AUGUSTUS MUIR**, especial
para a **REVISTA DA SEMANA**

EAST ANGLIA, a maior planície da Inglaterra, estende-se até o Mar do Norte, descrevendo uma grande curva que constitui o ponto mais ocidental da Grã Bretanha. O Wash, com o qual limita-se ao norte esta imensa planície, é um rio bastante largo e de pouca profundidade; e pôsto que sua fronteira ao sul diste apenas sessenta milhas de Londres, é porém uma das mais desconhecidas áreas da Grã Bretanha. Esta região acha-se dividida em dois condados, Norfolk e Suffolk, havendo todavia conservado, através de todos esses anos, certas características daquela união de que se orgulhava naqueles dias idos em que era um reinado dirigido por seu próprio monarca. Aquêles que apreciam o lugar, se deleitam principalmente com a amplidão de seus horizontes, com seus córregos minúsculos e seus rios de águas mansas e profundas, seus charcos e lagos nos lugares mais recônditos, suas charnecas e seus bosques, suas velhas aldeias com casas do estilo medieval e a nobre arquitetura das igrejas.

Através toda esta vasta planície sopra livre e com grande intensidade a brisa que vem do Mar do Norte. As 150 milhas de costa de East Anglia, desde o Wash até o rio Stour, é toda pontilhada de aldeias e pequenas cidades de pescadores.

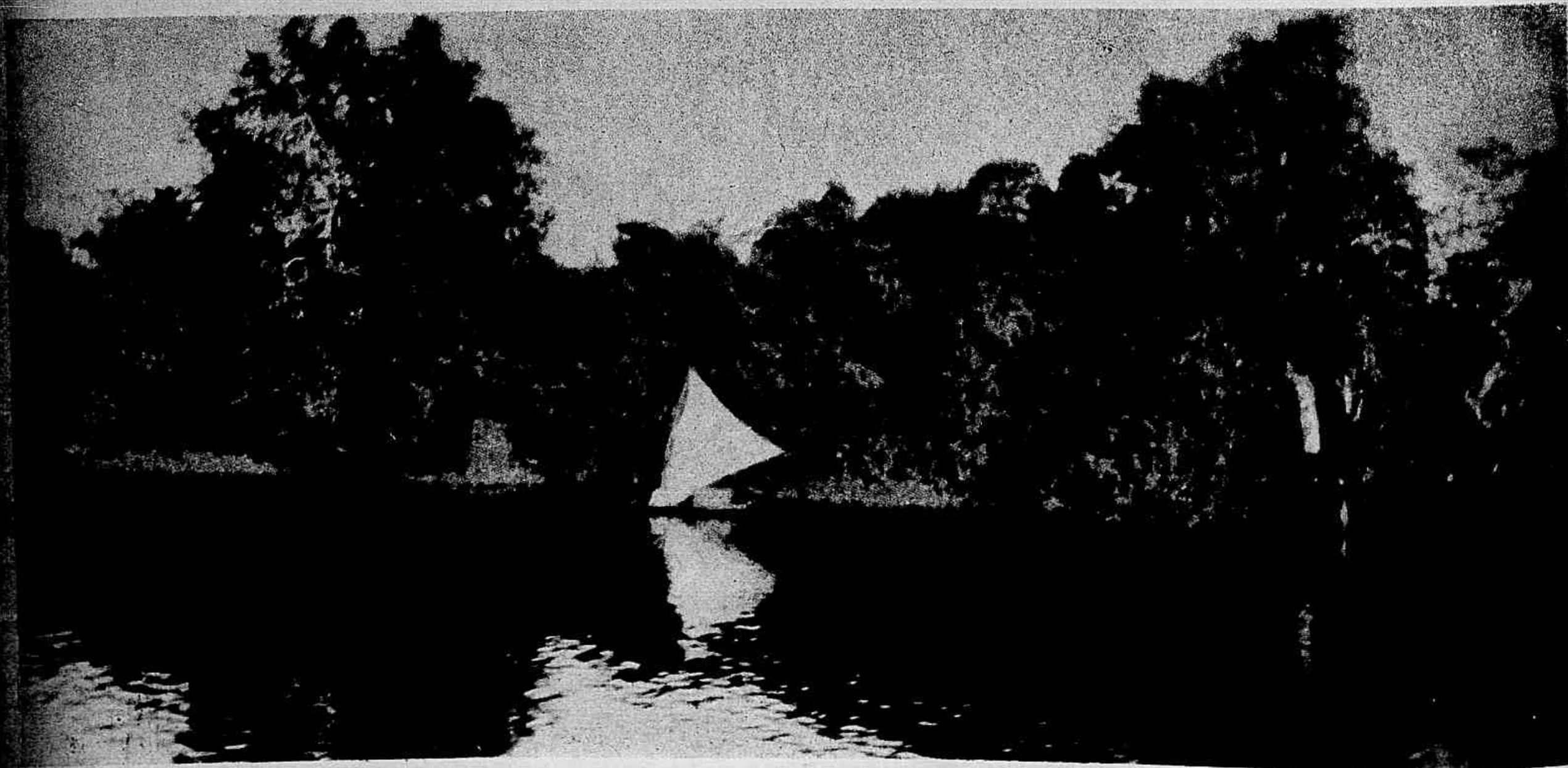
(Continua na pag. 58)



COISAS DO BRASIL

VAGA mas romântica evocação de Manaus dos áureos tempos da borracha, essa que nos proporciona a ilustração ao lado. Certo, lá se encontra, no mesmo local, o grande teatro onde, no entanto, são escassos, sobremaneira, os bons espetáculos de arte, nos dias que vivemos... E todavia o Municipal da capital amazonense conta uma fôlha de inestimáveis serviços prestados à população de Manaus, traduzidos em grandes companhias que ali se instalavam, quando a situação econômica se favorecia grandemente pela valorização daquele precioso produto. Hoje Manaus parece despertar para um novo e magnífico sôpro de vida. Se há males que veem para bem, quem sabe se a própria guerra, o maior mal da Humanidade, não terá contribuído, daqui a tempos, nesse sentido? E o Amazonas, tão rico e exuberante no que diz respeito à Natureza, não será apenas um majestoso cenário, atraindo os olhos curiosos dos "touristes", mas alguma coisa mais, um centro de cultura e uma admirável metrópole contemporânea. Na gravura inferior, outro "momento" imponente da região amazônica. Fotografia tirada de bordo de um transporte quando subia o gigantesco rio que lhe empresta o nome, panorama decantado por tantos e tão contemplativos escritores, mas sempre renovado e inédito aos olhos de quem se deslumbra frente a ele pela vez primeira.

Coisas do Brasil — das mais autênticas e maravilhosas. Coisas que tantos milhões de brasileiros desconhecem...



REEDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

A paisagem do Recife, quando o professor Agamenon Magalhães foi nomeado interventor federal no Estado, era afetada pelos mocambos, miseráveis habitações de palha e zinco, situadas dentro dos alagados, numa visão repugnante e desoladora. Há muitos anos, o problema constituía um desafio à argúcia dos técnicos e à ação dos governantes, e ninguém podia compreender como seria possível a uma população viver naquelas sórdidas mansardas, sem conforto, sem higiene, sem instrução, numa aviltante promiscuidade. O problema não era apenas turístico ou urbanístico; era, sobretudo, humano. O combate ao mocambo devia constituir uma luta pela elevação e pela dignidade das classes menos favorecidas, que se degradavam mais e mais, nas imundas palhoças.

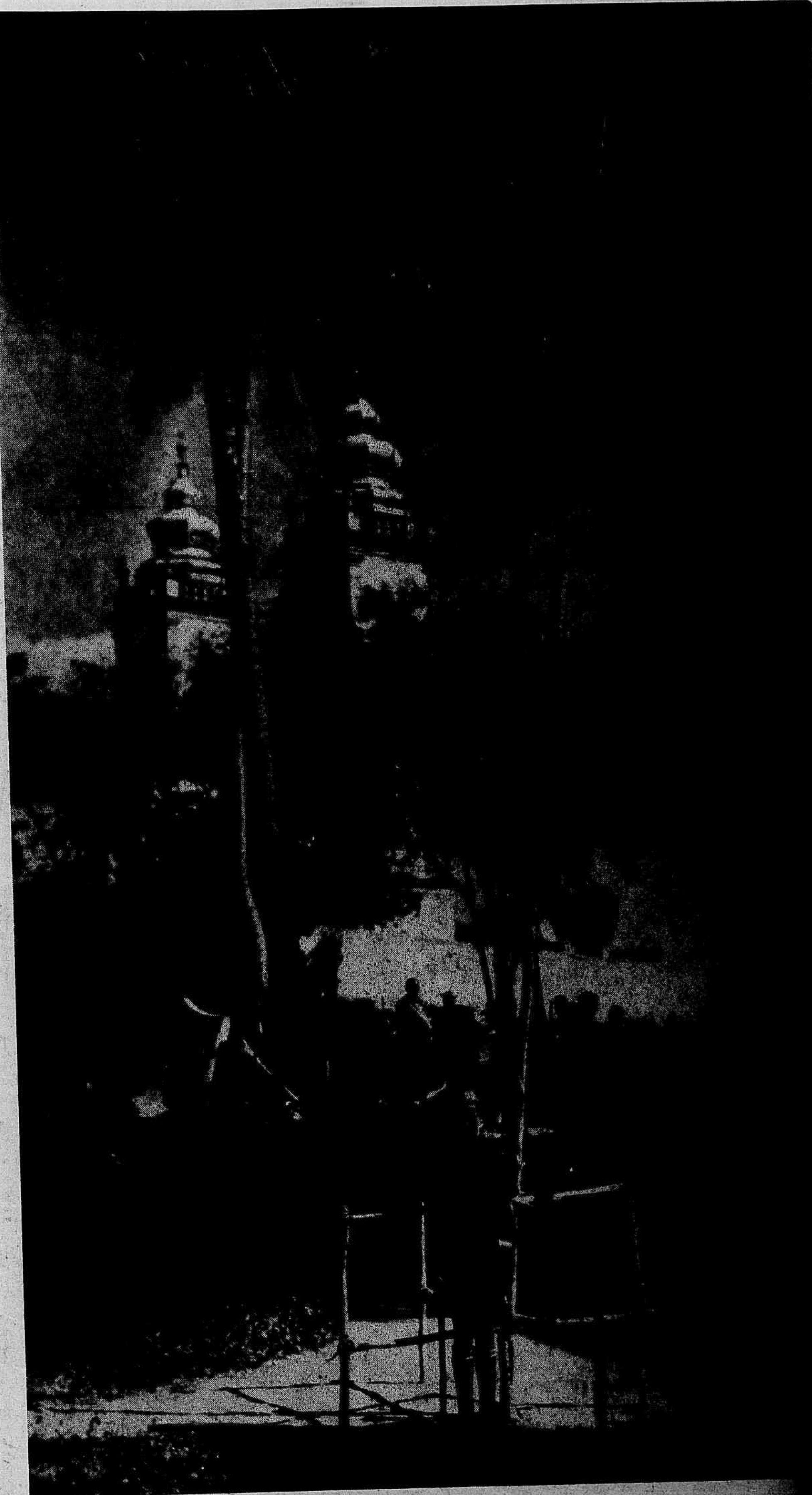
Certa literatura social, mal orientada e falsamente reformadora, não raro procurava tirar proveito dessa situação, apresentando o mocambo como tipo de habitação para o clima recifense e elvando de falsas soluções a questão da salubridade e do conforto nos miseráveis casebres. Criava-se, assim, um regime de conformismo verdadeiramente ignóbil. O professor Agamenon Magalhães que, na direção da pasta do Trabalho, imprimira à legislação social brasileira um novo sentido e realizara uma obra de reajustamento humano enaltecida dentro e fora do país, resolveu atacar a fundo o problema, equacioná-lo e discipliná-lo. Assim, em artigos doutrinários, diariamente, através da imprensa mais popular da capital e das ondas do Rádio Clube de Pernambuco, deu início à fase doutrinária da grande cruzada.

O período doutrinário preparou os espíritos para a campanha, que iria empolgar todas as classes, constituindo um movimento tão profundo, tão justo e tão belo que jamais seria detido e cujos resultados despertariam todas as consciências, acabando com a conformação ao mocambo.

A 17 de setembro de 1938, pelo decreto n.º 182, foi criada a Comissão Censitária dos Mocambos, com a finalidade de realizar um inquérito social, em que fossem colhidos todos os dados relativos ao mocambo e aos seus moradores. O resultado foi estarrecedor: o Recife possuía a cifra espantosa de 45.581 mocambos, com uma população de 164.837 almas. Era essa uma população diversa, heterogênea e insatisfeita, composta de trabalhadores nas indústrias, empregados em transportes, artesãos e até mendigos. Desocupados e pessoas sem profissão definida constituíam grande percentagem. Havia um número elevado de domésticas como chefes de família. O problema era vasto e tentava, sobretudo, a uma administração consciente e realista.

A 13 de julho de 1939 foi fundada, em memorável reunião no Palácio do Governo, a Liga Social Contra o Mocambo, com a finalidade de dar um combate sem tréguas à habitação miserável, intensificar a construção de casas populares e reeducar o ex-habitante dos mocambos. Protestos de apóio e solidariedade chegaram, imediatamente, de todos os pontos do Estado e do país. Vultosos donativos foram feitos por agremiações e particulares, iniciados com o de um milhão de cruzeiros (Cr\$ 1.000.000,00) do Governo do Estado para a fundação de uma vila destinada às lavadeiras.

Ao mesmo tempo que se procedia à demolição dos mocambos desocupados, proibiu-se a construção e reconstrução dos casebres. Adotou-se a padronização dos materiais de construção e foram aprovados oito tipos diferentes de plantas para casas populares. Vários terrenos foram cadastrados para a construção de casas, iniciou-se o aterro dos alagados com a extinção dos mangues. Isenções e favores foram concedidos às empresas construtoras e adquirentes.



Escoteiros içando a Bandeira Nacional num acampamento em Guararapes, vendo-se ao fundo a tradicional escotismo desenvolveu-se de maneira notável em Pernambuco, acompanhando a evolução educacional daquela federativa.

PERNAMBUCO NA ADMINISTRAÇÃO AGAMENON MAGALHÃES



A extinção do mocambo constitui um dos pontos básicos da política de reeducação e assistência social do atual governo pernambucano. Milhares dessas miseráveis habitações foram e continuam a ser destruídas. Aterradas e saneadas as áreas atingidas pelas demolições, são aí construídas casas higiênicas e confortáveis, como, num expressivo contraste, mostra a gravura da página seguinte.

As casas foram levantadas dentro de um plano que abrangia: I — **casas para fins de assistência social**, que se destinavam a amparar as mulheres chefes de família. Dessa categoria existem, entre outras, hoje, as seguintes vilas: das Lavadeiras, em Areias; das Cozinheiras, na Macacheira, e das Costureiras, em Santo Amaro. II — **Casas para operários sindicalizados e contribuintes** dos Institutos de Previdência e Caixas de Pensões do Ministério do Trabalho, pois o inquérito demonstrara que havia avultado número de operários sindicalizados entre os moradores dos mocambos. Como resultado, foram construídas, entre outras, as seguintes vilas: dos Marítimos, do Saneamento, dos Ferroviários, dos Bancários, dos Industriários, dos Estivadores, Getúlio Vargas (IAPETEC), Agamenon Magalhães (IAPETEC), Comerciantes, Funcionários Públicos (IPSEP), etc. III — **Casas para candidatos de todas as outras atividades profissionais** — Com efeito, apoiada desde a fundação por homens de negócio, a Liga deu novo impulso às construções. Várias empresas passaram a trabalhar na construção de casas para candidatos de todas as atividades profissionais. Entre essas, as maiores foram a Empresa Construtora de Casas Populares S/A e a Sociedade de Casas Populares S/A, esta financiada pela colônia portuguesa. A iniciativa particular, sob o amparo do Estado, deve-se grande parte do êxito da cruzada social, em que se empenha o governo do interventor Agamenon Magalhães.

Ao completar o seu primeiro lustro, a 13 de julho do corrente ano, a Liga apresentou o seguinte balanço de atividades:

Casas construídas (na capital)	6.631
Casas em construção (na capital)	2.167
Construções no interior do Estado	9.817
59 vilas e 20 grupos residenciais	
Mocambos demolidos	12.434
Áreas desapropriadas	1.822.338,38m ²
Importância aplicada nas desapropriações	Cr\$ 2.285.306,40
Áreas alagadas aterradas pelo D.N.O.S.	541.025,00m ²
Importância aplicada nas obras de aterro	Cr\$ 9.598.443,20
Novos serviços de saneamento nas vilas	Cr\$ 8.521.578,20

DONATIVOS À LIGA

Governo do Estado (até novembro do corrente ano)	Cr\$ 7.293.660,60
Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco (até julho)	Cr\$ 2.101.000,00
Sindicatos de classe, empresas, sociedades, educandários e indivíduos ...	Cr\$ 1.418.672,80
Total dos donativos	Cr\$10.813.333,40

Problemas diversos, ligados à destruição dos mocambos, foram atacados energeticamente. A falta de assistência médica no interior do Estado, indivíduos e famílias se transportavam para o Recife e, após tratamento nos hospitais da cidade, ali ficavam, aumentando o número dos mocambos e a sua população. O governo já remeteu, até julho do corrente ano, de volta aos seus trabalhos agrícolas, nas zonas rurais do interior, 7.408 desajustados, agora em atividade nas usinas de açúcar, campos de colheita e fábricas de carvão.

Uma outra parte de habitantes dos mocambos, os mendigos, foram albergados no Abrigo do Cristo Redentor, moderno asilo de mendicância incorporado ao plano de ação da Liga ou, ainda, enviados para o interior do Estado, onde se encontravam as suas famílias. Na construção do Abrigo foram dispendidos Cr\$ 2.292.548,90. Mais de 300 mendigos vivem no Abrigo, sendo-lhes proporcionada completa assistência médica, dentária e religiosa.

A tarefa, como vemos, não era somente extinguir o mocambo e criar em seu lugar uma casa nova e confortável. Assim, o governo pôs em prática um plano de amparo à família operária, por meio dos Centros Educativos, núcleos que procuram elevar o nível moral, intelectual e material do trabalhador. A rede dos Centros Educativos estende-se por dez bairros da cidade, realizando fecunda assistência social por meio de "instrutores", escolhidos entre estudantes das escolas superiores do Recife e elementos selecionados entre os trabalhadores, classificados como membros do Conselho, mestres e contra-mestres, tendo cada um a seu cargo, em cada zona por que é dividido o bairro, certo e determinado número de famílias. Além

de assistência médica, dentária, farmacêutica e religiosa, mantém os Centros cursos de alfabetização para adultos e menores, caixas sociais encarregadas da distribuição de auxílios em dinheiro para medicamento, funerais, etc., auditórios, salas de aulas, bibliotecas, praças de esportes, etc.

Outras obras destinadas a assegurar a perfeita reeducação social do antigo habitante dos mocambos foram construídas e instaladas: uma escola de arte culinária, na Vila das Cozinheiras, destinada ao ensino e aperfeiçoamento de profissionais da cozinha, com curso diurno e noturno; salas de costura para ensino de operárias que desejam aprender corte, costura, bordados e flores e com atividade assistencial, permitindo àquelas famílias que não possuem máquina o uso dos apetrechos da sala. O governo tem, ainda, distribuído máquinas de costura entre viúvas pobres, cujos únicos proventos se originam dos trabalhos de agulha; e, ainda, novos grupos escolares: no Piranga, um rural no Rosarinho, uma escola-granja no Ibura e escolas primárias no Reservatório de Prazeres e no de Gurjá.

Os arquivos da Liga Social Contra o Mocambo estão cheios de depoimentos entusiásticos de professores, sociólogos, estadistas, homens de pensamento e de ação que visitaram Pernambuco e estiveram em contacto com a impressionante obra social que ali se desenvolve. O Presidente Getúlio Vargas, informado sobre a campanha, logo no seu início, escreveu: "Recife poderá oferecer este exemplo único na história do urbanismo: uma cidade sem bairros miseráveis e sem habitações anti-higiênicas". E Roy Nash, escritor norte-americano, autor do livro "The conquest of Brazil", declarou: "A campanha contra o mocambo é a mais importante revolução social já operada no Brasil, desde a abolição da escravatura".

A Liga Social Contra o Mocambo tem prestado a Pernambuco os benefícios mais assinalados. Com o fim de assegurar a sua perenidade, que é a perenidade de uma obra de recuperação humana cuja repercussão transpõe já, as fronteiras do Estado e do país, essa organização vitoriosa por tantos motivos, vai ser transformada em autarquia administrativa, já tendo sido aprovado, nesse sentido,

o projeto de decreto-lei enviado pelo interventor federal ao Conselho Administrativo do Estado.

A autarquia se compõe de secções e departamentos, visando essa grande obra, no seu conjunto, a intensificação da ação social e humana que constitui a essência mesma dessa cruzada benemérita e redentora.

A constituição da Liga Social Contra o Mocambo em autarquia administrativa representa o coroamento desse vasto e fecundo esforço que se tem feito no sentido de alcançar a restauração das classes menos favorecidas e de realizar a política da casa própria.

FINANÇAS DE PERNAMBUCO

A situação financeira de Pernambuco assinala-se pelos fatos seguintes:

- aumento vertiginoso das rendas;
- pagamento da dívida flutuante e de grande parte da dívida consolidada interna, e
- solidez do crédito do Estado resultante das providências acima enumeradas.

A elevação da receita foi obtida graças às medidas adotadas no aparelho arrecadador e fiscalizador das rendas e se expressa através das seguintes cifras:

1937	Cr\$ 77.000.000,00
1938	87.426.000,00
1939	108.474.000,00
1940	112.445.000,00
1941	117.309.000,00
1942	128.761.000,00
1943	162.991.000,00
1944 (até 9 meses) . .	136.000.000,00

Observe-se a propósito de tão auspicioso acréscimo de rendas que a taxa do imposto sobre vendas e consignações é a mesma fixada na Conferência dos Secretários da Fazenda realizada no Rio de Janeiro em 1938, ou seja 1,25% e que o imposto de exportação interestadual foi extinto desde dezembro de 1942.

A dívida flutuante de responsabilidade direta do Tesouro, que a atual administração do Estado encontrou em 1937 no valor de Cr\$ 11.000.000,00, depois de contabilizada e examinada foi paga com os recursos dos saldos orçamentários. Além da vultosa dívida flutuante o Estado liquidou vários compromissos da dívida consolidada interna no valor total de Cr\$ 30.000.000,00.

Entre os compromissos pagos figuram o empréstimo contraído em 1933, com o Banco do Brasil, os títulos em libras de Babcock & Wilcox e as promissórias emitidas a favor da Pernambuco Tramways And Power Company Ltd.

Em consequência da liquidação das dívidas acima foram liberadas milhares de apólices no valor aproximado de Cr\$ 55.000.000,00 e que garantiam várias operações de crédito.

Como era de prever, saneadas as finanças o crédito do Estado restabeleceu-se rapidamente e as apólices do valor nominal de Cr\$ 1.000,00, que em 1937 não tinham compradores ao preço de Cr\$ 640,00, estão agora cotadas ao par e praticamente sem vendedores. Falando-se em apólices é oportuno salientar outra iniciativa do Governo em relação ao crédito do Estado. Trata-se da uniformização dos tipos das apólices em circulação. Havia 20 antigas emissões de valores diversos. Com a uniformização as apólices foram agrupadas em 4 tipos de Cr\$ 1.000,00: ao portador, juros 7% e 5%, e nominativas, juros de 7% e 5%.

O Estado possui agora Cr\$ 90.000.000,00 de apólices em circulação, importância relativamente modesta tendo-se em vista a atual arrecadação. Dessas apólices mais de dois terços — Cr\$ 62.000.000,00 — vencem os juros de 5% anuais.

A respeito da solidez financeira do Estado vale transcrever o seguinte trecho do Boletim do Conselho Técnico de Economia e Finanças, a respeito da prestação de contas de 1941:

"A situação da liquidez financeira (isto é os saldos do ativo financeiro e do passivo financeiro, as disponibilidades imediatas e os débitos de cobrança também imediata) registra os índices de 313,20% em 1940 e 337,07% em 1941. Dispunha, portanto, o Estado de Pernambuco de 313,20 cru-

zeiros em 1940 e Cr\$ 337,07 em 1941 para pronto pagamento de cada cem cruzeiros. É excepcional o número índice em qualquer dos dois exercícios, sabendo-se que se deve considerar como bom o índice de 2 para 1." (Boletim n.º 26 — Fevereiro de 1943).

A PENITENCIÁRIA AGRÍCOLA DE ITAMARACA

A obra de recuperação humana a que se entregou, desde o começo do seu governo, o interventor Agamenon Magalhães, tem uma das suas mais características expressões na Penitenciária Agrícola de Itamaracá, estabelecimento modelar de reeducação dos detentos e que, visitado constantemente pelas mais abalizadas autoridades em penalística, tem sido alvo dos conceitos mais entusiásticos.

O detento se entrega ao trabalho nos campos, contribuindo, destarte, para que a economia pernambucana muito se desenvolva.

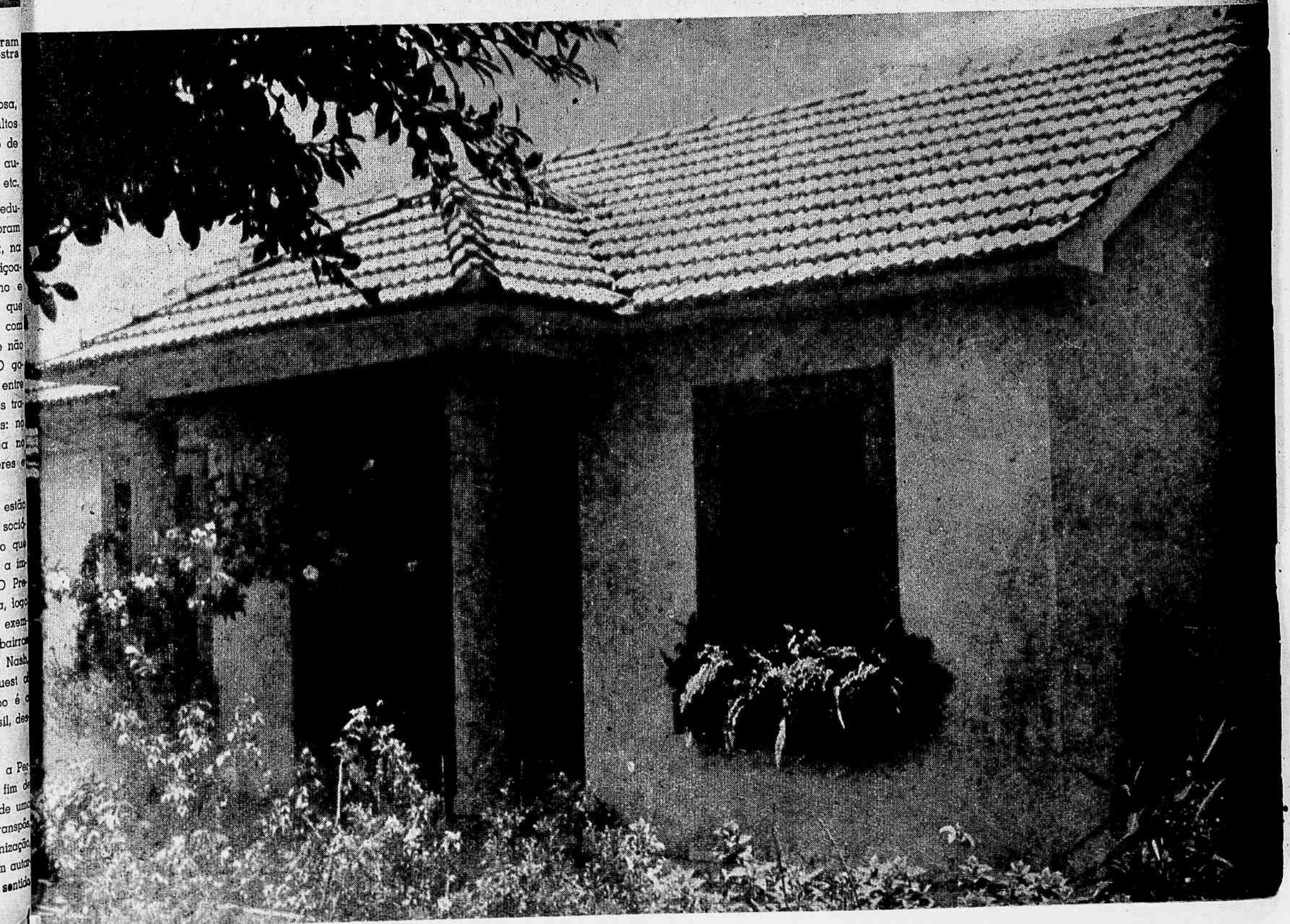
A ilha de Itamaracá é, hoje, uma colméia de trabalho, onde o detento se entrega de corpo e alma à cultura da terra e a outros serviços. A cultura da cana de açúcar, que é praticada na ilha, muito lhe deve, sendo notável o seu desenvolvimento depois da instalação da penitenciária. As salinas contam, também, com o braço do trabalhador detento; e no engenho banguê a ação do presidiário se faz sentir com intensidade.

Na Penitenciária os detentos recebem toda assistência — educacional, religiosa, médica e dentária.

Relativamente ainda ao detento, há ali um serviço de assentamento em fichário que fornece a qualquer pessoa uma relação completa da vida de cada homem, de seus antecedentes e de sua conduta. Uma obra desse porte não podia deixar de atrair a atenção dos estudiosos do assunto e eminentes juristas e penalistas do país são unânimes em reconhecer e proclamar que se trata de um serviço inestimável, cujos resultados são tangíveis ao primeiro contacto.

Uma tarefa de reeducação penal, tão nobilitante e tão profunda, honra o estabelecimento modelar que é a Penitenciária Agrícola de Itamaracá e honra, principalmente, o governo que a levantou com a compreensão exata dos

Casas como esta estão substituindo os infectos mocambos, onde definhava uma grande parte da população do Recife. Ao assumir o governo, o interventor Agamenon Magalhães encarou o problema com ânimo inflexível, e a despeito de todas as dificuldades a capital de Pernambuco está, aos poucos, se libertando do terrível estigma social que é o mocambo.



A Maternidade de Afogados, cuja construção está sendo ultimada.

problemas da penalística moderna, que não realizaria tudo se não olhasse o fator humano tão de perto, como olha.

COOPERATIVISMO

A recuperação econômica que se verifica em todo o Estado de Pernambuco é, em grande parte, devida à prática do sistema cooperativista, adotado pelo governo do interventor Agamenon Magalhães, com os melhores resultados.

Até então, Pernambuco era um Estado monocultor. O desenvolvimento de novas culturas e novas fontes de riqueza processou-se naturalmente com o cooperativismo, que soergueu economicamente o Estado e lhe assegurou esplêndida vitalidade.

O quadro cooperativista que o Estado apresenta é surpreendente. As cooperativas, impulsionando a produção agrícola e industrial, realizam um admirável trabalho de revitalização econômica e asseguram a Pernambuco um progresso material indestrutível.

Esgotado nas suas fontes de riqueza, prêso à estreiteza da monocultura, o Estado ressurgiu economicamente com o cooperativismo e com o desenvolvimento da policultura, verificando-se um surto impressionante de riqueza e de valorização de todos os recursos da agricultura, da indústria e da pecuária.

A experiência cooperativista é uma grande realidade em Pernambuco. O número de cooperativas disseminadas em quase todo o Estado atesta a maneira com que o governo soube cuidar desse problema, traçando à economia e à produção um futuro grandioso.

O seguinte resumo é bastante expressivo do desenvolvimento cooperativista em Pernambuco:

201 cooperativas com 43.995 associados
Capital subscrito — Cr\$ 25.713.743,20
Capital realizado — Cr\$ 19.286.744,20
Movimento geral — Cr\$ 407.395.891,50

O cooperativismo escolar, também muito desenvolvido, apresenta o seguinte quadro muito sugestivo:

66 cooperativas com 11.800 associados
Capital subscrito — Cr\$ 13.800,00
Capital realizado — Cr\$ 11.800,00
Movimento geral — Cr\$ 117.000,00

Esta última demonstração vem provar que, no domínio da educação escolar, o cooperativismo vem oferecendo os resultados mais amplos e mais decisivos.

Verdadeiramente notáveis têm sido os resultados obtidos, em todo o Estado, pela prática do cooperativismo, que restaurou economicamente Pernambuco.

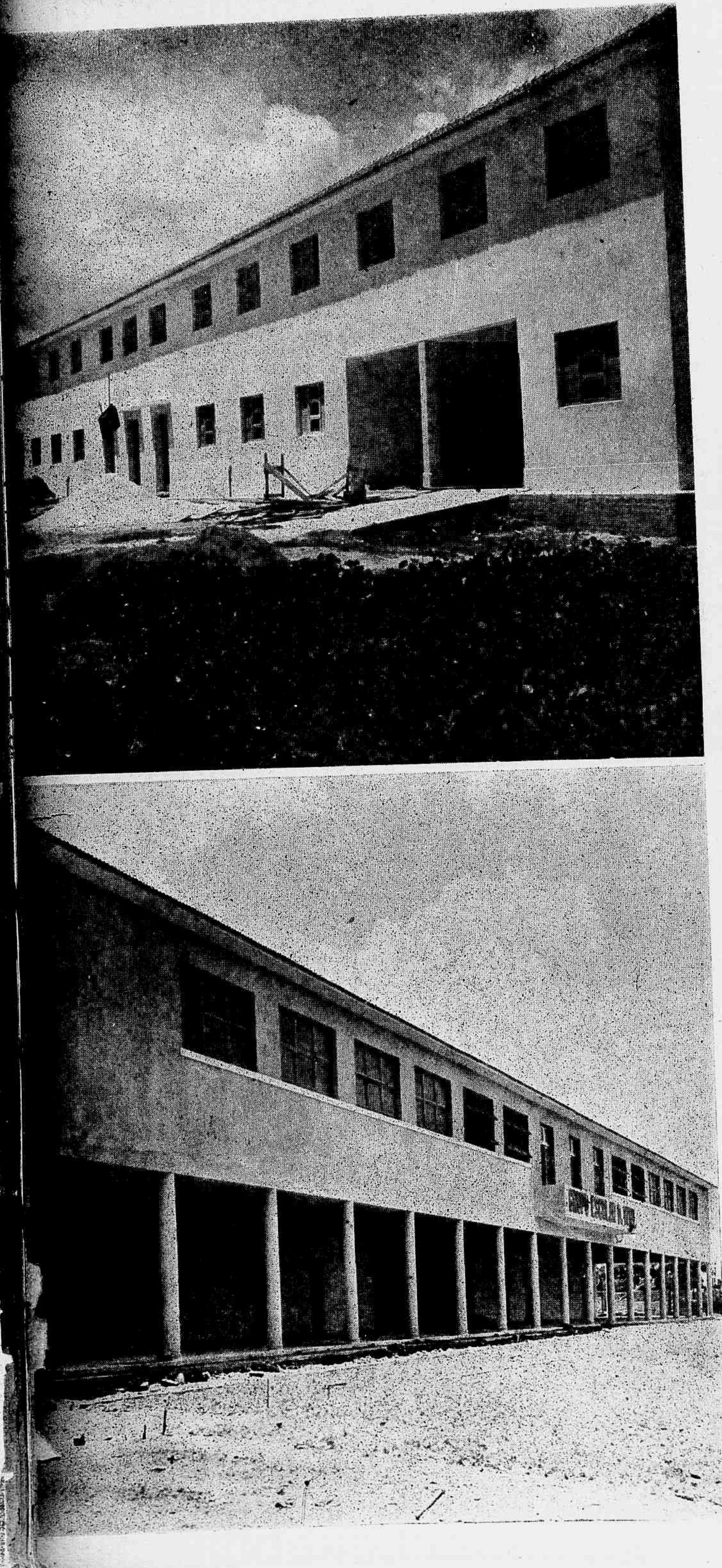
A política cooperativista do interventor Agamenon Magalhães é um dos aspectos mais fecundos da sua administração. Os resultados obtidos por esse sistema estão à vista de todos; e a disseminação desse ideal por todos os recantos do Estado tem determinado uma verdadeira renovação de nossas riquezas, valorizando intensamente a terra e o homem.

Foi para ampliar os resultados que o cooperativismo vem determinando através da união e da solidariedade que realiza, que o Departamento de Assistência às Cooperativas, num gesto louvável de compreensão, deu início, sob os melhores auspícios, às Semanas Cooperativistas, que se veem realizando nas mais importantes cidades do interior de Pernambuco. Destinam-se as Semanas Cooperativistas a divulgar cada vez mais o ideal dos pioneiros de Rochdale, que se espalhou pelos países civilizados, realizando completa recuperação econômica e social. Além disso, as Semanas apreciam os problemas locais que o cooperativismo equaciona e resolve.

Nas cidades de Salgueiro, Caruarú e Limoeiro foram levadas a efeito com o maior brilhantismo as Semanas Cooperativistas.

O cooperativismo é uma das mais impressionantes realidades, em Pernambuco. Libertando o Estado da estreiteza da monocultura, valorizando o esforço humano e as riquezas da terra, esse sistema tem determinado uma renovação completa dos padrões econômicos do Estado, assegurando uma prosperidade e uma vitalidade que as contingências atuais, suscitadas pela guerra, não lograram interromper, nem mesmo levemente afetar.

Grupo Escolar D. Vital, em Casa Amarela. Deste tipo, diversos outros estão sendo construídos.



ASSISTÊNCIA HOSPITALAR

Ao assumir a interventoria do Estado, em 1937, o professor Agamenon Magalhães encontrou em situação lamentável os nosocômios da capital, enquanto no interior havia pequenos hospitais, com dez a vinte leitos, em média, e desprovidos das instalações mais necessárias.

Minucioso inquérito foi fornecido à quase totalidade dos médicos que trabalhavam nos estabelecimentos hospitalares, inclusive professores de clínica, cujas cadeiras ali tinham sede, resultando em farta documentação, através da qual se verificavam graves falhas a sanar e grandes e urgentes reformas a empreender. Superlotados, sem aparelhamento técnico para intervenções especiais, os nosocômios recebiam doentes, que ficavam num regime de subalimentação, sem medicações e em promiscuidade.

Havia quase completa falta de ambulatórios e o ensino médico utilizava a maioria dos hospitais da cidade para as aulas de clínica, sem uma regulamentação que pusesse termo às dissensões surgidas periodicamente entre aquele instituto de ensino e a Santa Casa de Misericórdia e que proporcionasse maior eficiência didática. Era necessária, e imediatamente, a criação de um órgão de controle técnico, que completasse as medidas fiscalizadoras em vigor, até então da alçada da Prefeitura Municipal e do Departamento de Saúde Pública. Esse órgão foi o

INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA HOSPITALAR — autarquia administrativa, cuja direção cabe ao professor Barros

Lima, catedrático de clínica ortopédica da Faculdade de Medicina do Recife e nome destacado na cirurgia nacional, com a missão de orientar, dirigir e fiscalizar todas as instituições de assistência hospitalar do Estado.

Foi, logo, traçado um plano de assistência compreendendo a construção de hospitais e serviços médico-sociais na capital e no interior. O programa traçado pelo I. A. H. já se encontra definitivamente realizado. De uma parte realizações materiais, consistindo na construção de novos hospitais e remodelação de antigos estabelecimentos de assistência; de outra a enorme cifra de reformas de caráter técnico-administrativo, introduzidas no funcionamento, agora coordenado e uniforme, de todos os órgãos ligados à assistência médica no Estado.

Funcionam, hoje, na capital pernambucana os seguintes estabelecimentos hospitalares: Hospitais do Centenário, Osvaldo Cruz, de Alienados e Manicômio Judiciário, Correia Picango, Pedro II, Santo Amaro, Infantil Manoel S. Almeida, Português de Beneficência, Serviço de Pronto Socorro, Sanatório Bruno Veloso, Maternidade do Recife e ainda várias casas de saúde, institutos de Radioterapia e outras instituições de caráter privado, sendo brilhante e eficiente a atuação do I. A. H. junto a todos esses nosocômios.

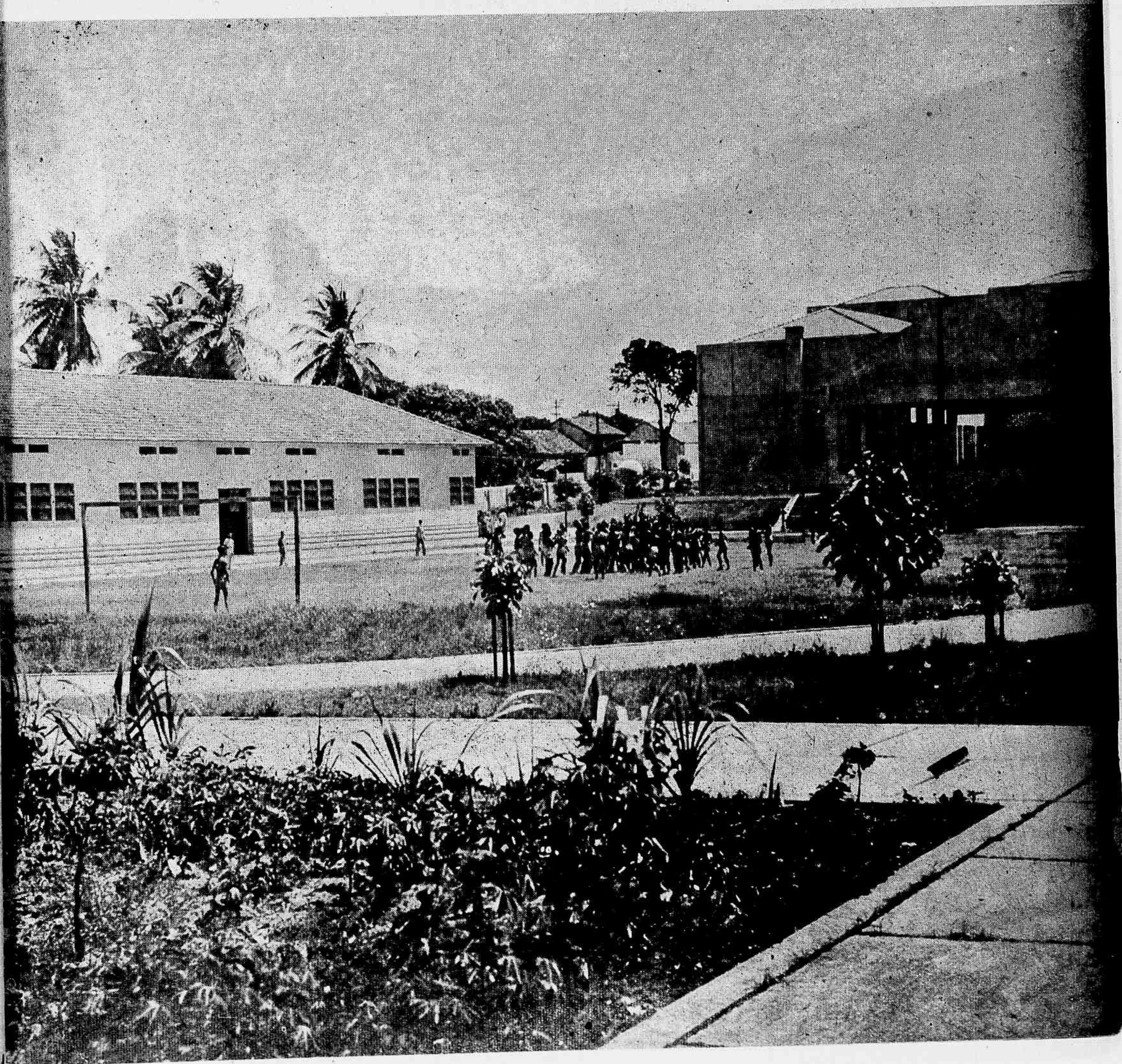
Aos funcionários públicos, o Serviço Médico e Dentário do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado, dirigido pelo I. A. H., proporciona completa assistência médico-odontológica-hospitalar.

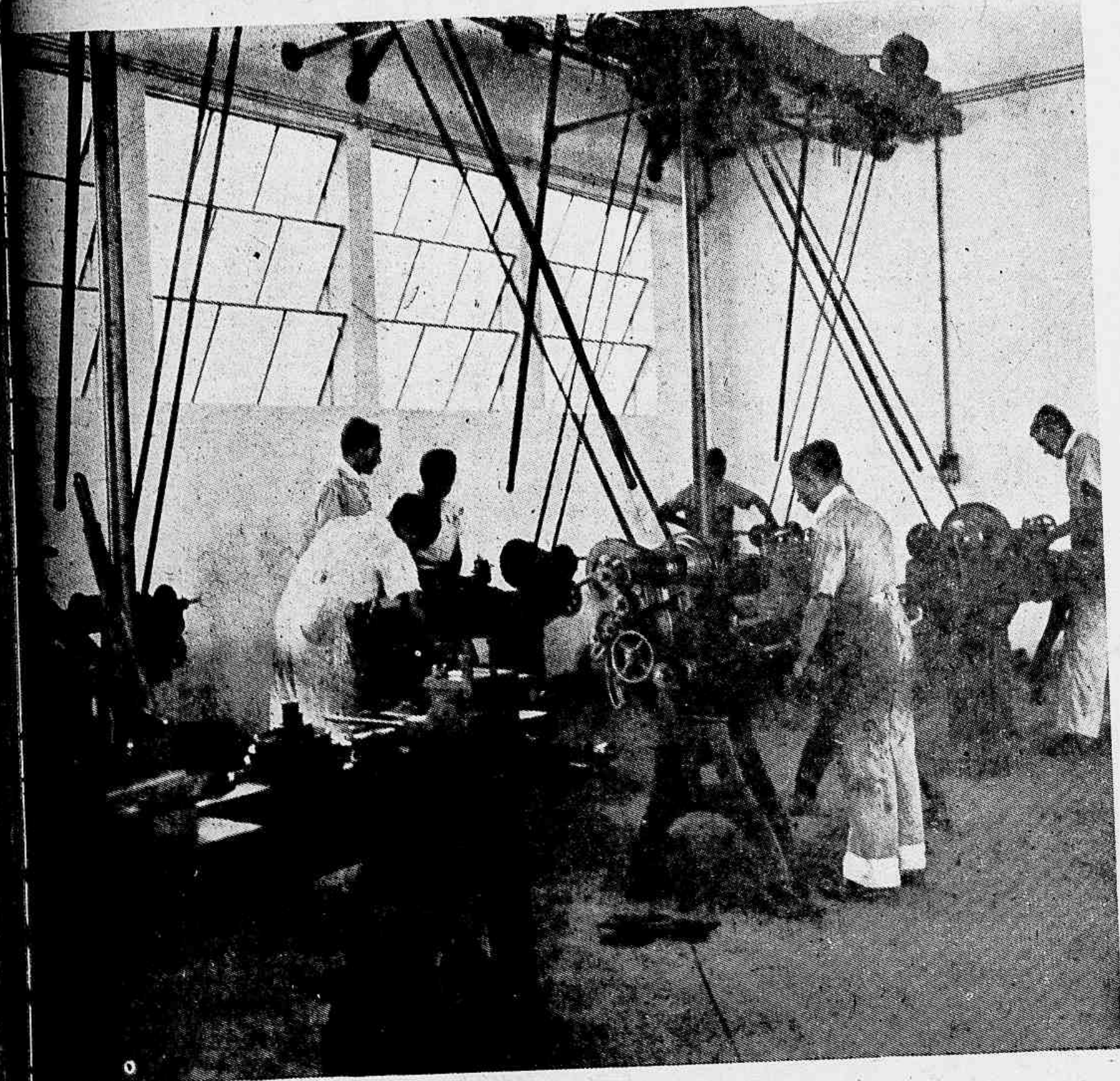
Restringindo o número de hospitais onde funcionam aulas, o I. A. H. regulamentou o ensino médico, permitindo o máximo rendimento didático, sem acréscimo de despesas por parte da Faculdade e com geral aproveitamento dos alunos.

O I. A. H., por meio de um eficaz sistema de controle, através de fichas, boletins mensais e formulários de rubricas-diagnósticos, exerce efetiva ação fiscalizadora sobre os estabelecimentos de assistência do Estado.

A mais notável obra de assistência hospitalar realizada em Pernambuco pela atual administração é contudo a criação de modernos **Hospitais Regionais**, em número de seis, já concluídos e com um em construção, no interior do Estado. Esses hospitais, cuja distribuição obedece a um plano rigorosamente observado, levando-se em conta a riqueza agrícola e industrial da localidade, densidade de população, possibilidades de comunicações e remessa de doentes para os hospitais da capital, têm capacidade para 100 e 150 leitos e são providos dos mais indispensáveis elementos técnicos (Raios X, Maternidade, Laboratório, Isolamento e Ambulatório), de modo a servir a grupos de Municípios, vindo a constituir zonas ou regiões de assistência. A sua eficiência vem sendo positivamente demonstrada, através de verificações estatísticas nos seus serviços clínicos e tem produzido nítido reflexo na capital, pelo desfogo dos grandes hospitais do Recife, agora, a pouco e pouco, livres da superlotação.

Vista do parque interno da Escola Industrial, tirada na ocasião em que os alunos se entregavam a exercícios físicos.





Aspecto parcial das oficinas da Escola Industrial, onde a mocidade pernambucana se especializa, agora, para o desenvolvimento fabril do Estado.

Aula de pre-orientação profissional num Grupo Escolar. Os modernos métodos pedagógicos estão, hoje, generalizados no ensino pernambucano.



São os seguintes os hospitais regionais construídos: de Pesqueira, Serra Talhada, Palmares, Limoeiro, Caruarú (São Sebastião) e Garanhuns (Dom Moura).

Está em adiantado andamento a construção do Hospital Regional de Escada, cuja pedra fundamental foi lançada no ano passado com a doação particular superior a Cr\$ 200.000,00, feita espontaneamente pelos agricultores e industriais daquela cidade, confiantes na obra decisiva que vem sendo realizada pelo governo do Estado.

Acham-se quase construídas duas grandes maternidades, nos bairros de Afogados e Encruzilhada, no Recife, onde é vultosa a população operária, tendo cada uma capacidade para 100 leitos e compreendendo uma assistência obstétrica integral, com serviços pré e post-natais.

A EDUCAÇÃO EM PERNAMBUCO

Um outro setor em que o governo do interventor Agamenon Magalhães tem feito sentir com intensidade a sua ação é o plano educacional, cujo desenvolvimento vem conferir ao Estado um padrão de incontestável adiantamento.

No campo da instrução primária, a adoção da pré-orientação profissional em todos os grupos escolares e escolas especiais vem oferecendo os resultados mais interessantes e mais práticos. O sentido da vocação e do manualismo vem sendo despertado com a maior intensidade.

Por outro lado, a construção de grupos escolares e a criação de numerosas cadeiras por todo o Estado constituem uma prova de que esse problema fundamental está sendo cuidado com a maior vigilância. Um plano de instrução primária foi pôsto em execução e os resultados obtidos falam eloquentemente do acerto e da objetividade com que medidas educacionais do mais largo alcance estão sendo levadas a efeito com o melhor aproveitamento para toda a população escolar do Estado.

O ensino industrial, feito na Escola Industrial de Pernambuco, é uma afirmação da compreensão dos poderes públicos da necessidade de formarmos técnicos e profissionais de indiscutida capacidade. Submetida a uma reforma completa, atendendo assim às novas exigências técnicas do ensino industrial, esse Estabelecimento, equiparado em virtude do decreto-lei n.º 11.383 de 19 de janeiro de 1943, do Presidente da República, está em condições de preparar convenientemente o artífice de que precisa o Brasil moderno.

Mantém os cursos de formação profissional assim distribuídos:

I. Ensino industrial básico:

1. Curso de fundição
2. Curso de serralheria
3. Curso de mecânica de máquinas
4. Curso de pintura
5. Curso de marcenaria
6. Curso de tipografia e encadernação
7. Curso de gravura.

II. Ensino de mestria:

1. Curso de mestria de fundição
2. Curso de mestria de serralheria
3. Curso de mestria de mecânica de máquinas
4. Curso de mestria de pintura
5. Curso de mestria de marcenaria
6. Curso de mestria de tipografia e encadernação
7. Curso de mestria de gravura.

Curso de Desenho:

Desenho industrial
Desenho técnico.

Curso de cultura geral:

Português
Matemática
Ciências físicas e naturais
Geografia
História do Brasil.

Esses cursos estão confiados a um corpo docente assim distribuído: 4 mestres, chefes de seção; 6 mestres de ofícios; 6 contra-mestres; 3 professores de desenho e 6 professores de cultura geral. A Escola mantém, ainda, um conjunto musical e orfeão, um curso de Educação Física, Escotismo e Ensino Religioso facultativo, assim como um serviço médico e dentário para os alunos.

O novo edifício, no qual o Estado despendeu importância superior a 3 milhões de cruzeiros, tem capacidade para

800 alunos. No seu andar térreo estão instalados: a Inspeção, a Portaria, a Biblioteca, o Curso de Tipografia e Encadernação, o Almoxarifado, a Cozinha e o Refeitório; no 1.º andar a Diretoria, a Secretaria, o Conselho, Conjunto Musical, Museu, Gabinete de Física, Química e História Natural, Curso de Desenho Técnico e Curso de Cultura Geral; no 2.º andar: o Curso de Pintura, Secção de Entalhe, Curso de Gravura e Escultura. Nos pavilhões estão instalados os cursos de Fundição, Serralharia, Mecânica de Máquinas e Marcenaria.

Na capital, entre os novos grupos escolares, o "Dom Vital", no arrabalde de Casa Amarela, pode ser considerado padrão. As linhas arquitetônicas do prédio são de estilo funcional. A área a edificar cobre 872,27m², com a fundação em sapatas de concreto armado e estrutura de elevação também do mesmo material. As salas de aula estão orietadas para o quadrante S. O recreio coberto tem 460,18m² e serve de circulação para todas as dependências. O prédio comporta cerca de 500 alunos de ambos os sexos, distribuídos para as diversas dependências que

com as seguintes dependências: gramado de 50,00 x 30,00; pista de 2,50 de largura com reta de 55,00; caixa de saltos em altura e extensão com as respectivas pistas; barras de suspensão duplas, trave de equilíbrio e campo de volley-ball.

Na capital, há 34 grêmios escolares, tendo realizado já 714 sessões. Os clubes agrícolas foram fundados para intensificar a campanha de ruralização do ensino, havendo para isso estágios de professores rurais. Até fevereiro do corrente ano o total de clubes agrícolas era de 71, estando em organização mais 14. Em 1943, o número de sócios



Centro Educativo Operário, onde se proporciona ao homem trabalhador os conhecimentos necessários a um melhor nível mental e educacional.

Nos dois estabelecimentos oficiais do Estado — a Escola Normal e o Colégio Estadual de Pernambuco, a educação secundária é ministrada com todos os requisitos e com os resultados mais satisfatórios.

De 1939 a 1944 foram criados:

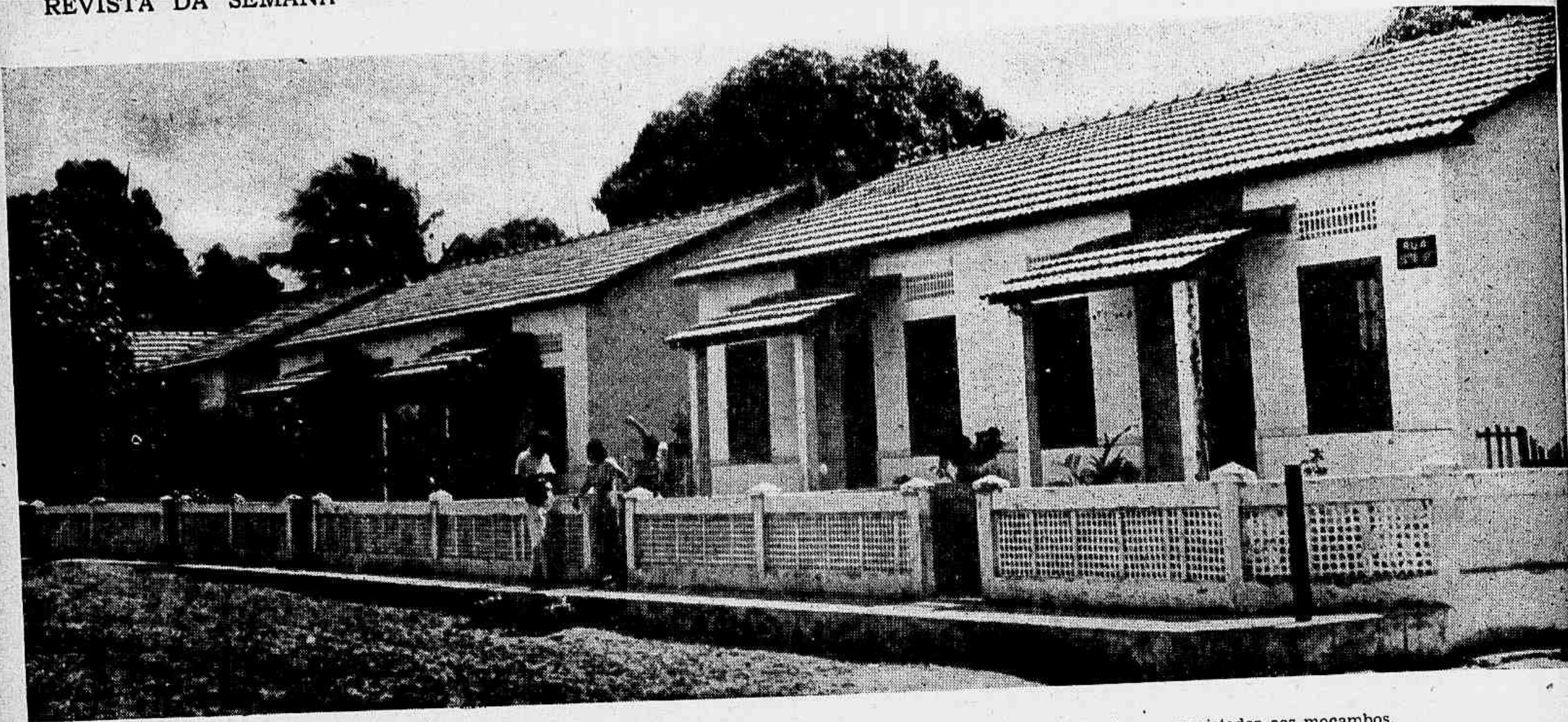
- 39 grupos e escolas especiais
- 4 escolas reunidas
- 94 cadeiras de 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª entrâncias
- 55 cadeiras de pré-orientação profissional.

compõem o andar térreo e o primeiro andar, sendo estas: 10 salas de aula, 1 sala de pré-orientação profissional, 1 museu, 1 biblioteca, 1 gabinete médico, 1 gabinete dentário, 2 salas de espera, 1 sala da diretoria, 1 sala da secretaria, 6 gabinetes sanitários e 6 banheiros com rouparias para alunos, 6 gabinetes sanitários e 6 banheiros com rouparias para alunas, 1 ampla escadaria em concreto armado e em dois lances, 8 bebedouros, 1 cozinha anexa à sala de pré-orientação, 1 sala de esportes, portaria e grande "hall". No preleto acha-se previsto um campo de educação física

desses clubes era de 8.242, tendo sido realizadas 2.316 reuniões.

O governo do Estado criou um Curso de Pré-Orientação Profissional, que funciona desde 1942, com seleção rigorosa de valores. Esse curso tem despertado muito interesse, sendo frequentado, também, por professores da Paraíba, Alagoas e Sergipe.

A pré-orientação profissional tem o seu campo de ação: a) nas excursões escolares; b) nas pequenas oficinas montadas nas escolas; c) nas instalações agrícolas; d) nas



Vista parcial de uma Vila Operária, igual a muitas que enfeitam hoje a cidade do Recife, edificadas nas áreas conquistadas aos mocambos.

salas de aula. O movimento dos trabalhos expostos pelos escolares, no ano próximo findo, foi de 14.476 na capital e 9.486 no interior, incluindo mostruários e produtos agrícolas. Em 1943, foram realizadas 2.006 excursões escolares.

No que concerne à educação, vale mencionar o que o interventor Agamenon Magalhães tem feito pela disseminação do ensino religioso nas escolas públicas, que vem alcançando êxito assinalado. Partindo do princípio de que uma educação não seria completa sem um fundamento religioso e pondo em prática o dispositivo constitucional a

respeito, o governo de Pernambuco intensificou esse aspecto da instrução, que passou a constituir parte relevante dos programas escolares. As exposições catequéticas que se realizam no fim do ano, nas escolas e grupos escolares, são um testemunho eloquente da eficiência desse aprendizado, que muito se desenvolveu.

Recentemente, a família católica de Pernambuco prestou ao interventor Agamenon Magalhães a mais significativa homenagem de gratidão e reconhecimento pela adoção do ensino religioso, falando, entre outros oradores, dom

Miguel de Lima Valverde, arcebispo de Oliveira e Recife, que salientou o vulto dessa obra grandiosa e assinalou os benefícios que tem prodigalizado em todo o Estado.

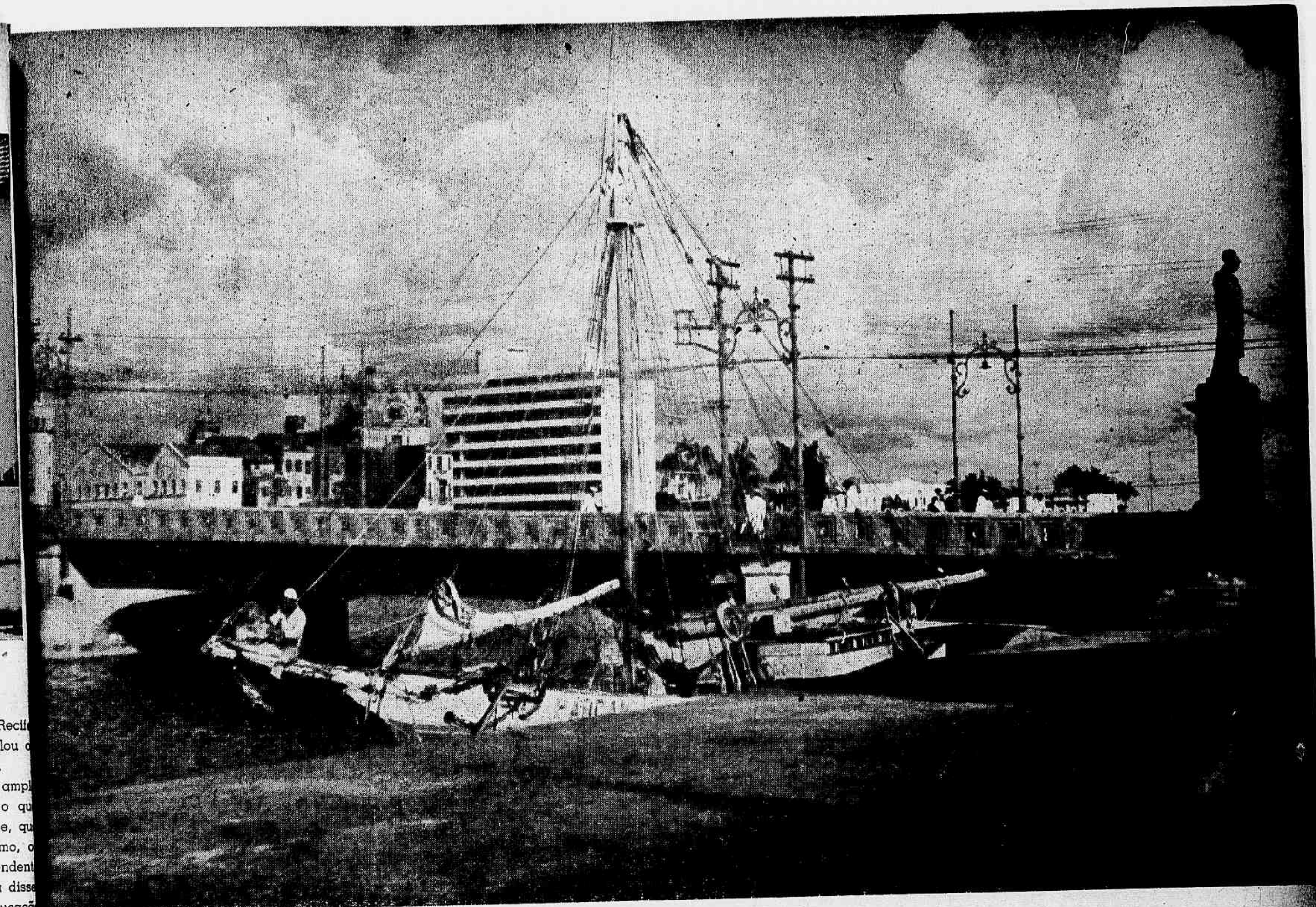
Finalmente, outro aspecto que merece o mais amplo relêvo, na política educacional de Pernambuco, é o que diz respeito ao escotismo. Nas paradas da juventude, que se realizam todos os anos, com o maior brilhantismo, os escoteiros do Estado constituem uma nota surpreendente de disciplina e civismo. O serviço de escotismo está disseminado por todos os municípios e os efeitos dessa educação pré-militar se fazem sentir amplamente.

Grande Hotel DE Recife

Estabelecimento padrão no genero.
Serviço impecável. Máximo conforto.
Distinção. Cozinha internacional.

Restaurante
Bar
Grill-Room





Recife, a linda e pitoresca capital pernambucana, continua a oferecer aos que lhe revêem periodicamente os encantos, as mais agradáveis surpresas. A cidade dos rios e das águas sem fim, não perdendo as características próprias que lhe marcam o semblante tradicional e histórico, empreendeu há muito o seu ciclo de transformações.

O prefeito Novaes Filho, senhor de engenho da boa e velha estirpe, habituado ao trabalho persistente e fecundo, imprimiu à sua pupila uma feição de vida palpitante de seiva, e se compraz em regar tão a meude a sua obra que, de ano para ano, há algo mais que ver na urb nordestina, como as flôres que se renovam na alegria policrômica dos seus parques e jardins.

Dess'arte, Recife se apresenta aos nossos olhos, na exuberância da terra tropical que lhe é berço, com esse aspecto

mesmo de força e vigor tão peculiares à natureza das áreas litorâneas do nordeste brasileiro. O bulício cotidiano da capital do açúcar retrata fielmente o sôpro de energias que lhe sacudiu a poeira dos séculos. Tudo é agitação, labor, energia. Surgem belas e espaçosas artérias, como a 10 de Novembro, onde se erguem os monumentos arquitetônicos da atualidade, marcos imponentes de uma época de renovação. Logradouros outros se abrem às necessidades de expansão da capital; o poético Beberibe se enfeita com a magnífica ponte "Duarte Coelho", sóbria e majestosa. Alargam-se ruas e praças, parques e jardins esplendem de viço na coloração forte dos canteiros bem cuidados. Por tôda parte há sangue novo, uma febre de progresso que absorve as atividades e confunde a ação do poder público com a iniciativa particular, orientadas no sentido do bem comum.

O quadro aféante e contristador dos mocambos vai aos poucos desaparecendo, varrido pela determinação férrea de Agamenon Magalhães, cedendo espaço às vilas confortáveis e higiênicas, que hoje pontilham pelos bairros menos favorecidos, vestindo-os de roupagens novas e vistosas.

Praça de guerra de vital importância estratégica, Recife atravessou o período agudo da tragédia mundial, quando mais diretamente nos encontrávamos ameaçados pelo inimigo desapiedado e traiçoeiro, sem arrefecer o surto evolutivo que a domina e empolga. Essa a Recife que revimos agora, após um intervalo de três anos, em cujo decurso redobrou de encantos, cresceu, prosperou, ao impulso generoso da boa vontade e do idealismo dos seus homens.

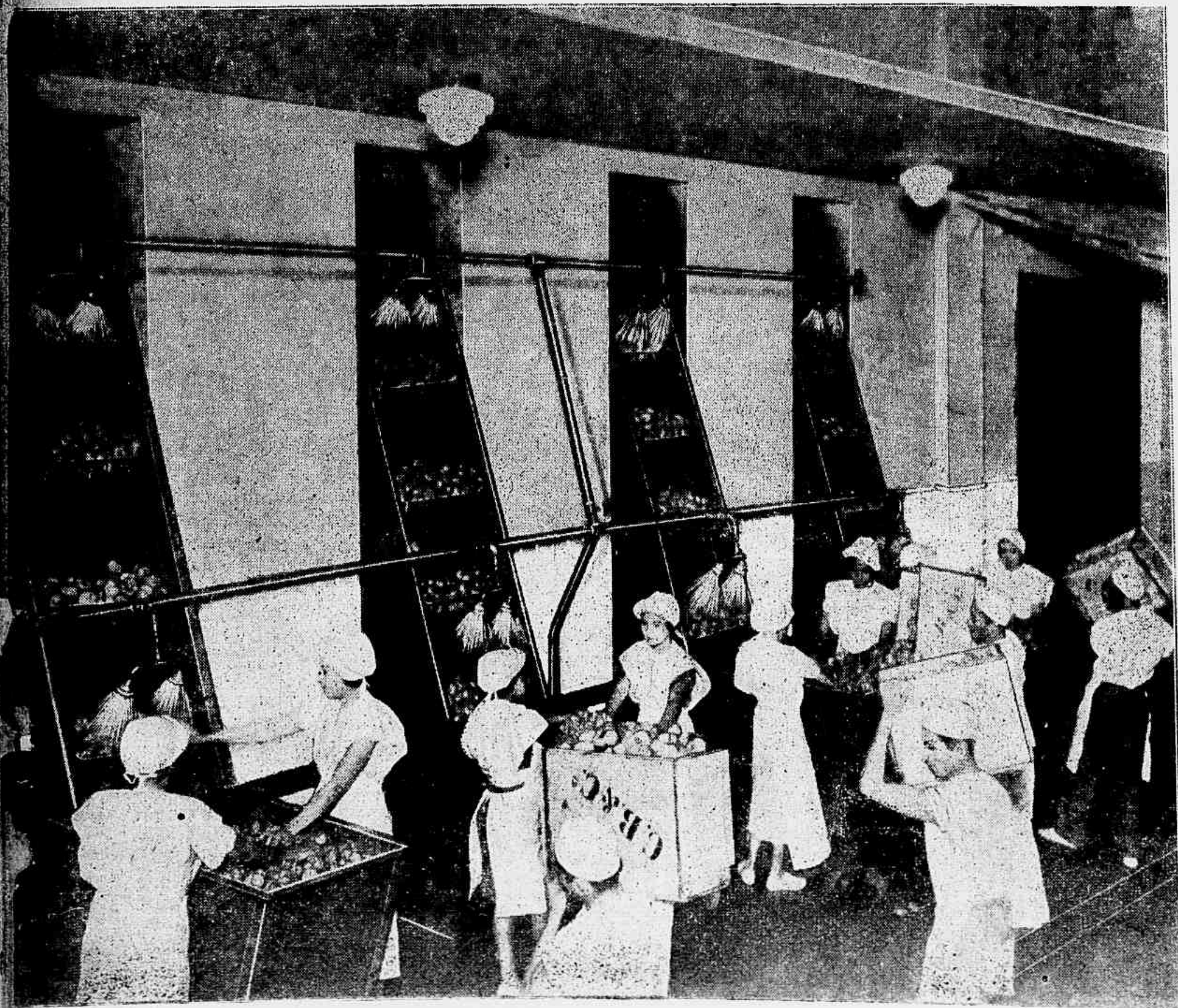
Adalberto Mendes

A CIDADE DO RECIFE





1. Recebimento dos frutos, provenientes das plantações da indústria e dos fornecedores particulares.



COMO SE FABRICA O EXTRATO DE TOMATE MARCA "PEIXE"

2. Lavagem mecânica e transporte dos frutos, por elevadores, para a secção de selecção e exame.

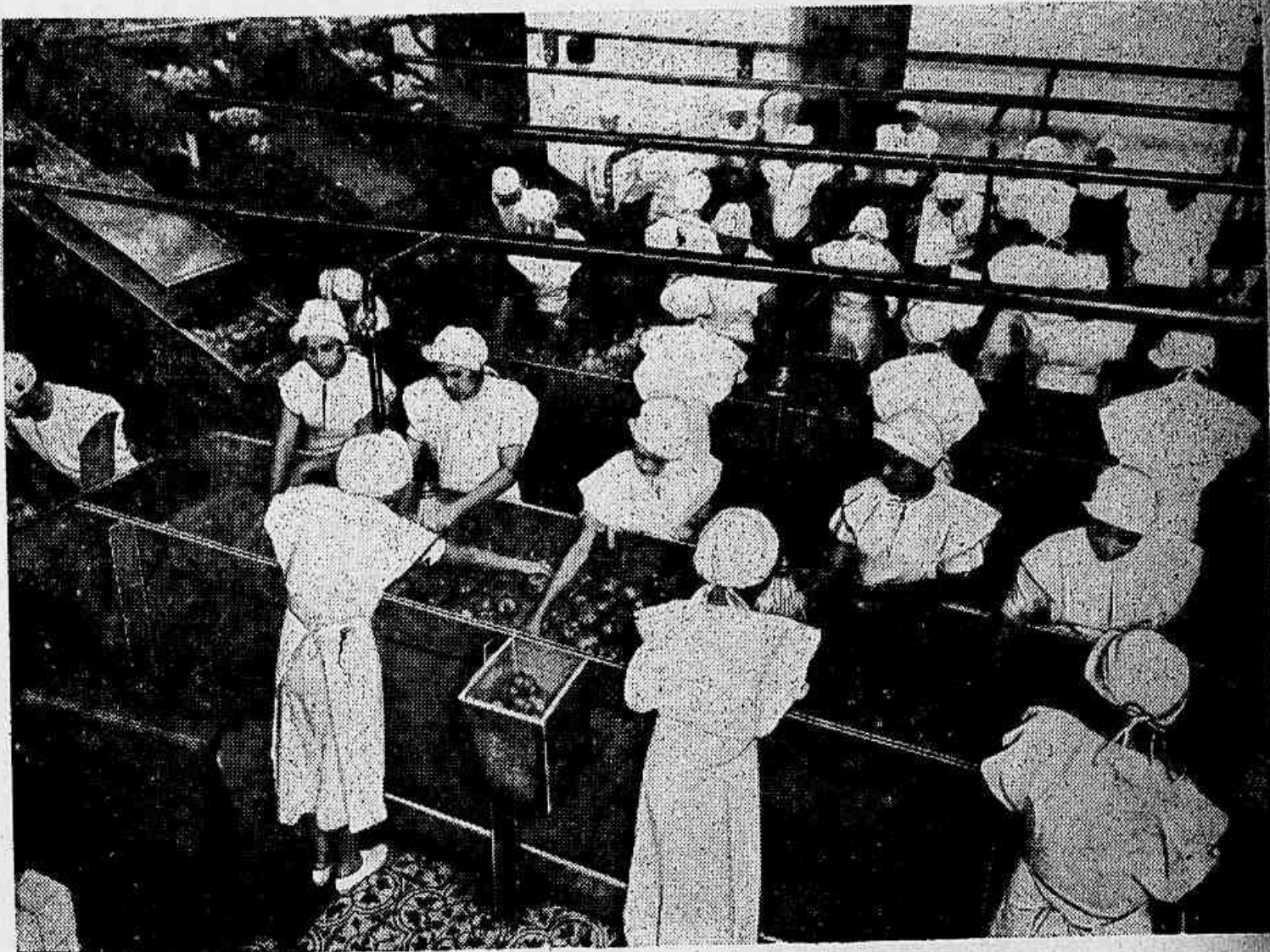
Em 1928 tinha início, em Pernambuco, um novo ciclo de progresso para a indústria nacional. Com efeito, naquela época, começou a fabricação do extrato de tomate marca "Peixe", em Pesqueira, empreendimento que, mais tarde, assumiria vulto extraordinário, colocando o Brasil no mesmo plano alcançado pelas indústrias congêneres do mundo.

Carlos de Brito & Cia., a tradicional firma pernambucana, desde 1897 fabricantes dos afamados doces de frutas marca "Peixe", tiveram a iniciativa, que seria coroada do mais completo êxito. A princípio, trabalhada pelos métodos então existentes, a pequena fabricação foi aos poucos se desenvolvendo, até que, com a aquisição dos mais modernos e eficientes maquinismos, libertou por completo o país da importação daquele precioso condimento.

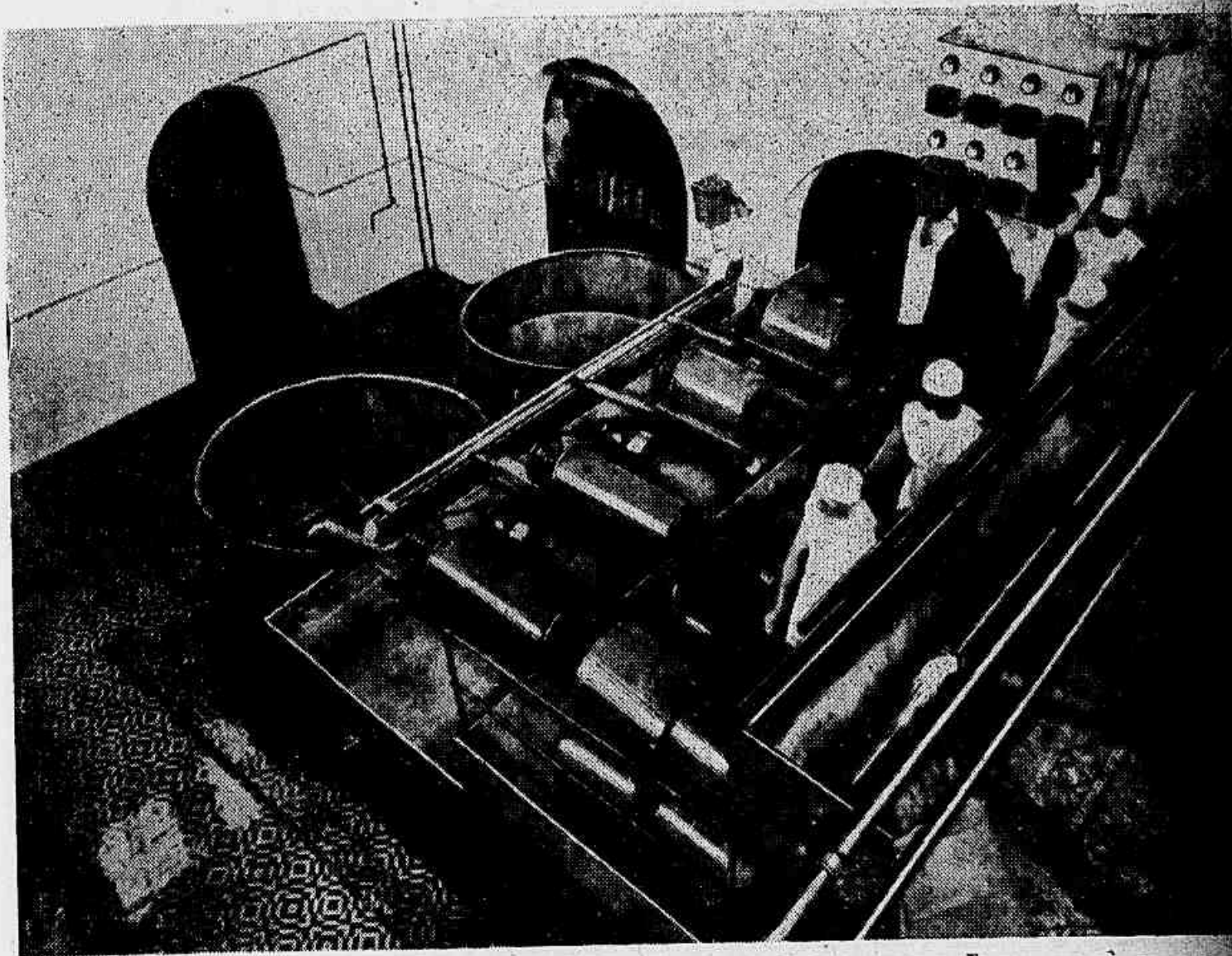
Uma área superior a quatro mil hectares de terras, cultivada pela própria indústria e por particulares, fornece às fábricas "Peixe" volumosas safras de tomates, cujos frutos selecionados são transformados em conserva, guardando íntegro o seu teor vitamínico, graças aos processos de fabricação empregados, que resguardam totalmente o poder nutritivo da preciosa solanácea. Maquinário aperfeiçoadíssimo é empregado nesse fabrico, como mostra a sequência de fotografias que ilustram esta reportagem. Da entrada do fruto à saída do produto enlatado, a mão do homem se limita à direção das máquinas. Na foto vê-se a chegada dos frutos provenientes das plantações da indústria e dos fornecedores. Aí são os mesmos colocados nas esteiras-elevadores que os transportam para a secção de lavagem mecânica, como mostra a foto 2. Passam então à secção de selecionamento (foto 3), de onde são encaminhados para as despoldadeiras e repassadeiras, sempre pelo mesmo sistema de esteiras automáticas (foto 4). A calda é em seguida levada aos cubos, para a fabricação do extrato. Finalmente este passa à secção de enchimento automático das latínhas (foto 5), que hoje em dia são encontradas em todos os recantos do Brasil.

E' assim que se faz o saboroso extrato de tomate "Peixe", uma das grandes realizações das indústrias Carlos de Brito & Cia., pioneiros da fabricação de doces em conserva, que deram a Pernambuco e ao Brasil uma nova etapa de sua vida econômica, indústrias que tiveram início com dois tachos de cobre e hoje se espalham pelo país em grandes oficinas de trabalho, exemplo inconfundível de fé, tenacidade e labor.

3. Selecionamento e lavagem dos frutos, que passam pelas esteiras automáticas para outras secções.

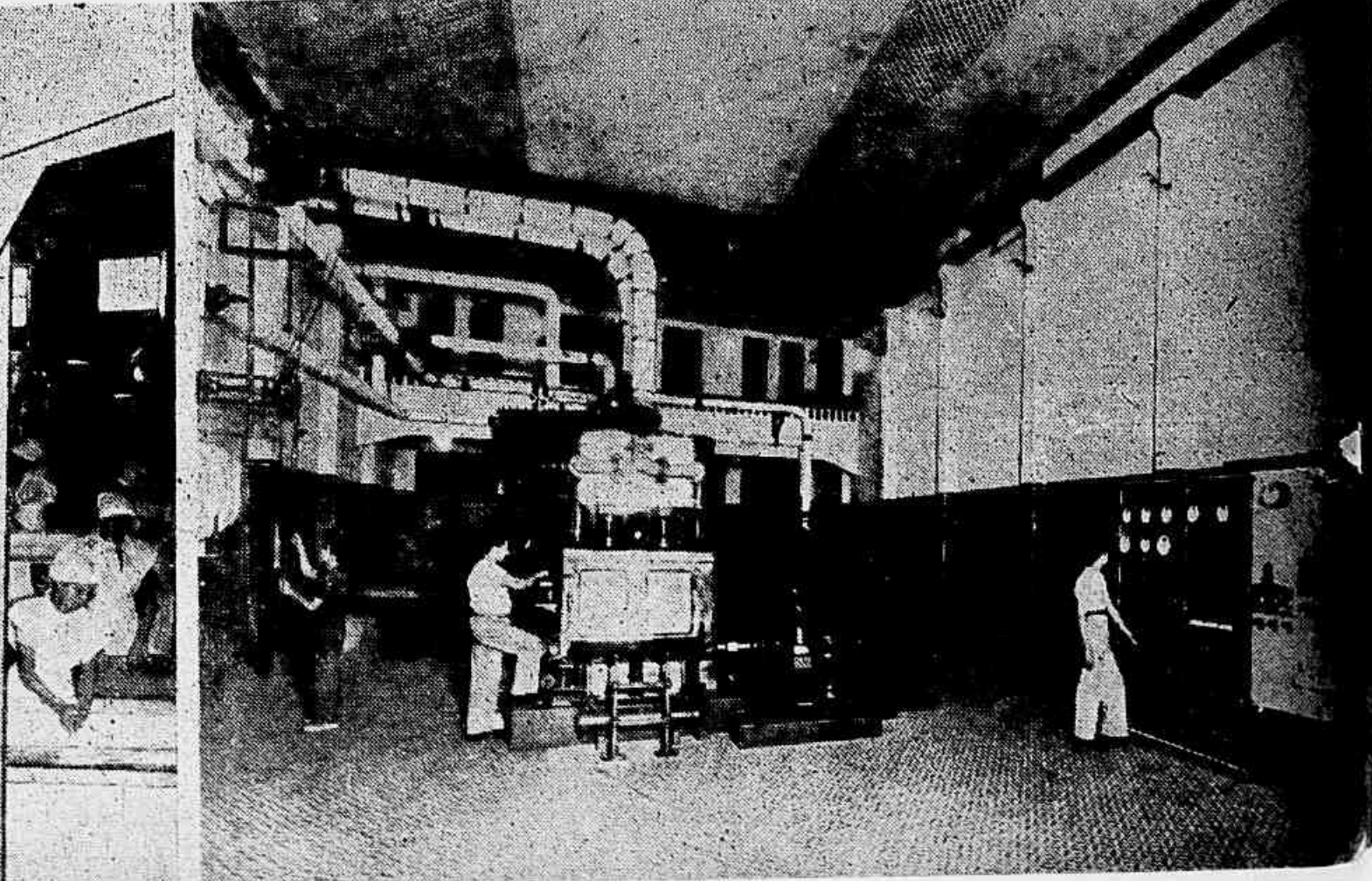
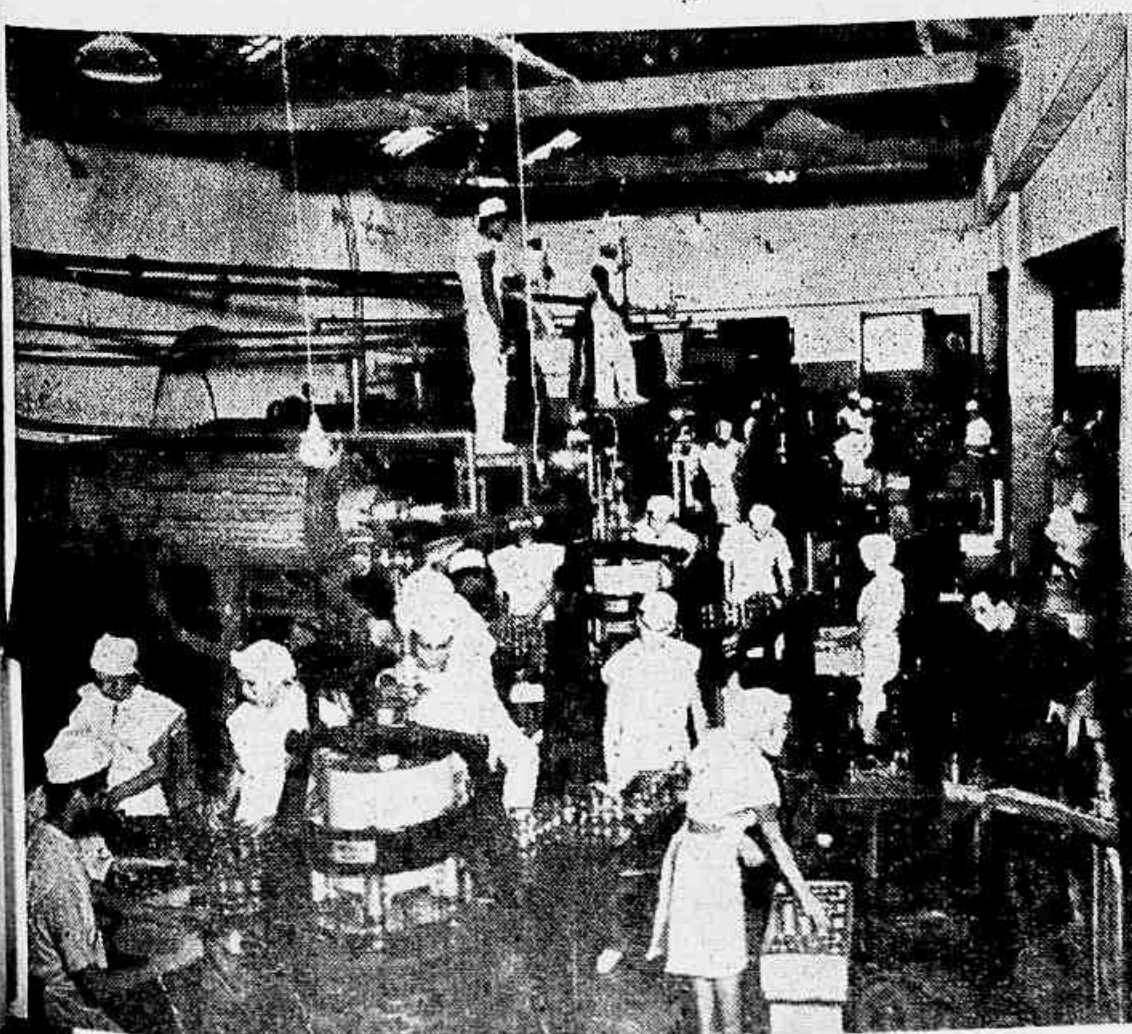


4. Despoldadeiras e repassadeiras, vendo-se os cubos que recebem a calda para a fabricação do extrato.



5. Secção de enchimento automático das latínhas, que também são fabricadas pela própria indústria.

6. Casa da Força, que fornece energia elétrica para uso interno das diversas secções das grandes fábricas.





Aspecto do salão principal da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada, em dia de reunião da Comissão de Vendas de Açúcar. Figuran no clichê: ao centro, sr. Luiz Dubeux Junior, presidente do Conselho de Administração, tendo à direita o dr. José Ranulfo da Costa Queiroz, membro do Conselho de Administração, e dr. Paulo Cabral de Melo, presidente do Sindicato da Indústria do Açúcar, no Estado de Pernambuco; e, à esquerda, sr. Gil Maranhão, gerente da Cooperativa, dr. José Vieira de Melo, representante dos Plantadores e Fornecedores de Cana, e o sr. Belarmino Pessoa de Melo, membro do Conselho de Administração.

O QUE É A COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LTDA.

A Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada é uma organização em torno da qual se congregam os industriais açucareiros do Estado. Tem como principal objetivo o recebimento de toda a produção de açúcar das usinas de seus associados, para distribuí-la pelo mercado consumidor do país, dentro do plano e dos princípios traçados e mantidos pelo Instituto do Açúcar e do Alcool.

Trata-se, como se poderá facilmente verificar, de uma associação destinada a colaborar eficientemente com a autarquia açucareira, que representa uma das grandes realizações do governo do eminente Presidente Vargas.

Criando, como se sabe, o Instituto do Açúcar e do Alcool, deu S. Excia. prova de alto descortínio administrativo, outorgando às tradicionais classes açucareiras do país um aparelhamento completo de defesa da produção, tirando-as do caos e da ruína iminente em que se achavam e evitando a criação de gravíssimos problemas sociais.

Vale ressaltar que o Instituto do Açúcar e do Alcool mantendo, por efeito de controle oportuno e deliberado, o equilíbrio entre a produção e o consumo, assegura um preço básico ao produtor, garantindo, em função disso, ao consumidor nacional um preço estável.

É uma vantagem, essa, que não foi proporcionada a nenhum outro artigo de consumo no país, pois, enquanto uns e outros vão atingindo níveis alarmantes, o açúcar mantém-se num nível de preço razoável, a despeito do custo espantoso de sua fabricação e do encarecimento inconcebível de todas as utilidades necessárias, bem como das dificuldades sem conta que tem sido necessário enfrentar quanto ao difícil problema de transporte, no qual ainda se debatem as forças produtoras e o comércio do Brasil.

Na última safra, que foi a maior da história açucareira de Pernambuco, produziram as usinas do Estado 5.476.512 sacos de diversos tipos de açúcar, e o seu escoamento só se tornou possível graças aos esforços conjugados da Cooperativa, da Interventoria Federal, da Comissão de Marinha Mercante e do Instituto do Açúcar e do Alcool.

Assim, foram aproveitados todos os meios possíveis de transporte sem se perder qualquer oportunidade para

escoar o produto, tanto por meio de embarcações nacionais como estrangeiras.

Dêsse modo, conseguiu-se o abastecimento regular dos diferentes mercados de consumo do país. Para se ter no entanto uma idéia geral do vulto das transações e da responsabilidade da Cooperativa, basta registrar que, pela leitura do último relatório do Conselho de Administração, verifica-se ter sido de cerca de quatrocentos milhões de cruzeiros o montante dos negócios realizados.

A Diretoria da Cooperativa dos Usineiros é composta de um Conselho de Administração constituído como se segue:

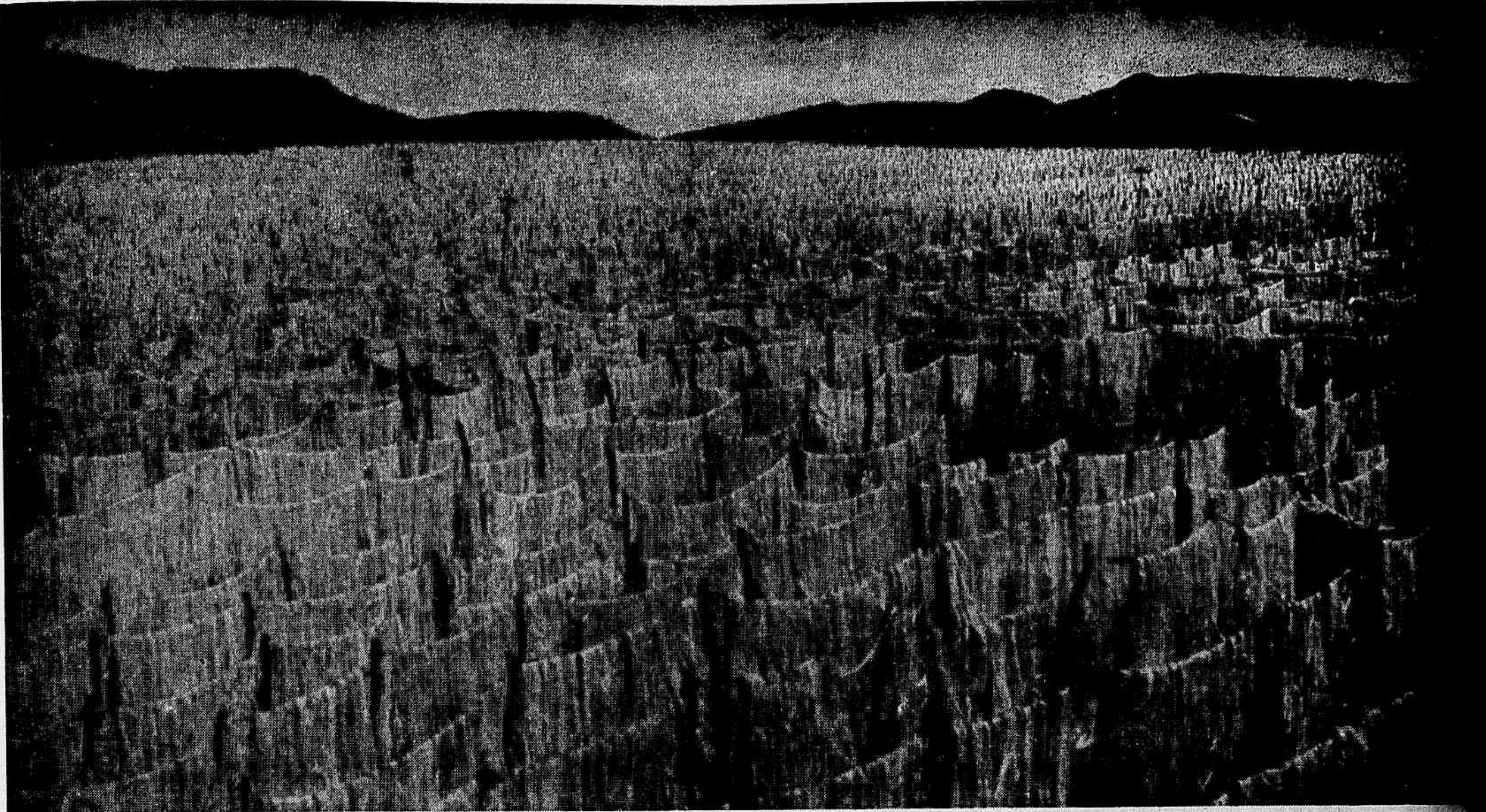
Luiz Dubeux Junior — Presidente
Alfredo Bandeira de Melo — Tesoureiro
José R. da Costa Queiroz — Secretário
Belarmino Pessoa de Melo — Membro do Conselho
Lael Feljó Sampaio — Membro do Conselho

Esse Conselho de Administração, nas eleições gerais realizadas no dia 1.º de dezembro último teve o seu mandato renovado para o terceiro biênio administrativo, que compreenderá o período dezembro de 1944 a dezembro de 1946.

O seu presidente, Luiz Dubeux Junior, é uma figura moça e dinâmica. Conhecedor profundo de todos os segredos ligados à indústria açucareira do Nordeste, a ela tem dado muito da sua operosidade, tornando-se, por isso mesmo, um defensor que bem merece a confiança que os seus companheiros de classe lhe tributam. Tem sido também um colaborador eficiente do interventor Agamenon Magalhães na cruzada pela extinção dos mocambos, na capital pernambucana, cuja repercussão tem se feito sentir em todo o Brasil, através da Liga Social Contra o Mocambo, da qual s. s. exerce a presidência.

Sr. Luiz Dubeux Junior





Um campo de secagem de fibra de caroá, cuja indústria se desenvolveu e se espalhou pelo sertão nordestino, criando uma nova fonte de trabalho e riqueza.

O caroá e a ação da sua Cooperativa

A Cooperativa Central dos Beneficiadores de Caroá do Nordeste, órgão destinado ao amparo, incentivo e distribuição da grande fonte de riqueza que é a fibra de caroá, a despeito da árdua luta que teve de enfrentar e que ainda enfrenta, vem serenamente e sem desfalecimentos realizando obra notável em defesa dos interesses da numerosa classe que congrega, e que hoje se dedica à exploração dessa vitoriosa indústria.

Com a criação desse organismo, surgido ao tempo em que o interventor Agamenon Magalhães dotava Pernambuco com um aparelhamento cooperativista amplo e eficaz, raiou uma nova era de progresso para o sertão nordestino, e novos núcleos de trabalho se organizaram, com os mais lisongeiros resultados para a economia pública e privada. Intensificou-se a industrialização da preciosa fibra, antes inteiramente abandonada, aperfeiçoaram-se os métodos de trabalho, conquistaram-se mercados no País e no estrangeiro, atingindo a indústria de caroá um esplêndido grau de prosperidade. As contingências da guerra, porém, criaram novos obstáculos ao crescente desenvolvimento da vitoriosa indús-

tria, transpostos afinal pela ação firme e decidida da atual diretoria da Cooperativa, na qual se destaca a figura do seu presidente, sr. Mario Penna, coadjuvado pelos companheiros srs. Veremundo Soares, Samuel Cunha e Otavio Rosa Borges. Medidas drásticas foram postas em execução, e em pouco o caroá readquiria sua posição favorável, movimentando suas fábricas, que hoje atingem o número de 120. Apesar de tôdas as dificuldades, o total de entregas em 1943 foi de 6.048.562 quilos de fibra e 576.117 quilos de resíduos, resultados bastante apreciáveis, sem dúvida, se se levar em conta, além dos demais fatores adversos, a atitude anti-patriótica de muitos industriais, que consomem a juta indiana em detrimento da fibra nacional, tão boa ou melhor que aquela. O valor das vendas em 1943 atingiu a cifra de quase 25 milhões de cruzeiros. Em 1944, até o mês de Outubro, foram vendidos 4.565.158 quilos de fibra e 554.923 quilos de bucha, no valor aproximado de 23 milhões de cruzeiros, sendo de se esperar que, com os dois meses restantes, tenha sido ultrapassado o volume de 1943.

A Cooperativa de Caroá tem organizado diversas exposições como a que vemos abaixo, levada a efeito em S. Paulo, mostrando as numerosas aplicações da preciosa fibra de caroá em variados ramos da indústria.



Sociedade Agro-Pastoril de Pernambuco Limitada

Diretor-Gerente - JOSE' PESSOA DE QUEIROZ

CAPITAL: - Cr\$ 5.0000.00,00

Séde:
RUA DO BRUM, 61
Recife - Pernambuco

Escritório no Rio:
RUA DA ALFANDEGA, 41
5.º andar-salas 507/9
TELEFONES: 23-0927 e 23-0919

Exposição Permanente:
AVENIDA CAXANGA', 3.942
Recife - Pernambuco

Gado Zebú das raças GYR e INDUBRASIL.

Criação em suas fazendas, situadas em Pernambuco e Alagoas.



Reprodutor Gyr MILIONARIO, com 3 anos de idade, do plantel selecionado da Sociedade.

Impressões de criadores de São Paulo, Minas Gerais e Estado do Rio de Janeiro, por ocasião de sua visita à 4.ª Exposição de Pecuária de Pernambuco:

"Quando a seleção das raças indianas e a formação de uma nova raça indú-brasileira, abre, à nossa economia, a perspectiva de uma transformação radical e, à nossa civilização rural, um novo ciclo, pelo aproveitamento adequado das nossas extensões territoriais e pelo enriquecimento das suas populações rurais, a iniciativa da Sociedade Agro-Pastoril de Pernambuco Ltda., instalando, no Recife, uma exposição permanente de bovinos e, assim, facilitando, ao público, o conhecimento e aquisição de reprodutores, para a formação de novos núcleos e para o melhoramento dos rebanhos do Nordeste, representa uma contribuição de apreciável valor e de

inestimável alcance para a economia nordestina. Mais, ainda, avulta essa contribuição pela circunstância de serem as instalações da Exposição Permanente as mais perfeitas e de melhor gosto das que já se fizeram no Brasil, podendo e devendo servir de modelo para outros criadores que, seguindo o bom exemplo, queiram instalar, nas cidades das suas regiões, estabelecimentos do mesmo gênero. Em outros países, que percorremos, nada vimos aliás que se igualasse, no gosto, no conforto, na higiene e na perfeita execução, ao estabelecimento que visitamos e que somente não nos surpreendeu por ser de iniciativa da família Pessoa de Queiroz.

Recife, 26 de Novembro de 1944.

Eduardo Duvivier — Ruth Prado Duvivier — Eduardo Teodoro Duvivier — Aminta Duvivier."

O engenho BANGUÊ resistiu e venceu

O extraordinário aperfeiçoamento da máquina gerou sensíveis modificações nos processos industriais como em todos os setores da atividade humana. Nada mais natural, quando tudo obedece à lei inexorável do progresso. Produzir mais e melhor, no menor espaço de tempo, é objetivo comum. Em Pernambuco, Estado assucareiro por excelência, o fenômeno teve seus efeitos surgindo as enormes usinas, providas dos mais modernos maquinários, imponentes e dominadoras. Foi aí que o velho engenho banguê, pioneiro da indústria assucareira no nordeste brasileiro, estremeceu na sua estrutura primitiva e atarracada, e o abalo denunciava um quadro desolador de ruínas, onde somente as mais belas e imorredouras tradições falariam de um passado distante. Mas as raízes seculares, profundamente enraizadas no amago da terra fecunda, sustentaram galhardamente o arcabouço combalido. E o velho engenho banguê resistiu. Enfrentando a tremenda e desigual ofensiva da usina, lutou com bravura e venceu, modesto e arcaico mas vigoroso e batalhador, como nos tempos idos. E lá estão os engenhos patriarcais, com a casa grande, a senzala, a capela, com a fisionomia pachorrenta numa eterna evocação das coisas passadas, trabalhando e produzindo cada vez mais, concorrendo com a sua parcela considerável para a economia pernambucana. Agrupados agora em torno de um organismo de classe, os banguzeiros de Pernambuco se constituíram em força organizada, alcançando o produto dos banguês cotações jamais igualadas nos mercados assucareiros do País. E o melhor índice dessa vitalidade é demonstrada pelo volume da última safra, que andou beirando quinhentas mil sacas, no valor aproximado de trinta e três milhões de cruzeiros. A prosperidade voltou, assim, a bater às portas rústicas das moendas centenárias, sob cuja égide tantas gerações se abrigaram, e a cujo influxo a terra de Duarte Coelho viveu as mais belas páginas da sua evolução política e econômica.

AO LADO — OS ENGENHOS "MATAPIRAMA" E "BONITO", DE ESCADA E NAZARETH, TÍPICOS BANGUÊS DA TERRA PERNAMBUCANA.

A Cooperativa Central dos Banguzeiros e Fornecedores de Cana de Pernambuco Ltda.

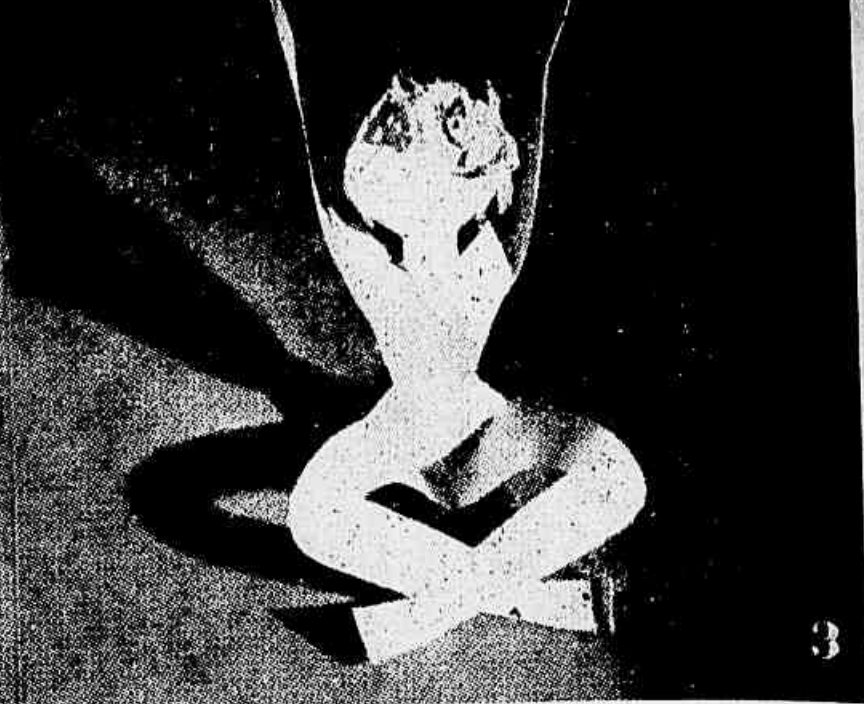
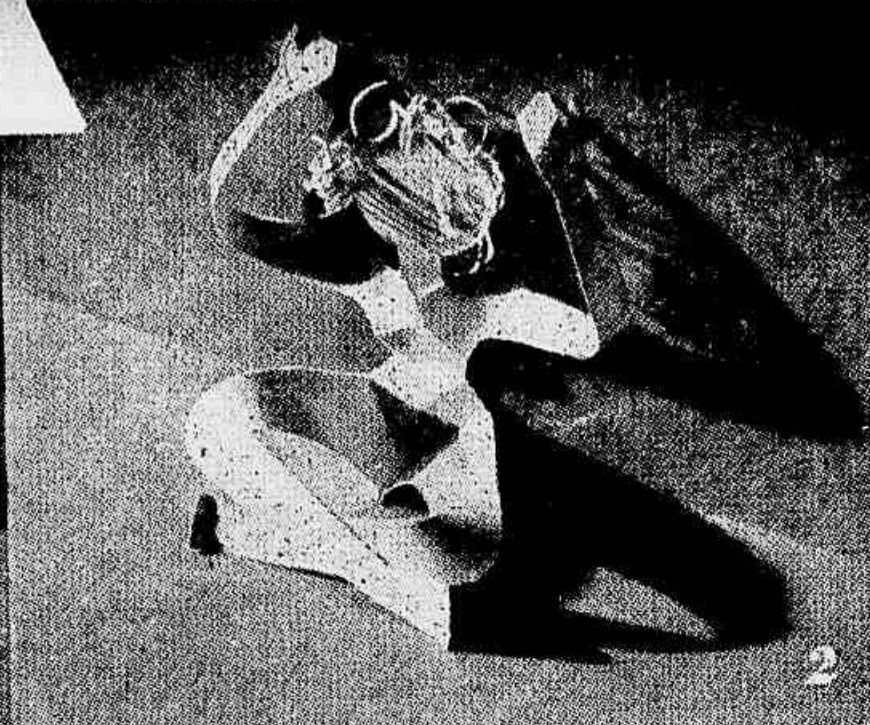
é o organismo que congrega os numerosos proprietários de engenhos banguês de Pernambuco. Fundada em 25 de Março de 1940, possui um capital de Cr\$ 2.536.800,00. Tem desenvolvido ação intensa em defesa da classe, conseguindo elevar a cotação do produto dos banguês a um nível de preços excelente, nunca antes alcançado.

DIRETORIA EXECUTIVA: Netto Campelo Junior, presidente — Hélio Coutinho Corrêa de Oliveira, diretor-gerente — Paulo de Arruda Raposo, diretor-secretário.

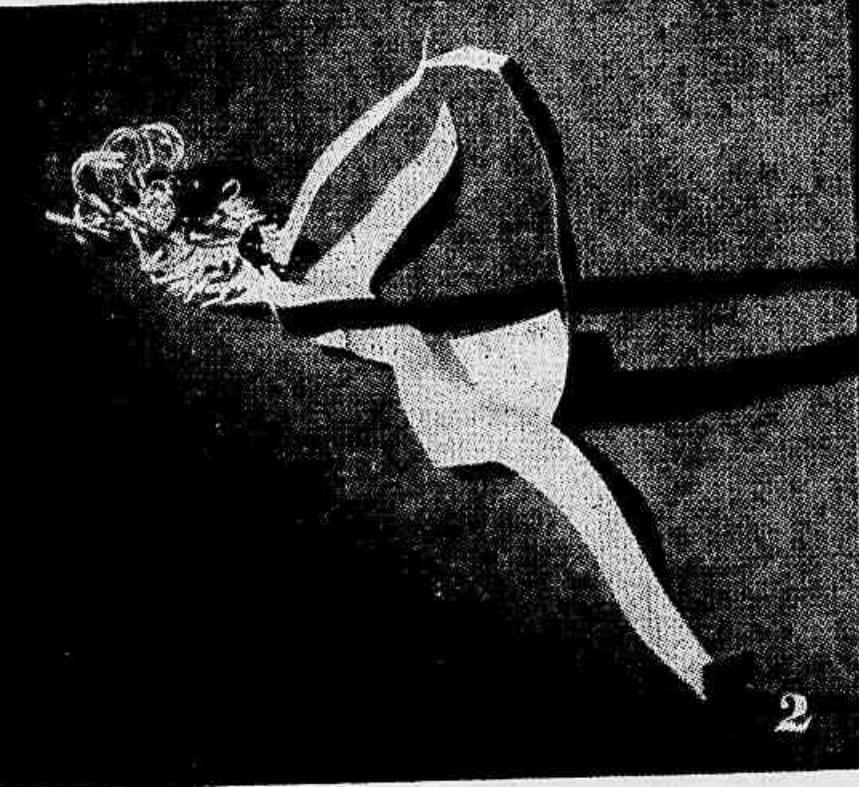
CONSELHO ADMINISTRATIVO: Netto Campelo Junior, presidente — Hélio Coutinho Corrêa de Oliveira, diretor-gerente — Paulo de Arruda Raposo, diretor-secretário — José Canuto Santiago Ramos — dr. João Ferreira Lima — Artur Pacifico de Araujo Pereira — Abdon Assis Inojosa de Andrade — Jaime Ariça de Albuquerque.

SEDE — AVENIDA 10 DE NOVEMBRO, — 3º. ANDAR — EDIFÍCIO "SULACAP"
RECIFE — PERNAMBUCO

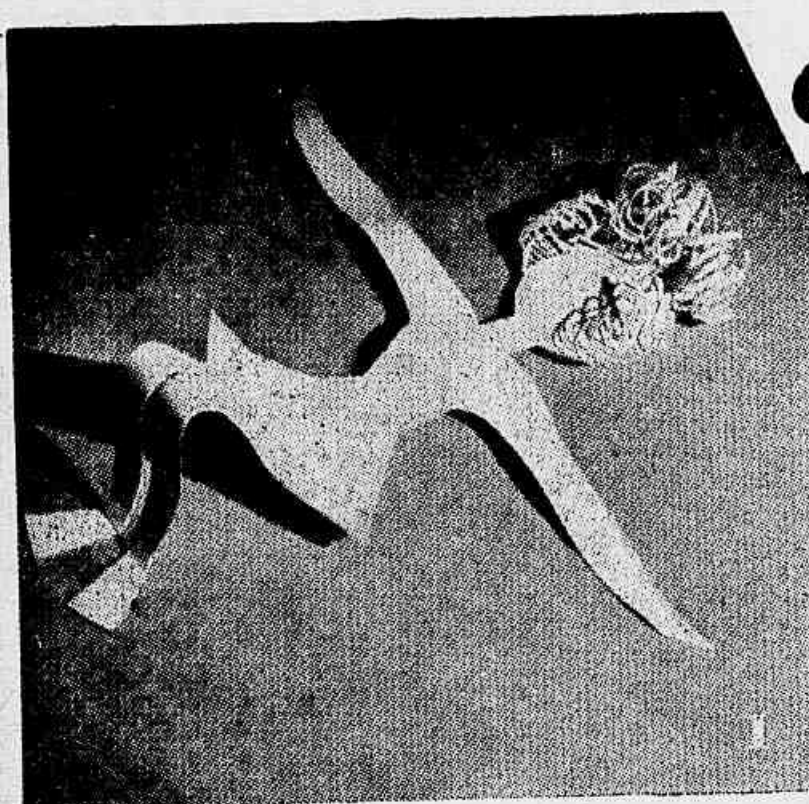
busto



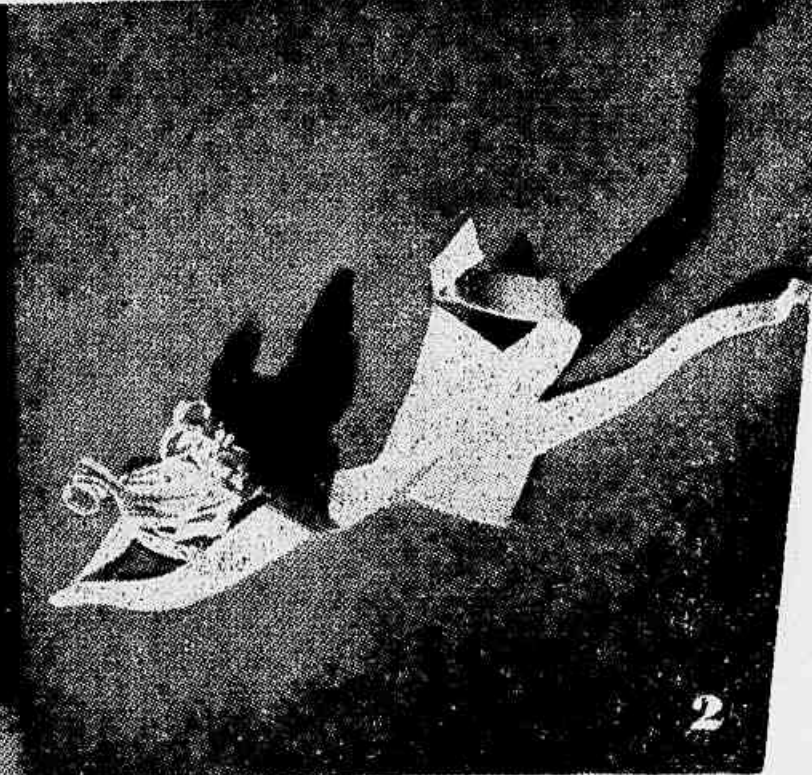
cintura



cadeiras



coxas



"pose"



Para se obter uma plastica perfeita...

Damos hoje ás nossas leitoras alguns exercícos que muito as auxiliarão a corrigir e conservar as linhas:

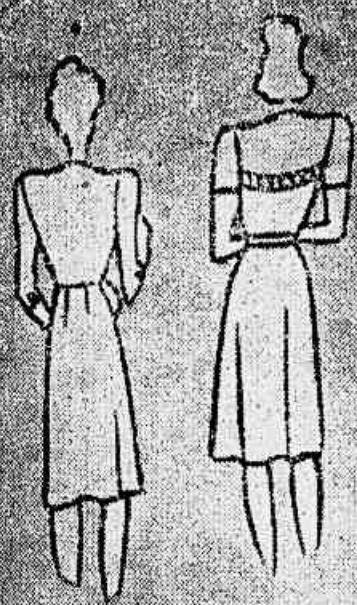
BUSTO - Para aumentá-lo:
1 - Juntar os dedos fazendo pressão. Coto-
velos para fora. 20 vezes.
2 - Estender os braços para cima. Coto-
velos para trás.
3 - Estender os braços para trás e para
cima.

CINTURA - Para reduzi-la:
1 - Deitada de costas no chão, fazer com
as pernas movimentos de bicicleta, 30
vezes.
2 - Com a mão direita segurar o pé es-
querdo e vice-versa.
3 - Com as mãos sobre a cabeça fazer
movimentos giratórios sobre a cintura.

CADEIRAS - Para reduzi-las:
1 - De costas no chão mova as cadeiras
de um lado para o outro.
2 - Ainda de costas no chão fazer movi-
mentos de sentar e deitar.
3 - Deitada de lado, fazer com a perna
direita e depois com a esquerda movi-
mentos de bicicleta 30 vezes.

COXAS - Para reduzi-las:
1 - Apoiada numa cadeira atire a perna
para trás e para a frente. Fazer o mo-
vin.ento alternadamente com a perna
esquerda e depois a direita.
2 - Deitada de bruços, bater com a coxa
no chão, alternando como no exercício
anterior.

"POSE" - Para adquirir uma pôse correta:
Ficar reta, próximo á parede e procurar
encostar á parede sómente as costas e
a cabeça.
2 - Deitar-se no chão e, segurando a ca-
deira como mostra a figura, elevar o
peito fazendo exercícos respiratórios.



1



2



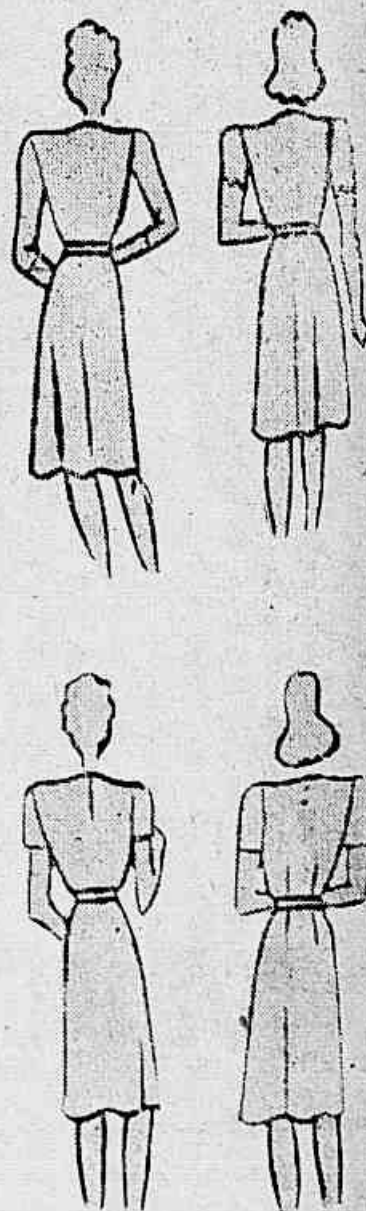
3



4



12



VESTIDO DE SEDA AZUL ENFEITADO COM BABADOS DE ORGANDI BRANCO, COM "POIS" AZUL ESCURO. BOTÕES DO MESMO TECIDO.

MODELO EM CREPE VERDE PASTEL, COM LARGA BAINHA FEITA Á MÃO, E BORDADOS EM TOM MAIS FORTE.

MODELINHO ENCANTADOR EM SEDA AZUL, COM VIEZES VERMELHOS E UM GRACIOSO BABADO PLISSADO DE PIQUÉ BRANCO.

RECORTES EM BICO SÃO O UNICO ENFEITE DESTA VESTIDO DE SEDA EM TOM CLARO.

VESTIDO EM SHANTUNG, COM LARGO LAÇO DE PIEQUE BRANCO. PREGAS NA FRENTE DA SÁIA.

DRAPEADOS TERMINADOS POR LAÇOS MODELAM ESTE VESTIDO ENCANTADOR.

MODELOS

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais completo para higiene e conservação dos dentes.



MODAS

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
À VENDA EM TODA A PARTE

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

1 — Vestido de Jersey azul com a parte da frente fingindo bolero, bordado de soutache.

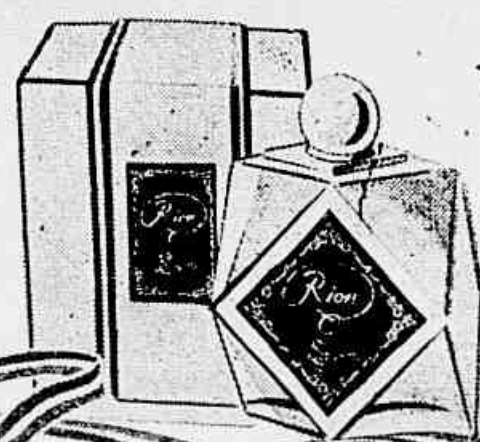
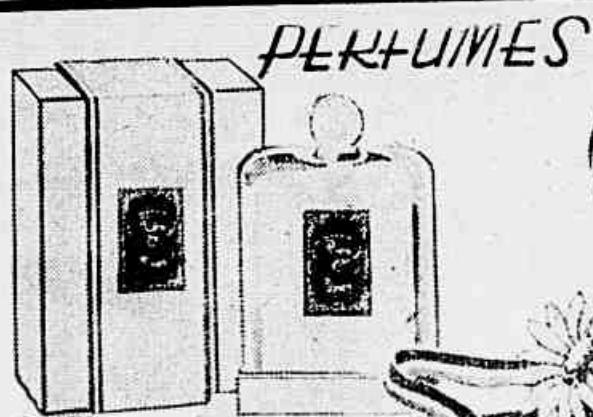
2 — Bonito costume, o casaco tem na frente um babado de ambos os lados, em branco, seda fina.

3 — Costume de tweed tipo esporte com um vize largo terminando nos bolsos; gola larga.

4 — Modelo de crepe "gris". Tiras da mesma fazendo terminando em laço e arrematadas por dois clips.



UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES
BELLES FLEURS
MUSGO CHINE
05



UM DESODORANTE
DE AÇÃO DUPLA

**ARRID EVITA MANCHAS
E ODOR NAS AXILAS**

SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Protege *você* contra o mau odor e a sua *roupa*, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantaneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja — sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.\$ 4,80 — Pote grande: Cr.\$ 9,50.

ARRID



O desodorante que mais se vende

**Loção DISCRETA
CONTRA CASPA**

Rua Flack, 153 — Rio
T. 29-2840

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS PÓROS
A VENDA EM TODA A PARTE

Dois modelos

- 1 — Vestido preto proprio para uma silhueta não muito esbelta, ligeiro franzido na cintura.
- 2 — O unico enfeite desse lindo modelo consiste em "ruches" que formam interessante desenho na blusa.



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

Salas 10,11,12 e 14 - Fone: 4-0394 -- São Paulo

(Continuação da página 31).

E uma risada selvagem encheu o buteco.

Banzar*— Pensar; imaginar. No texto aparece "banzando".

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

Namôro de sentar perto — Moral caipira segundo a qual o namorado não deve se sentar perto da eleita logo nos primeiros tempos de namôro.

Virando — Dancando.



O sonho cômico de rosa
dos perfumes!

**À VENDA
EM TODO O BRASIL**

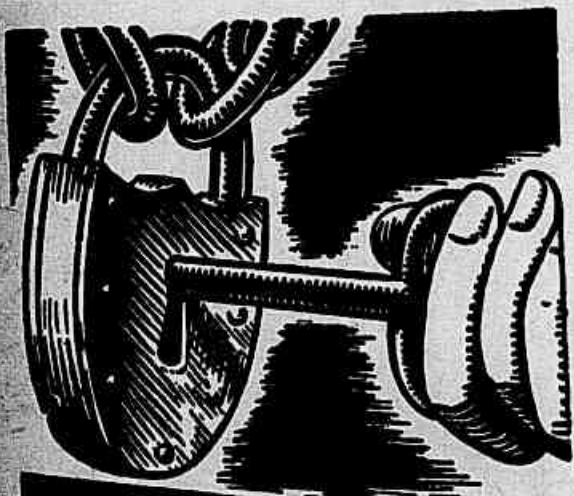
P. Ferraz

REVISTA DA SEMANA

Desperte a Bilis do seu Fígado

o saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pímulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00



LAXOLAGAR

GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. T. ARQUINO

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

Senhoras!
Se a Natureza Falha

MENAGOL

REGULA!

BIGODE

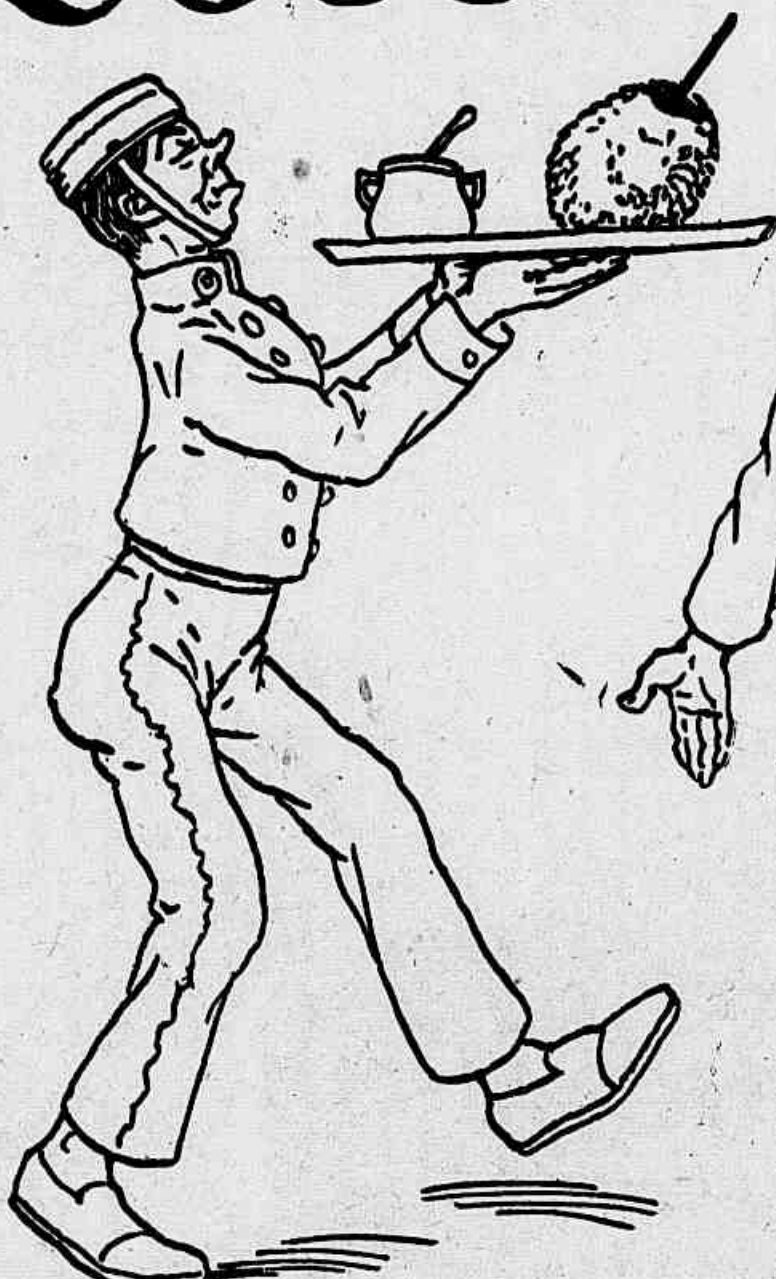
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ

SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luiz Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS

Peço enviar-me prospectos:

NOME _____
ENDEREÇO _____

Côcos...



Côco da Bahia
(Artigo de lixo)



Côco raspado
(Região devastada)



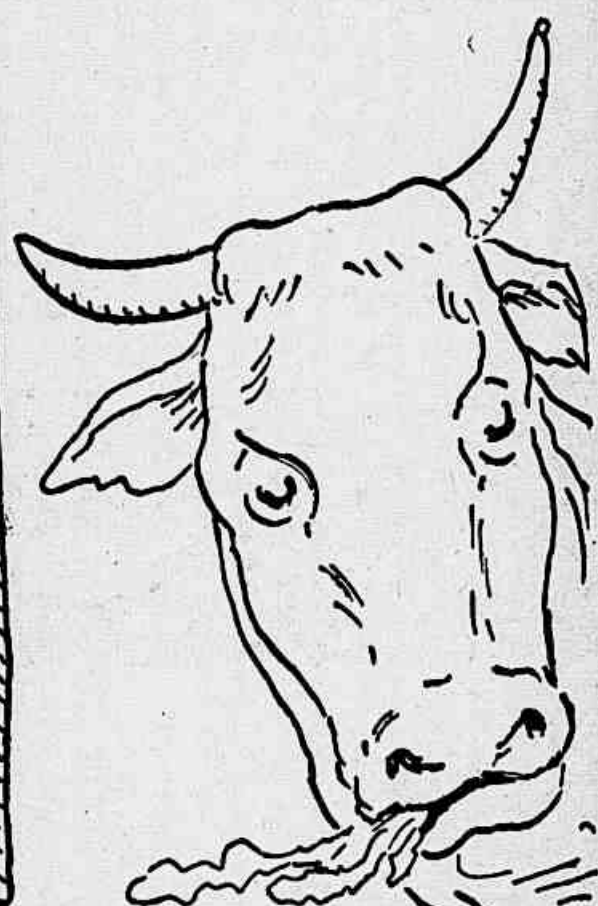
Côco fantasma
(Bicho-papão)



Côco de catarro



Côco de respeito
(Clássico)



Baba de bôl.



«Côco» dansante

«Cocada»

RAUL 1945



A IMPORTANTE FIRMA WALTER FERNANDES & CIA. LTDA., PROPRIETÁRIA DA CASA TITUR COMEMORANDO A PASSAGEM DO SEU DECIMO QUARTO ANIVERSÁRIO, OFERECEU NO DIA 31 DE DEZEMBRO ÚLTIMO, UM ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO AOS SEUS AUXILIARES. DO QUAL AQUI REPRODUZIMOS DOIS ASPECTOS.

O caso da dama em apuros

(Continuação da página 53)

Marília vai mandar limpar a joia novamente e quando ela mandar...

— Descobrirá o embuste.

— Isso! Portanto não há tempo a perder. O senhor se encarrega dêsse caso ou acha difícil de mais?

— Difícil? Não!

— Nesse caso...

— Eu tomo conta de tudo.

— Ótimo.

— Vá para sua casa descansada. Na segunda-feira mandarei chamá-la para dar-lhe o anel falso. Tenciono fazer trocá-lo pelo verdadeiro este fim de semana. O verdadeiro onde está?

— Está aqui.

— Na sua bolsa?

— Sim...

— Compreendo sua hesitação. Não tem importância. Dar-mo-á quando eu precisar dêle para fazer a substituição.

Ela teve uma expressão de alívio.

Quando Daphne saiu, Parker Pyne ficou alguns momentos meditando sobre o caso. Como haveria de devolver o anel à amiga de Daphne? Finalmente ligou o ditafone e pediu a miss Lemon que mandasse tomar informações sobre Marília.

Tiveram sorte o detective e a ladra. Marília ia dar uma festa naquele fim de semana e contratara dois dançarinos espanhóis para tomar parte num "show" que ela mesma organizara, afim de divertir os convidados.

Parker Pyne imediatamente telefonou para o casal e conversou longamente com o dançarino pelo telefone. Finalmente acedeu em deixar um outro casal substituir a ele e sua esposa na festa, recebendo em troca uma generosa indenização.

Tendo arranjado tudo, Parker Pyne mandou chamar um casal muito seu conhecido. Claude e Regina. Já o tinham ajudado em outras dificuldades. Depois de uma hora de conversa e planos, Regina e Claude acederam ao pedido de Parker Pyne e saíram para aprontar-se.

O marido deixara Marília sozinha e fora jogar pocker com alguns amigos. A festa era um sucesso, mas a dona da casa não estava se divertindo de maneira alguma. Assistira ao "show", que fora ótimo, e agora, que os convidados dança-

vam alegremente, ela ficava de pé, conversando uns instantes entre duas danças, ora com uma amiga, ora com um convidado, sem dançar. De repente viu aproximar-se Claude, o dançarino, e, o que decididamente era mais interessante, sozinho, sem a sua "partenaire".

— Madame, eu sei que é contra todas as regras um dançarino depois do "show" vir convidar a dona da casa para dançar, porém não pude resistir à tentação de dançar com a senhora.

Uma dama de idade avançada e juízo em proporção inversa dissera certa vez que Claude era um sonho de noite de verão. Marília tinha bastante compostura para não dizer o mesmo, mas também era bastante mulher para ser da mesma opinião.

Deslizando pelo salão nos braços vigorosos do jovem dançarino, a dama da alta sociedade abandonou-se completamente. Uma dessas damas maledicentes que ficam nos cantos do salão, procurando o objeto apropriado para derramar sua bile, notou:

— Olhem só como Marília dança! O tal dançarino está tão perto que não cabe nem uma folha de papel entre eles. Olhe! Olhe como ele esfrega o rosto nos cabelos dela! Que escândalo!

E o côro atrás dos leques reatou-se animado, comentando o mau procedimento da anfitriã.

De repente todas as luzes se apagaram. Marília perguntou:

— Que foi isso?

Claude não respondeu, mas naquele mesmo instante ela sentiu a carícia de uns lábios macios no ombro, beljos que a faziam estremecer e que desciam pelo seu braço até irem, respeitosos, pousar na mão que ele virara para beijar a palma. Marília não teve tempo para se mexer. Novamente as luzes se acenderam e Claude continuou a dançar como se nada tivesse acontecido. De repente, porém, exclamou:

— Oh! Deixou cair seu anel!

E abaixando-se apanhou-o.

Marília sorriu:

— Não tem importância...

— Como é?

Daphne estava ansiosa por saber o que ocorrera.

— Muito simples. Levámos o anel verdadeiro e sem que a sra. Marília soubesse, ele foi substituído. Ela estava usando o falso.

Daphne sorriu:

— Que alívio!

De repente Parker Pyne começou a rir.
— Está pensando, mesmo, que eu acreditei na sua história?

— Como?

— Pensa que eu acreditei que o anel que mandou era verdadeiro? Pensa que acreditei que é casada?

— Oh!

— Seu plano foi muito engenhoso mas falhou.

— Como?

— Sei que a senhorita não passa de uma jovem governante muito inteligente. Resolveu roubar o anel de sua patroa. Então inventou toda aquela história de dívida, marido, roubo, tudo. Em seguida trouxe um anel falso. A senhorita não queria que substituíssemos o anel falso por um verdadeiro, mas que roubássemos o anel verdadeiro. E quando houvesse

suspeitas elas recairiam sobre nós. Foi muito engenhoso mas falhou, porque o rapaz encarregado da substituição conhece bem joias — o que a senhorita não esperava — e limitou-se a tirar e tornar a colocar o anel, após ter verificado que ele era verdadeiro. O anel falso tem porém um certo valor e eu o conservarei para pagar as despesas do caso. Muito boa tarde.

— Canálha!

— Se não fôsse indelicadeza sugeriria que a senhorita verificasse como esse nome se aplica com muito mais propriedade à sua pessoal!

— Oh!

— Escute, mocinha, vou lhe dar um conselho: não tente roubar. Pode parecer vulgaridade mas é verdadeira essa frase. O crime não compensa.



Considerando a escassez cada vez maior de níqueis grandes de Cr\$ 0,40 (quatrocentos réis) — antigas moedas de \$400 (quatrocentos réis) — com os quais são processadas as ligações nos aparelhos públicos instalados nesta Cidade e, também, atendendo ao novo padrão da moeda divisionária recentemente adotado no Brasil, a Companhia Telefônica Brasileira fez promover vários estudos, de modo que fosse encontrada uma forma capaz de ir ao encontro da necessidade do público em geral, que se utiliza dessa forma de comunicação, permitindo fossem feitas as ligações sem maiores impedimentos do que a posse de moedas comuns e correntes.

Esses estudos, que duraram cerca de um ano, felizmente chegaram a um termo bastante satisfatório, isto é: os nossos técnicos conseguiram modificar o dispositivo dos aparelhos públicos de forma a que estes funcionassem com 2 (duas) moedas de Cr\$ 0,20 (vinte centavos), atualmente em uso.

O funcionamento do aparelho público, com a modificação que vai ser feita, em nada diverge do que era até agora. Apenas, ao invés de um níquel de \$400 (quatrocentos réis) para que se obtenha o ruído para discar, é necessária a colocação, no lugar das duas moedas de Cr\$ 0,20 (vinte centavos). Da mesma maneira que anteriormente as ligações não completadas ou para "00", "01", "02", "05" e "13" que são de responsabilidade das Seções e Departamento da Companhia, logo após o término das ligações, a moeda da chamada é devolvida regularmente.

Há, no momento, 403 (quatrocentos e três) aparelhos públicos funcionando no metrô urbano da Cidade, e 145 (cento e quarenta e cinco) nas diversas Redes Locais, quais irão sendo substituídos, pelos do novo tipo, gradativamente.

A título de experiência fizemos instalar alguns aparelhos públicos já com as moedas cuja operação é permissível com moedas de Cr\$ 0,20 (vinte centavos), no metrô público da Galeria Cruzeiro, os quais funcionaram a inteiro contento. Em vista disso, dentro de poucos dias iremos substituindo vários outros, colocados nos pontos de maior movimento, até que possamos concluir, totalmente, todas as substituições que se tornaram necessárias.

O clichê acima é um aspecto do ato inaugural dos novos aparelhos.

O futuro do mundo na bola de cristal

(Continuação da pag. 14)

Víamos que incomodávamos o sossego do lar de Mme. Stenius, mas não pudemos

nos furtar ao desejo de saber algo sobre o nosso futuro.

Duro é a profissão do reporter. Ele tem que fingir não saber-se importuno e amolar fartamente a consciência de quem entrevista.

Por isso não tememos pedir à pitonisa

que nos lesse o destino. Para tal concorreu também o fato de sabermos que a adivinha sempre pega nas mãos dos consulentes. E seria agradável assim, a própria revelação de um próximo tiro na cabeça, ou o vencimento de uma promessa a mais...

Mme. Stenius pegou-nos a mão, contou um pouco de nosso passado. Falou-nos em dividas, não saldadas, em coisas velhas e sem importância.

Quando chegou a vez do futuro a pitonisa falou vagamente de prosperidade e riqueza, mas não especificou nada, ou o pleno que havia de tornar-se o futuro diário da fortuna.

Depois a adivinha olhou mais uma vez a bola de cristal e disse-nos coisas:

— Vejo uma mulher morena, lá neste momento assentada, olhando fixamente para a frente. Se um dia se levantar será a mulher do seu destino.

Olhámos entusiasmados a pitonisa e inquirimos:

— Depressa, madame: como se chama a moça?

— Não sei, respondeu-nos. Procure na lista de telefones.

E foi com esta grande incógnita na mente que abandonámos a casa da pitonisa. À noite não pudemos dormir. A presença do destino aparecia sempre em nossos sonhos, coberta pelo manto do mistério.

Mal acordámos, no dia seguinte telefonámos à casa de Mme. Stenius.

Ela, porém, lá não se encontrava no Rio. Havia partido pela madrugada de avião, não se sabe para onde.

Partira de avião, levando consigo a sua arte diabólica de desvendar o futuro, levando sua coruja de madeira, sua candeia, os seus olhos felicitosos de deusa oriental, levando o nome misterioso da mulher do nosso destino.

E vós, leitores, que também deves andar atrás da mulher de vossos destinos, e nós que também a acompanhámos, que faremos nós diante da incógnita do futuro, sem a bola de cristal da grega misteriosa?

Nada podemos fazer, a não ser aguardar a volta dessa mulher misteriosa, divinamente bela e diabolicamente sábia. Sim, pois talvez um dia ela ainda nos diga algo de nosso futuro.

Esperemos esse dia. Nada mais esperar.

O tempo marcha...

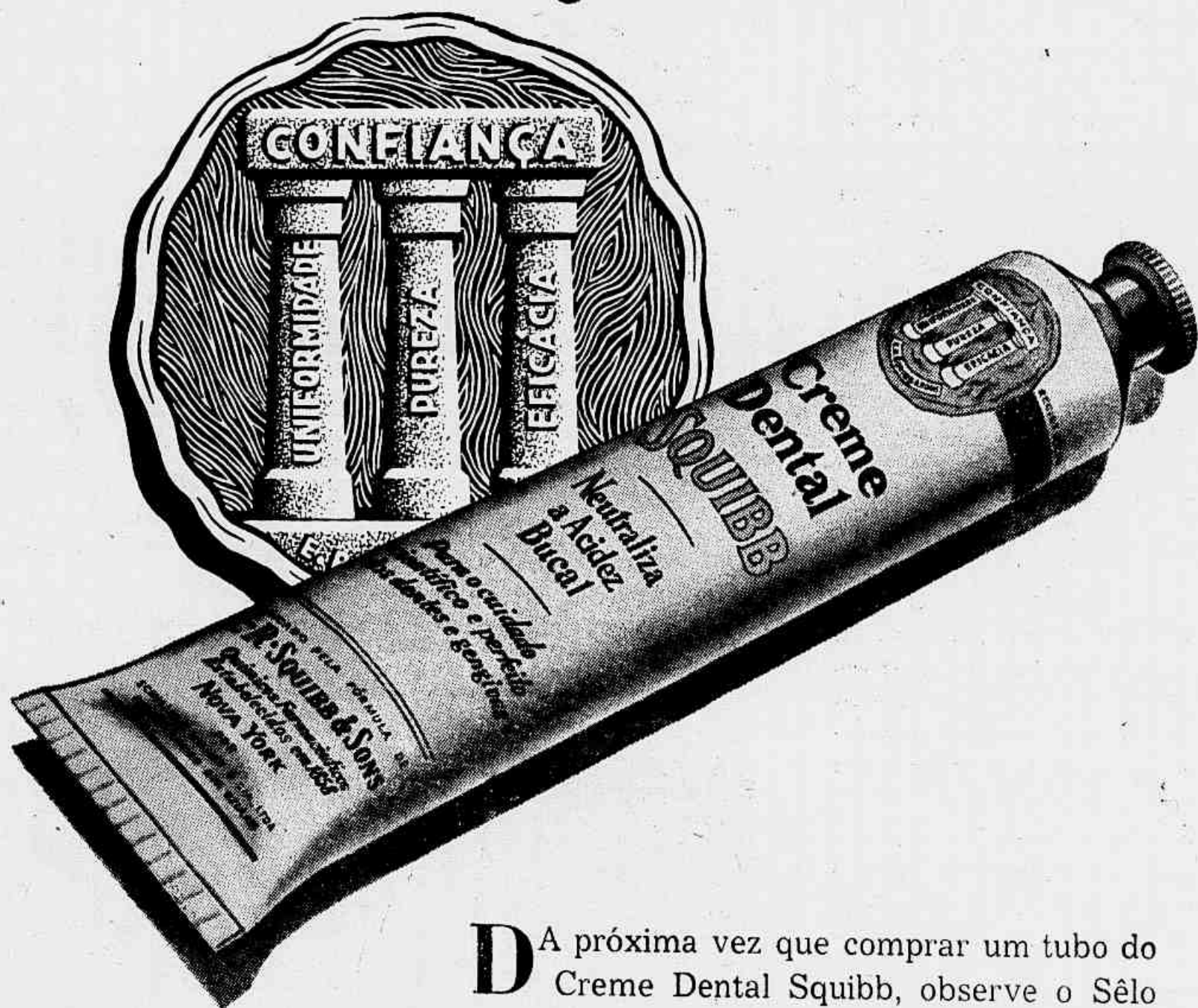
Nas planícies da Grã-Bretanha

(Continuação da pag. 14)

Entre estas aldeias encontram-se praias desertas, visitadas apenas pelas aves marinhas e pelos patos selvagens. Devido ao clima seco e saudável Felixstowe, Cromer, Lowestoft e Great Yarmouth, situadas nessa costa, são todos lugares grandemente concorridos pelos veranistas, sendo Lowestoft e Yarmouth também dois importantes centros de pesca do arenque. Se bem que não exista porto para atracação de grandes navios, o comércio costeiro é bastante próspero, e o tráfego fluvial bem grande.

Há mil anos as melhores terras da Grã Bretanha eram as de East Anglia, se bem que na Idade Média a agricultura houvesse sido superada pelo comércio de lãs. East Anglia foi o berço da próspera indústria de tecidos da Grã Bretanha. Quando este centro foi porém mudado para Yorkshire, a agricultura voltou então a predominar mais uma vez em East Anglia. Atualmente quase todo o solo está cultivado, produzindo aveia e trigo, constituindo a moagem dessas cereais uma de suas indústrias complementares. East Anglia produz também cevada da melhor qualidade, a qual era muito exportada para as cervejarias flamengas antes da guerra. Outros produtos desse fértil solo são o feijão, a batata e toda espécie de laticínios. East Anglia foi também o berço de grandes artistas, entre os quais se podem citar os escritores George Borrow e Sir Thomas Browne, e o famoso retratista Gainsborough.

Squibb é a sua garantia



DA próxima vez que comprar um tubo do Creme Dental Squibb, observe o Selo que ostenta. Note as colunas da Uniformidade, Pureza e Eficácia — e a viga transversa da Confiança. Este Selo é a garantia ilimitada que lhe dá Squibb de que este dentífrico é tão puro e seguro quanto o possam fazer os conhecimentos científicos e o cuidado humano.

Use o

Creme Dental SQUIBB

Todos gostam de usar o Creme Dental Squibb. O seu paladar é delicioso e uma admirável sensação de agradável frescor inunda a boca! O simples ato de escovar os dentes se transforma, de monótona obrigação, em um dos momentos mais agradáveis do dia. Lembre-se: não há substâncias ásperas nem adstringentes no Creme Dental Squibb — nada que irrite as gengivas nem ofenda o esmalte. Experimente um tubo... hoje!

...porque

SQUIBB É UM NOME EM QUE SE PODE CONFIAR



SALA DE JANTAR OVAL

Original, elegante, graciosa e cômoda, esta sala de jantar é um encantamento para a vista, sobre ser uma dependência prática e confortável.

Não existem aqui móveis supérfluos ou objetos de valor puramente ornamental.

A própria étagère e a cristaleira foram substituídas por embutidos simples e confortáveis, que permitem uma grande economia de espaço, facilitando a colocação das cadeiras e garantindo o conforto das pessoas que se servem desta sala de refeições.

A forma oval dá à peça um aspecto original e agradável.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA 67 - RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ